

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE ARTES  
DEPARTAMENTO DE MÚSICA**

MARCOS MEDEIROS SAPORITI

**CANTO Y CAMINO:**  
Vivência cultural como fonte de inspiração artística

PORTO ALEGRE  
2021

MARCOS MEDEIROS SAPORITI

**CANTO Y CAMINO:**

Vivência cultural como fonte de inspiração artística

Projeto de Graduação em Música Popular  
apresentado ao Departamento de Música do  
Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio  
Grande do Sul como requisito para a obtenção do  
título de Bacharel em Música.

Orientadora: Profa. Dra. Caroline Soares de Abreu

PORTO ALEGRE  
2021

### CIP - Catalogação na Publicação

Saporiti, Marcos  
CANTO Y CAMINO: Vivência cultural como fonte de  
inspiração artística / Marcos Saporiti. -- 2021.  
84 f.  
Orientadora: Caroline Soares de Abreu.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto  
de Artes, Curso de Música: Música Popular, Porto  
Alegre, BR-RS, 2021.

1. música. 2. chacarera. 3. Santiago del Estero. 4.  
Etnomusicologia. 5. composição. I. Soares de Abreu,  
Caroline, orient. II. Título.

A toda la gente de Loreto y Santiago del Estero que directa o indirectamente ha hecho posible ese camino y ese trabajo. En especial a mis queridos amigos Martin Medina, Matias Ledesma, Yvan Herrera, Faby Mansilla, Luis Quiroga y Chino Córdoba. À minha família, minha namorada, Aninha Wentz D. e a todos que são alicerce para tantos sonhos.

## ÍNDICE

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>4</b>
<b>I - AQUELE QUE ANTECEDE A PRIMEIRA SAÍDA</b>	<b>6</b>
<b>II - A PRIMEIRA VEZ EM SANTIAGO DEL ESTERO: EM BUSCA DA CHACARERA</b>	<b>11</b>
<b>III - AQUELE QUE ANTECEDE A VOLTA A SANTIAGO, A VOLTA EM SI E OUTRAS RICAS E NÃO MENOS INTERESSANTES HISTÓRIAS</b>	<b>16</b>
<b>IV - DAS VISITAS A ESCOLAS RURAIS E DA PRIMEIRA CHACARERA - UMA TRUNCA</b>	<b>24</b>
<b>V - FIESTA DEL TANICU E OUTRAS INSPIRAÇÕES: NIDITO SANTIAGUEÑO</b>	<b>30</b>
<b>VI - A PRIMEIRA APRESENTAÇÃO EM SANTIAGO DEL ESTERO</b>	<b>33</b>
<b>VII - A PEREGRINAÇÃO A VILLA VIEJA: VIRGENCITA DE LORETO</b>	<b>36</b>
<b>VIII - AQUELE QUE FALA SOBRE SAUDADE, FIM DO ANO E ANTECEDE ANDANÇAS EM OUTROS FESTIVAIS</b>	<b>39</b>
<b>VIX - JESÚS MARÍA Y COSQUÍN - AS AVENTURAS EM CÓRDOBA</b>	<b>42</b>
<b>X - AS PARCERIAS EM TERRITÓRIO BRASILEIRO E OUTRAS IMPORTANTES HISTÓRIAS</b>	<b>46</b>
<b>XI - DE VOLTA A SANTIAGO, ALGUMAS VICISSITUDES E UM TANTO DE INSPIRAÇÃO</b>	<b>51</b>
<b>XII - LORETO AMADO, SIEMPRE TE CANTARÉ</b>	<b>57</b>
<b>XIII - SUCESSOS E FRACASSOS: COMO SE FINDA ESSE RELATO. A HISTÓRIA CONTINUA...</b>	<b>62</b>
<b>ANEXO:</b>	
<b>ESPECIFICAÇÕES TÉCNICAS DA CHACARERA E GÊNEROS PRIMOS</b>	<b>66</b>
- CHACARERA SIMPLE	68
- CHACARERA DOBLE	68
- CHACARERA TRUNCA	69
- GATO	70
- ESCONDIDO	71
- ZAMBA	72
<b>CRENÇAS, COSTUMES E LENDAS DE SANTIAGO DEL ESTERO</b>	<b>73</b>
- A SALAMANCA	73
- A TELESITA	75
- EL ALMA MULA	76
- KAKUY	77
- TANICU	78
- LA MUERTE DEL ANGELITO	79
- FESTAS POPULARES	79
<b>MÚSICAS COM TEMAS DE LENDAS E CRENÇAS</b>	<b>81</b>
<b>ALGUNS ARTISTAS RECONHECIDOS E REFERENTES MEUS</b>	<b>81</b>
<b>BIBLIOGRAFIA</b>	<b>83</b>

## INTRODUÇÃO:

Em 2017, tive a imensa felicidade de publicar *Canto y Camino*, meu primeiro disco, com 16 faixas autorais. E eu posso apostar com você, caro leitor, que não havia vivente mais deliciado com a vida do que eu. Mas, como é sabido, não há bem que dure para sempre. Quando a realidade confronta a expectativa puxando bruscamente os freios dos galopantes sonhos desvairados, não há artista que saia ileso do tombo. Sem a repercussão que meu ego julgava ser merecedor, perdi-me em meus pensamentos sobre minha música e, pior, sobre minha capacidade de fazer arte. Evitava me apresentar ou me juntar com outros músicos, com receio de falhar e, nas aulas da faculdade, sentia-me inseguro de estar tocando com tantos colegas qualificados.

Em 2020, com a chegada da pandemia do Coronavírus e o período de suspensão de aulas, entendi que era hora de me afastar um pouco da música para ver onde aquele silêncio me levaria como artista, criador. Comecei a buscar outras formas de fomento à criatividade como desenho, pintura e escrita criativa. Encontrei no livro *O Caminho do Artista*, de Julia Cameron, um apoio emocional para o período que vivia, tentando compreender os bloqueios criativos, as inseguranças, imperfeições e autocobrança, todos sentimentos recorrentes não só em artistas, mas também em profissionais das mais diversas áreas. Com exercícios diários, divertia-me com os contos, rostos e figuras que criava. Empolguei-me com a ideia de um projeto que conectasse os desenhos à música e, já retomada as aulas da faculdade, fui buscar apoio bibliográfico para embasar esse trabalho de conclusão que agora apresento.

No livro de Rubén López Cano e Úrsula San Cristóbal Opazo, "*Investigación Artística en Música - problemas, métodos, experiencias y modelos*", encontrei suporte para uma pesquisa autoetnográfica, ou seja, que falasse de mim, baseado na minha história e na cultura que me cerca. Chamou-me a atenção a ideia de reconstruir uma memória pessoal para entender o meu momento quando tão criativo, o que acontecia comigo, com minhas emoções e minhas vivências. Por quais motivos criava tanto e também enxergar o oposto, o que eu vivencio quando não tenho vontade ou inspiração para compor.

Foi só na apresentação do projeto de pesquisa, porém - instigado pela banca formada por Jair Umann e Ana Fridman - que percebi a relevância que um relato sobre minhas andanças por solo santiagueño poderia ter não só para mim, mas para a academia e, ainda mais importante, para muita gente que não necessariamente está inserida nesse ambiente universitário. A mim, já me serviu para entender que, majoritariamente - ao menos até essa etapa da minha vida - preciso de vivências que me inspirem uma composição nova. Essas criações tendem a ser fruto de alguma experiência que mexe com o emocional, mais que a simples imaginação. Não que a segunda não possa acontecer. Em projetos paralelos, com outro gênero musical, as letras foram mais imaginadas do que de fato vivenciadas.

Para a academia, espero que de alguma forma minhas andanças possam inspirar e atizar a curiosidade sobre culturas de países próximos, vizinhos, latino-americanos que são esquecidos e ignorados como se pouco tivessem a contribuir com o nosso aprendizado. Mais que isso, contribuir com minhas experiências para reforçar a importância da inserção em uma cultura nova como forma de entendê-la e respeitá-la. É meu grãozinho de areia nessa área já tão estudada.

Para o público em geral, não necessariamente da academia, não se preocupe, esse relato é sobretudo para vocês. A linguagem é literária, como quem narra uma história e não científica e acadêmica. De nada me serviria contar essas experiências de uma vida tão simples para um público seletivo e erudito. Seria contraditório e, mais do que isso, não seria

verdadeiro, não seria eu. Não é minha pretensão inspirá-lo a sair andando por aí. Contento-me com entreter e, se por acaso andas meio perdido como eu nesse momento, não te preocupes, logo acharás teus cantos e teus caminhos. Como também é sabido, não há mal que nunca acabe. Finda-se aqui essa longa e quase interminável introdução. Desejo-te, caro leitor, uma rica e leve leitura.

\*Todos os links inseridos neste trabalho foram acessados entre março e maio de 2021

I  
AQUELE QUE ANTECEDE A PRIMEIRA SAÍDA

Lembro-me bem, sentado em frente ao bar da arquitetura da UFRGS, com um violão e meu amigo - e então colega - Roberto Steyer, ao meu lado. Fiz-lhe uma proposta, convite, quase um desabafo: queria tocar e cantar música gaúcha.

Aprendi a tocar violão com um pequeno livreto de músicas cifradas e um caderno em que meu irmão havia escrito à mão alguns acordes básicos, sem pestana. Devo estar falando dos anos 2000, não tenho bem certeza. Era fim de semana e ele estava na praia. Eu olhava as cifras e logo o caderninho para ver como se fazia o acorde. Quando ele retornou, eu já estava tocando, com dificuldades, Homem Primata, dos Titãs.

Iniciei-me musicalmente dentro do rock. Escutava Nirvana, Guns n' Roses, Aerosmith e Metallica. Depois, fui conhecendo bandas como Kiss, Iron Maiden, Helloween, Angra e algumas outras que escutava com menor frequência. Aprendi e desenvolvi algumas habilidades que, para meu círculo de amizade, eram consideradas diferenciais. Precisamos atentar para a conexão por linha telefônica, a dificuldade e lentidão para baixar uma música em formato mp3, a inexistência de Youtube ou outras plataformas comuns e imprescindíveis em 2021. Certa vez, na saída do colégio, um amigo que ainda estava dando os primeiríssimos passos no violão me perguntou se eu não pensava em fazer aulas. "*Pra quê? Eu já sei tudo!*" respondi, não de forma arrogante porque nunca foi de minha natureza, mas por uma dose de inocência e várias de falta de conhecimento, ignorância, como tu, leitor, queiras chamar. A verdade é que pouquíssimos do meu círculo de amizade eram músicos e música não foi herança de família para mim. Raras vezes, por exemplo, vi meu pai colocar alguma música para escutar e, quando o fez, era gaúcha.

Não me estenderei em detalhes neste tópico, mas não tínhamos recursos/incentivos para estudar música para ingressar na universidade. Ou o que tínhamos era priorizado para outros estudos. Escolhi cursar Publicidade e Propaganda. Não deixei de tocar, mas de estudar música, sim.

\*\*\*

Desde sempre, esbarrei em dificuldades técnicas. Era criativo já naquela época, mas pouco disciplinado. O repertório que eu gostava, não conseguia cantar devido às limitações de extensão vocal e o pouco conhecimento sobre fisiologia vocal. Em viagens internacionais - a primeira em 2008 - conheci outros grupos, bandas e fui de certa forma responsável por apresentá-las a um grupo de amigos mais próximos. Como ninguém sabia cantar aquelas músicas - na sua maioria provindas da argentina - nos nossos encontros, quem as cantava era eu. Não que nunca tivesse cantado antes. Participava com meu muito bom amigo Ricardo Steyer fazendo backing vocals quando tocávamos os dois e, mais tarde, arriscava-me a cantar algumas poucas músicas quando já éramos três, a Acústico Marilu, agora com meu irmão, Lucas Saporiti. O nosso trio se formou de forma bem orgânica e lenta. O Ricardo conseguiu um bar para tocar duas vezes por semana na avenida Goethe, em Porto Alegre, mas não tinha equipamentos e o estabelecimento não os fornecia. Meu irmão, o Lucas, tinha, emprestava para o Ricardo e acabava tocando um pouco. Eu estava sempre presente e às vezes tocava umas poucas ou com o Ricardo, ou com o Lucas. Lá em 2009, não recordo como, alguém conseguiu uma apresentação no Aquavit, bar na av. República, na Cidade Baixa. Tocamos meio no susto os três juntos. Dois violões, três vezes



e uma percussão (ovinho e meia-lua) que eram todos intercambiados dependendo da música. Foram muitos amigos, a apresentação durou horas e seguramente os donos do bar ficaram contentes com o consumo. Ofereceram-nos todas as quintas-feiras para tocar e durante aquele ano inteiro, o bar sempre se enchia de amigos, música e alegria, mesmo no alto do inverno.

Para ser mais preciso, tive que soltar um pouco a voz e criar coragem lá na Austrália em 2008. Para conseguir me dar algum conforto, comecei a tocar na Central Station em Sydney, sozinho. Não conseguia muito trabalho, mais que nos finais de semana. Meu inglês ainda era muito pobre, fui justamente para aprender. Por isso, o que ganhava me bastava apenas para pagar as contas e comer de forma simples. Tocar era necessário e foi uma experiência incrível.

Depois, em 2010, recém formado em Publicidade e Propaganda, fui a Buenos Aires fazer uns cursos, passar um tempo. Acabei conseguindo trabalho num hostel, o que me manteve tranquilo. Não me pagavam muito e seria inútil tentar guardar algo do que ganhava. Acabaria desfrutando pouco e juntando nada. Aproveitei a alta temporada em Buenos Aires, o hostel cheio e sugeri a realização de alguns eventos como “*Cerveza, Música y Empanadas*” onde basicamente eu fazia tudo e contava com uma certa ajuda de meus colegas. Cozinhas, encarregava-me de encher a geladeira de Quilmes, da divulgação e, claro, de tocar e cantar. Era descontraído, era legal e fiz muitos amigos naquela época.



\*Cartaz do evento feito no Paint Brush, com o mouse

Cheguei em Porto Alegre em abril de 2011, meio perdido, sem saber bem o que fazer. Mandei currículo para todo o lado, e até a São Paulo fui para as últimas etapas da seleção do Big Brother Brasil depois de preencher um formulário de uma forma bizarra. Mas isso é outra história. A verdade é que uma única vez me chamaram para entrevista. Fiquei como segunda opção. Naquele momento, com essa derrota, decidi que deixaria a publicidade em segundo plano e estudaria música.

\*\*\*

Em fevereiro de 2012, numa viagem que fiz com amigos à Bolívia, Chile e Argentina, conheci a Casona del Molino, em Salta, província do norte da Argentina. Andando pelas ruas

da cidade - que leva o “sobrenome” de La Linda - perguntava curioso sobre peñas, apresentações culturais, de folclore argentino. Eram custosas demais para o que estávamos capacitados a pagar e muito turísticas, mais do que buscávamos. No hostel, recomendaram-nos que fossemos à Casona: entrada grátis, muita música, comida típica e pouco turística. E realmente era assim. Um casarão, gente tocando folclore argentino de altíssima qualidade em cada quarto/peça, tomando vinho e comendo assado, empanadas e outras especialidades da região. Estavam o violão, o bombo leguero e o violino. Às vezes, um acordeon e muitos cantores. Muitos. Tudo informal, não como em grandes espetáculos, mas em roda, com conversa entre cada música, risadas e lágrimas, e um clima muito amistoso. Pedi referência de artistas para escutar em casa e guardo até hoje o pequeno papel com vários artistas anotados. Voltei a Porto Alegre com ainda mais vontade de estudar música. Ingressei em 2012 no Coral da PUCRS. Reaprendi teoria básica, desenvolvi percepção e tudo aquilo que é necessário para ingressar no curso de Música da UFRGS. E foi nesse momento que me ligaram para novas entrevistas, as duas com grande possibilidade de sucesso. Eu já tinha tomado minha decisão. Minha prioridade era ingressar na UFRGS e não abriria mão disso outra vez. Agradei gentilmente por haverem se lembrado de mim e contei-lhes que meus planos já eram outros.

Nesse mesmo ano, juntamos a Luiza Tavares, baterista, os irmãos Ricardo e Roberto Steyer, e eu para formar *Os Maravilhas*. Não durou mais do que três ou quatro ensaios, mas era bom, era divertido e bem arranjado. Roberto encabeçava os arranjos, sobretudo vocais. Tocávamos duas ou três composições minhas e outras da banda The Specials. Queríamos botar sopros no futuro, sax, trompete e trombone. Os três homens cantavam, o Ricardo tocava baixo e eu e o Beto, guitarra. O grupo não durou muito. Em poucos meses, o Ricardo foi viajar para a Austrália e deixou a *Acústico Marilu* e *Os Maravilhas* órfãos de esse enorme talento.

Para não amolar você, leitor, encurto esse fragmento do relato. Passei na prova específica de música da UFRGS. Fui muito bem na teórica e, com nível elevado de tensão e nervosismo, toquei e cantei Zamba de mi Esperanza, do Jujeño Jorge Cafrune, e À Primeira Vista, de Chico César. Logo depois de aprovado nessa etapa, consegui trabalho no Anglo em troca do curso Intensivo pré-vestibular que durou algo como dois meses. Estudei o que sabia que poderia pontuar e abandonei as disciplinas que não teria tempo suficiente para aprender algo relevante que melhorasse minha classificação. A tática deu certo, fui aprovado no vestibular 2013 para o curso de Música Popular. No encontro dos bixos da Música em 2013, curiosamente estávamos eu e Beto, amigos, aprovados no mesmo vestibular, para o mesmo curso. Todos compartilhamos canções e histórias e claro que ele e eu tocamos algumas que estávamos acostumados: “*Nossa! Vocês têm que estar juntos na prática em conjunto*”, disse alguma colega se referindo a uma disciplina da faculdade. Era muito legal essa parceria com os Steyer. Músicos que admiro muito e que hoje estão tocando música brasileira de altíssima qualidade na Austrália.

\*\*\*

Ainda em 2012, na retomada oficial aos estudos de música, agarrei meu simplíssimo violão decidido a aprender músicas mais difíceis em comparação com as que já tocava. A primeira que me empenhei nesse novo ciclo foi a Sarabanda de Handel. Em algum momento que me foge à memória, voltou-me um antigo desejo de aprender música gaúcha,

as levadas, principalmente. Nessa procura, conheci Fernando Graciola, que foi meu primeiro professor de violão. Para ser sincero, fiz pouquíssimas aulas com ele, mas foram importantes e produtivas. Fui entendendo os compassos de cada estilo, movimentos da mão e características básicas para diferenciar ritmos.

Outro evento super importante foi o Primeiro Festival Internacional de Violão do Mercosul, realizado em fevereiro de 2013 na cidade de Rio Grande - RS. Tive contato com músicos incríveis como Marcello Caminha, Maurício Marques, Thiago Colombo, Juan Falú e o grandíssimo homenageado Don Lúcio Yanel. Abria-se um universo para mim.

Sentado naqueles degraus altos em frente ao bar da arquitetura da UFRGS, verbalizei essa vontade de tocar música gaúcha ao Roberto Steyer. E era tanta coisa acontecendo ao mesmo tempo... Nos primeiros semestres, aulas da Luciana Prass sobre Música Popular do Brasil. Depois, com a Marília Stein, Músicas Tradicionais do Brasil, outra disciplina da etnomusicologia. E fui me apaixonando por esses temas ao mesmo tempo que cobrava a presença do Rio Grande do Sul naquelas aulas. Não conseguia entender como que Telmo de Lima Freitas ou Noel Guarany, por exemplo, nunca eram citados. Como? Em uma única aula, apareceu Vitor Ramil, o mais confortável para a academia, o mais conhecido e urbano músico gaúcho. Não quero que soe pejorativo. Admiro o trabalho dele, a referência que é, as conexões que fez e a relevância do seu trabalho. Mas Vitor morou em cidades grandes como Pelotas, Porto Alegre, Rio de Janeiro, andou pela Europa e sabe-se lá que outros lugares. Que tal se trouxessem alguém de São Borja ou da Bossoroca, que andou por vilarejos, *parajes* e pueblitos na Argentina, Bolívia, entre outros países vizinhos, atrás de culturas próximas, hermanadas? Ou aquele que vive num ranchinho, campo adentro, acostumado com a solidão, com o sol extremo e com o rigoroso inverno da campanha? Que levanta às 5h30 para tomar o mate, trabalha no campo e ainda faz versos e música? Ao mesmo tempo em que víamos as pesquisas de Mário de Andrade que me fascinavam tanto, fechávamos os olhos para as andanças de Barbosa Lessa e Paixão Côrtes ou, de novo, Noel Guarany, de maneira menos formal. Por quê? E os festivais nativistas que tiveram seu auge nos anos setenta atraindo inclusive muitos músicos urbanos devido às generosas premiações? E os encontros que acontecem até hoje em diversas cidades do Rio Grande do Sul, onde propõe-se um tema, uma frase, na sexta-feira à noite para que apresentem uma composição no sábado? Grande fomento a poetas e músicos de todo estado e estados e países vizinhos. Lugar de confraternização, aprendizado e de trocas, muitas trocas culturais. Até hoje, ninguém me respondeu satisfatoriamente essas perguntas. E aqui faço essa espécie de desabafo mesmo, com certa agonia, justamente porque a universidade é um dos lugares onde mais se luta contra qualquer tipo de preconceito. E quando se trata de música gaúcha, a estereotipam sem o conhecimento necessário para construir uma imagem bonita da nossa cultura local. Temos questões a serem repensadas culturalmente? Claro que sim. E que outro lugar que não tem? Não estou aqui apenas para fazer carinho na universidade. Foi importante para mim, claro, mas também deixou feridas e desgostos.

Numa lista imensa de gêneros, estilos musicais que poderiam ser escolhidos por cada aluno para realizar um certo trabalho de uma das disciplinas da etnomusicologia, não constava nenhum do Rio Grande do Sul. Pedi à professora para fazer sobre chamarrita. Fiz com tanto prazer aquele trabalho que, quando o apresentei, parecia que conhecia há muitos anos sobre o tema. Origem açoriana, a diferença da dança, ritmo e compasso em Portugal e no Rio Grande do Sul, a semelhança com danças açorianas de outros nomes. Poderia

facilmente usar esse trabalho como base para um TCC. Não seria má ideia. Mas Loreto e Santiago del Estero realmente me tocaram muito. Bem... até aqui, chega meu desabafo.

A falta de disciplinas específicas do nosso instrumento e toda essa distância entre o que eu queria aprender e o que a universidade se propunha a ensinar foi significativa para que eu perdesse o interesse nas aulas. Embora possa parecer, não sugiro aqui que seja culpa da UFRGS. Entendo que eu não soube naquele momento trazer o conhecimento das aulas para as minhas práticas musicais extra-universidade. Achava os assuntos muito distantes e preferi me aprofundar nessas vivências pessoais a me dedicar aos estudos curriculares. Isso tem um preço. Sinto-me hoje um músico com limitações importantes, às vezes, não um instrumentista ou cantor, mas alguém que toca e canta.

Procurei, então, Marcello Caminha, uma das grandes referências do violão gaúcho, para fazer algumas aulas. Foram poucas, mas incríveis. Marcello é um professor dedicado e cuidadoso, tem um material muito bem preparado e uma capacidade ímpar de transmitir conhecimento. Aprendi muito com ele, mas o que levo guardado são as conversas que só eram interrompidas pelo relógio que parecia se apurar mais nos nossos encontros. Em um deles, Marcello, já sentindo que a música do norte da Argentina mexia de maneira diferente comigo, disse-me: “*Se é o que tu sente, te joga!*” Nas aulas, vimos chamamé, chamarrita, milonga, vaneira e aquelas que eu mais ansiava aprender: a zamba e a chacarera. Para essa última, pegamos como referência “La Yapa” - chacarera doble - versão do Chaqueño Palavecino. Por ele provavelmente conheci e tentei - sem sucesso - fazer os primeiros rasgidos da chacarera. Lembro-me de escutar “La Casona del Molino” uma *cueca* - dança típica da região da Argentina, Chile, Bolívia - que fala da mesma peña que fomos em Salta em fevereiro de 2012.

Rumando caminhos parecidos aos de outros cantatores gaúchos que sozinho se acompanhavam com o violão, principalmente inspirado em Noel Guarany, aos poucos, fui me aproximando das fronteiras até de vez cruzá-las quando fui apresentado às canções de Atahualpa Yupanqui e Jorge Cafrune. Em fevereiro de 2014, parti pela primeira vez rumo a Santiago del Estero.

## II

### A PRIMEIRA VEZ EM SANTIAGO DEL ESTERO: EM BUSCA DA CHACARERA

A viagem começou nos primeiros dias de fevereiro de 2014. Saímos de Porto Alegre num Fiesta vermelho, Siroca, Lins e eu, amigos da vida. Tínhamos propostas diferentes: eles, dar a volta no Uruguai, entrando por um lado e saindo por outro; eu, ir a Santiago del Estero. Concluímos que poderíamos começar juntos a viagem, entrando no Uruguai por Rivera. Assim fizemos, seguimos a Tacuarembó, onde comemos e passamos algumas poucas horas. Chegamos em Salto, cidade às margens do rio Uruguai, no extremo oeste do país, já era noite. Ali ficamos e nos divertimos bem por uns dois ou três dias.

Já solito, cruzei a fronteira da Argentina com destino a Paraná, capital da província de Entre Rios, onde ficaria por alguns dias hospedado - através do couchsurfing, site de hospedagem gratuita - na casa de Sergina. Já nas primeiras horas, ela me apresentou para muitos amigos, contei-lhe dos meus planos e ela, um pouco sobre Paraná. Certo dia me pediu para que fôssemos juntos à casa da sua avó para que eu tocasse - entre outras músicas - Zamba de mi Esperanza, uma zamba de Jorge Cafrune que a avó dela adorava. Lembro-me que foi uma experiência muito emocionante e que já fazia valer a pena aquela viagem. Mas ainda tinha muito a andar. Fiz muitos amigos temporários em Paraná, mas aquilo que buscava, não encontrei. Lembro-me de convencer vários desses amigos a ir numa peña num local meio afastado do centro, já quase saindo da cidade. Fomos e, para a nossa surpresa, o carro dos músicos, que vinham de Santa Fé, estragou e eles não conseguiram chegar ao local. Acabei eu tocando algumas músicas, mas praticamente sem público. De qualquer forma, foi muito interessante conhecer a cidade à beira do rio de mesmo nome. Passava horas sentado, tomando meu mate e observando os movimentos das águas. No fundo, a cidade de Santa Fé acinzentava a paisagem azul e verde e eu esboçava alguns versos que serviram só para aflorar algumas emoções momentâneas.

\*\*\*

Muito grato, me despedi de Sergina e dos outros amigos e parti rumo a Santiago del Estero num ônibus que duraria muitas horas. Parei primeiro na rodoviária de Santa Fé onde tive que esperar tempo suficiente para me sentir entediado. Comprei um caderno rosa com um elefante na capa - o único com bom preço que encontrei - para anotações, ideias e inspirações. Foi-me útil durante toda a viagem. Saquei o violão do case e toquei discretamente algumas músicas para ver se acelerava o tempo. Funcionou.

Quase chegando no meu destino, um argentino puxou assunto comigo. Lembro que já queria amanhecer. Ele me perguntou meio espantado o que eu estava indo fazer em Santiago del Estero. Dizia-lhe que queria aprender chacarera. *“Pero vas a morir de calor! Hace mucho calor en el verano!”* Era um salteño que, apesar de incrédulo da minha aventura, desejou boa sorte e me felicitou por aquilo que eu procurava. *“la chacarera es hermosa...”*

Desembarquei talvez antes das 6h da manhã e meu recente amigo seguiu rumo a Salta. Peguei meu violão e minha mochila e aguardei na rodoviária até conseguir alguma

informação de pousadas e de que sentido deveria caminhar quando saísse da rodoviária. Estava tudo fechado ainda.

Eu não tinha hospedagem e meu dinheiro era curto. Não poderia me dar muitos luxos. Caminhei demais, sempre de olho no mapa que tinha conseguido na rodoviária. Meu celular servia só para jogar o jogo da cobrinha. O violão dentro de um hard case já parecia um saco de cimento que solidificou. Não havia hostel em Santiago del Estero. Os hotéis que passei eram muito caros para o que eu poderia pagar. Já andava por uma parte menos convidativa da cidade até que achei uma pousada bem humilde, mas que tinha uma cama que não dava para chamar de boa, um ventilador e o mais importante: bom preço. A aventura, enfim, começava.

Às nove horas da manhã, o termômetro da praça Libertad, no centro da cidade, marcava 32 graus. Eu andava exausto procurando belezas que, sem eu saber, ocultavam-se debaixo da terra e por trás de toda aquela aridez. Achei uma livraria onde pensei que pudesse encontrar algum livro para iniciar minhas pesquisas sobre o folclore local e pedir informações de peñas e eventos que aconteceriam naquela semana. A atendente foi muito gentil e me sugeriu que voltasse à tarde para falar com a Luciana, outra funcionária, que saberia me ajudar mais precisamente. Comi algo e voltei à pousada entendendo que merecia um descanso depois daquela longa viagem e do choque cultural que começava a se apresentar. Às 14h, saí outra vez para dar continuidade às minhas andanças. O calor era muito pior. Não havia ninguém naquelas desertas ruas. Meus sinceros pensamentos naquele momento eram *“o que que eu estou fazendo nessa cidade?!?!?!?”* Entendi, mais tarde, que era o horário da siesta. Ninguém sai de casa para trabalhar entre às 14 e 17 horas, devido ao calor. É costume, tradição: *“si no duermes la siesta, no sos santiagueño”*. Essa andança solito numa cidade praticamente fantasma me inspirou dois anos depois a seguinte estrofe, antepenúltima música composta para o cd Canto y Camino:

*“Perdidas mis ilusiones  
Ya no encuentran camino  
Perdido soy forastero  
Que arde en la siesta solito”.*

De tardezinha, voltei à livraria Utopia e perguntei pela Luciana. Ela mesmo me atendia. Apresentei-me e expliquei que era um músico brasileiro que queria aprender e vivenciar a chacarera. Pedi informações sobre livros, lugares e pessoas - *“Aguantame un segundo que voy a llamar a un amigo folklorista”*. No mesmo momento, pegou seu celular e ligou para Ale Carabajal - *Ale, escuchá! Estoy con un músico de Brasil que quiere aprender folklore. Estás en casa? Dale.* - desligou - *“me ha dicho que vayas a su casa. Aquí está la dirección”*. Me entregou um papelzinho e desejou boa sorte.

Caminhei aproximadamente dez quadras e, ao chegar, bati palma na frente da casa, pois não havia campainha. Ali, tive minha primeira decepção, fruto de um preconceito ou de uma expectativa que assumi por livre associação das minhas vivências. Ale, o folklorista, não tinha barba branca e seus 60 e poucos anos como eu havia imaginado. Era jovem como eu, uns 27 anos e cabelo comprido. *“Que isso?”* pensei. *“Não era assim que imaginava um folclorista. O que ele vai me ensinar?”*

Muito gentilmente, sorrindo, convidou-me para entrar. Ofereceu-me algo para beber e já pegou algumas folhas e uma caneta. Perguntou-me o que eu já conhecia. Respondi que gostava muito de Atahualpa Yupanqui, Jorge Cafrune e um pouco de Chaqueño Palavecino. Para esse último, fez uma cara de desgosto. Depois me explicou que o Chaqueño não era da província e fazia um folklore mais comercial. “*Y alguno de Santiago? La familia Carabajal<sup>1</sup>, Rally<sup>2</sup>? Jacinto Piedra<sup>3</sup>?*” Esclareceu-me que Carabajal era um sobrenome comum em Santiago e que ele não fazia parte da família à qual se referia. Envergonhado, respondi que não conhecia nenhum. Ainda que eu falasse razoavelmente bem espanhol, fruto das minhas andanças por países vizinhos, eu estranhava o sotaque santiagueño. A fonação distinta do erre (R), a conjugação dos verbos. Era tudo diferente para mim.

Confesso que perdi a noção de tempo nesse momento, mas para a minha surpresa, Ale sabia demais. Explicou-me em talvez duas horas que a chacarera não era só ritmo, mas também dança, que possuía estruturas definidas e diferentes para a “simple” e “doble”, e ainda podia ter a variação “trunca” ou mesmo ser apenas “aire de chacarera”. Numa folha, escreveu a letra completa de Hermano Kakuy para me mostrar a chacarera simples. Em outra, Añoranzas, para a doble. Na terceira, Chacarera del Patio, para exemplificar a trunca. Leu verso por verso tratando de deixar bem claro o significado de cada estrofe, explicando as lendas, costumes, contextualizando histórias, interpretando metáforas e exaltando o talento dos poetas locais. Mais adiante, comentarei sobre a diferença das estruturas, mesmo não sendo essencial para a história que aqui se conta. Por agora, brevemente, deixo uma estrofe de cada:

*Simple:*

*“Cuenta la gente  
Alla en el pago  
Lo sucedido  
Entre dos hermanos”*

*Doble:*

*“Cuando salí de Santiago  
Todo el camino lloré  
Lloré sin saber porque  
Pero yo les aseguro  
Que mi corazón es duro  
Pero aquel día lloré”*

*Trunca:*

*“Si habré bebido estrellas  
Que a mi vaso bajaban  
En las noches de amigos  
Patio, copla y guitarra”*

---

<sup>1</sup> Família tradicional e reconhecida na música de Santiago del Estero.

<sup>2</sup> Rally Barrionuevo é um músico natural de Frías, oeste da província de Santiago del Estero. Traz temática e estética pop ao folklore, mantendo raízes.

<sup>3</sup> Grande expoente do folklore santiagueño. Falecido num acidente de carro no auge da carreira. Junto com Peteco Carabajal e o percussionista e bailarino Juan Saavedra, formou “Los Santiagueños”, um dos grupos responsáveis por reaproximar o folklore da juventude. Muito respeitado, admirado e imitado.

Logo em seguida, chegou a Ale, sua esposa naquele tempo, e sem que eu percebesse - pois estava de costas - me puxou o cabelo "*Ay, perdon pensé que fuera Ema, un amigo*". Ainda naquela noite, juntaram-se entre vários amigos no pátio da casa dos Ales. Eu expus minha vontade de ir ao Festival de la Salamanca que terminava naquela noite, uma segunda-feira. Todos concordaram e fomos num grupo grande e entusiasmado.

O Festival de la Salamanca é composto por cinco dias. O quinto e último, sempre na segunda-feira, é quando menos se toca folklóre. São grupos de guaracha, chamamé tropical, algo de pop, entre outros ritmos. Mas, claro, sempre tem espaço para a chacarera. Não recordo exatamente o que tocava quando chegamos. Algum desses gêneros que não me chamavam tanto a atenção naquele contexto/momento. Ale Carabajal me disse para esperar tocar uma chacarera que todo mundo iria dançar. Cinco minutos mais tarde, tornou a repetir a frase. E demorou para tocar uma chacarera. E quanto mais demorava, mais Ale repetia a frase. Eu já pensava "*tá, chega! nem deve ser tanto assim!*".

Para minha grata surpresa, quando tocou a primeira chacarera, sem exagero, era todo o festival de mãozinhas para cima dançando. Crianças que mal começaram a andar já sapateavam. E os mais idosos, com a mesma alegria. Eu já não olhava o palco, mas o público. Eles eram o espetáculo. Tenho essa lembrança muito viva na memória. Um momento muito emocionante, onde eu começava a entender a importância da chacarera para aquelas pessoas, a presença viva naquela cultura. Não era só música. Era muito mais. Para a minha felicidade, depois que tocou a primeira, demorou a cessar. Empurraram-me para a roda de dança onde, na marra, aprendi a bailar. Ficar parado assistindo não era uma opção interessante. Mesmo não sabendo os passos, todos foram muito solícitos, ensinaram-me. É verdade que muito mais que isso não recordo, efeito do bom Fernet Cola e das tantas cervejas que tomamos durante aquelas várias horas. Ale ainda me apresentou a Chingolo Suarez - esse sim, com seus quase sessenta talvez - músico, compositor, folklorista e, como se não bastasse, maestro rural (professor nas escolas rurais). Chingolo insistiu que fosse visitá-lo e eu, muito agradecido, prometi que assim faria.

Meu primeiro dia em Santiago del Estero foi intenso e muito bem vivido. Aprendizado direto na essência, vivenciando uma cultura rica que contrasta com a província desfavorecida geográfica e economicamente, como é Santiago del Estero. Findou-se minha estreia em Santiago quando já nascia o sol. Eu, sentado em frente ao palco vazio e o público já disperso.

Meus planos eram de ficar até o final de semana em Santiago e seguir para Salta e Jujuy, mas não foi bem o que aconteceu. Sabia que um dos eventos que não poderia perder era o domingo no Pátio do Índio Froilan, encontro gratuito que une música, dança, comidas típicas e muito mais. Acontece todos os domingos do ano, sem cessar. Froilan é talvez o luthier de bombos-legueros mais reconhecido na Argentina. Faz seus bombos no próprio pátio, em meio às danças e música. Qualquer interessado pode se aproximar e ver o trabalho de perto. Não é apenas um bombo leguero. Faz desenhos na madeira que são uma verdadeira arte. Os bombos dele são um tanto custosos. Há vários luthiers de altíssima qualidade em toda a província. Alguns mais conhecidos e outros menos, em lugares mais afastados e de difícil acesso.

Ale me convidou para que fosse a sua casa sempre que quisesse, que me mostraria muito mais sobre folklóre. Era muito paciente tentando me fazer entender aquele ritmo ainda muito complexo para mim. Na verdade, eram dois em um. Uma polirritmia. Mais adiante a explico. Em alguns momentos, falava da guaracha, que estava ensaiando com uns amigos -



que hoje formam Los Arcanos del Desierto. Você, leitor, procure escutar! Mostrava-me alguns temas, mas, naquele momento, eu não estava tão interessado assim. O foco era a chacarera.

À noite, sempre iam amigos à sua casa. Eu, quase sempre, tocava alguma coisa de Yupanqui, Noel Guarany, Jorge Cafrune. Eles, “*meta chacarerear*”, como se diz por lá. Ale tem uma voz espetacular, muito afinado e com um alcance vocal bem extenso. Com violino, bombo leguero e violão, apresentavam-me um verdadeiro pátio santiagueño, que não estaria completo caso faltasse fernet, vinho ou cerveja, dança e risadas. Em conversas informais, sempre me perguntavam sobre as novelas brasileiras e pediam que tocasse algo do meu país. Eu os decepcionava, pois não assistia às novelas e explicava que a música brasileira que sabia, era a gaúcha, que também é brasileira. Ficava em dívida por não saber sambas ou bossas. Por esses motivos e por falar espanhol, me apelidaram de Uru! “*Ese chango no es brasileño! Debe ser uruguayo.*” E sorriam interessados naquele intercâmbio de culturas. Eles também aprendiam que o Brasil não é só aquele que se vê na televisão.

Logo que agarraram confiança em mim, alguns amigos dos Ales me ofereceram lugar para dormir. Eu não queria abusar, não queria dar trabalho. Mas o santiagueño é muito hospitaleiro. Insistiam com um ótimo argumento: “*assim não gastas e puedes ficar mais tempo aqui*”. Acabei aceitando o convite e fiquei na casa da Flaca, amiga dos Ales.

Aquela semana, para a minha sorte, estava repleta de eventos. Fomos entre vários amigos na apresentação da Crisol, outra banda de Ale - essa de folclore - com uma das filhas de Chingolo Suarez, a Paula, entre outros músicos muito talentosos. Outro dia, El Vislumbre del Esteko - um grupo responsável por rejuvenescer o folclore - se apresentava em La Banda, cidade vizinha, separada da capital pelo famoso Puente Carretero. Foi um espetáculo. Outra vez, muita dança e diversão. A Luciana, quem me sugeriu que procurasse por Ale, na livraria Utopia, estava presente em quase todos esses eventos. E se somavam amigos sem parar. E todos perguntavam o que um brasileiro fazia lá, sorriam e me felicitavam quando ouviam a resposta - “*por la chacarera*”. Ainda naquela semana, visitei Chingolo que me mostrou tanta coisa, tantas histórias... Foi impossível absorver tudo, claro, mas o que consegui foi de grande importância para o aprendizado.

A verdade é que com tantos eventos e amigos, ficou muito difícil me despedir e seguir para Salta. Mudei os planos, adiei as despedidas e fiquei mais alguns dias em Santiago. As tardes, certas vezes, eram meio tediosas. Mas sempre passava algum amigo para conversar, tomar um mate *dulce* e se colocar à disposição caso eu necessitasse algo. Numa dessas tardes, Christian me levou numa motinho até a Escuela Superior de Profesorado de Educación Artística (E.S.P.E.A.) para ver se havia alguma atividade que pudesse me interessar. Trata-se de um nível terciário, mas não universitário. - “*Universidad de música*, - costumava dizer Ale - *solo en Tucumán. Aquí no hay*”. Essa escola foi de suma importância na minha caminhada - contarei mais adiante. Voltando ao tema, em contraste com as tardes, as noites eram agitadas, era beber da fonte aquela rica cultura, vivenciá-la, ser um santiagueño mais. Eu estava muito feliz. Ao invés de uma semana em Santiago, como havia pensado, acabei ficando 23 dias, não fui para Salta nem a Jujuy. Sem poder adiar mais minha volta, despedi-me e comecei um longo retorno a Porto Alegre, com mais de 30 horas de duração. De fato, a distância não era um problema naquele momento. Tinha muita coisa para sentir saudades, para refletir sobre o que havia vivido. Começava a entender que aquela experiência seria o início de um novo e largo caminho.

### III

#### AQUELE QUE ANTECEDE A VOLTA A SANTIAGO, A VOLTA EM SI E OUTRAS RICAS E NÃO MENOS INTERESSANTES HISTÓRIAS

Cheguei em Porto Alegre com muita energia e disposto a seguir a pesquisa informal sobre a chacarera, agora embasado em uma cultura brevemente vivenciada. Trouxe alguns CDs, um do Carlos Carabajal, apelidado de El Padre de la Chacarera, outro de Los Carabajal, além de uns três de Chingolo Suarez que ele mesmo me presenteou. Comprei dois livros, um de Chingolo, "*Cuentos y leyendas santiagueñas: costumbres, creencias, y mitos*" e um de Walter Soles, "*Santiago El País de la Chacarera*". Tinha muito material. Aprendi algumas músicas e, poucos meses depois, chamei os colegas de faculdade Caetano Maschio, amigo antigo, e Martin Weiller. Caetano se somava com o violino e Martin com um bombo leguero muito simples que eu havia comprado de alguém de Santa Maria - RS. Fizemos alguns ensaios tentando nos entender e adaptar aquele gênero diferente daquilo que os três estavam acostumados a fazer. Ao mesmo tempo, eu me arriscava em alguns esboços de composições.

A verdade é que meus pensamentos estavam em Santiago del Estero, bem distantes do meu corpo que não absorvia muito mais do que as disciplinas de Músicas Tradicionais do Brasil e alguns tópicos de Harmonia. Passei de março a julho criando coragem para voltar a Santiago del Estero e passar o tempo que eu quisesse, que achasse bom. Não era simples. Outra vez, eu iria de maneira informal, sem trabalho e com pouca perspectiva de conseguir algum lá. Trabalhei duro em restaurantes e fiz diversas apresentações para juntar dinheiro suficiente para ficar ao menos os primeiros dois meses tranquilos. Ale tinha me assegurado que eu poderia ficar na sua casa o quanto necessitasse. Havia um pequeno quarto livre, era questão de arrumá-lo, somente. Essa gentileza, à qual sou eternamente grato, além de me possibilitar guardar uma boa quantia de dinheiro, também me deu experiências, vivências incríveis.

Aqui em Porto Alegre, por acaso, olhando as redes sociais, já pelo mês de junho ou julho, vi uma foto do Querim Zanette - um talentosíssimo músico de Vacaria - com um bombo leguero. A questão é que nunca imaginei que ele pudesse estar interessado ou tocando folklore argentino. Mandei imediatamente uma mensagem para ele: "*Que tá fazendo com esse bombo aí?*" Ele me respondeu imediatamente que umas pessoas estavam começando um grupo de dança argentina aqui em Porto Alegre. A questão é que conheci o Querim na ESEFID (Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança) em 2010, num luau que me convidaram o Juliano e o Jax - amigos dos tempos de colégio - estudantes de Educação Física na época. Num palco improvisado, em algum momento e não sei bem como - provavelmente de forma muito natural - Querim e eu armamos a maior festa, tocando algo como Johnny Be Good, La Bamba, Twist and Shout e outras coisas mais. Apesar da noite muito divertida, não voltamos a nos encontrar mais, mesmo que o Jax insistisse que deveríamos tentar. Por isso aquela foto foi tão surpreendente. Querim, com um bombo leguero, justo quando eu mais me interessava pelo assunto. Marcamos um encontro na Casa de Cultura Mario Quintana, onde ensaiava a Companhia de Danza La Marrupeña, dirigida por Juan Ignacio Sunde, um argentino de Santa Isabel, província de Santa Fé. Tocamos ali nos corredores várias chacareras e sorriamos, junto com Juani, felizes da vida por aquele encontro, prenúncio de grandes alegrias.

Na verdade, antes das alegrias, veio uma pequena tristeza para os três: Eu já havia decidido e, quebrando totalmente o clima de euforia daquele momento ímpar, comuniquei

que voltaria a Santiago del Estero, sem data para voltar. Partiria em três semanas. Ainda deu tempo de ver a final da Copa do Mundo daquele ano - disputada aqui no Brasil - torcendo para a Argentina ganhar da Alemanha. Ficou no quase. Esse evento acabou me dando algum assunto mais tarde, principalmente nas visitas às escolas rurais de Loreto. Esse e o 7x1, claro.

Na última semana de julho, tomei um ônibus rumo a Córdoba. Cruzei a fronteira por Uruguaiana, passando depois por Rosário, Paraná, Santa Fé e, após 24 horas de viagem, finalmente cheguei a Córdoba. Ali ficaria dois dias para fazer um câmbio melhor do que o faria em Santiago e aproveitar de leve a cidade. Comprei a passagem e, 432 km depois, sete horas aproximadamente, cheguei em Santiago del Estero. Como combinado, fiquei na casa dos Ales no começo. Logo nos primeiros dias, acontecia a festa de aniversário de Santiago del Estero, *Madre de Ciudades*, chamada assim por ser a cidade mais antiga da Argentina, a primeira a ser fundada pelos espanhóis. Um evento fantástico, com muita música, dança e comida em pleno inverno, nas ruas da capital.

O inverno, para um recém chegado que não conhece muito bem a província, pode ser um pouco assustador. Santiago não tem aquelas paisagens maravilhosas, clichês turísticos. Tem as suas belezas, que só estão à vista dos mais atentos e pacientes olhos. Aprende-se com o tempo e com a experiência a enxergar o que se esconde por trás daquela aridez. Há eventos, claro, mas são menos frequentes que no verão. É bom ter amigos que te informem o que está acontecendo na província. Eu não sabia muito ainda. Fui aprendendo aos poucos.

Chegando o mês de agosto, Ale me explicou da tradição do “*té de ruda macho*”, ou chá de arruda feito a partir da planta macho. Trata-se de um costume local de tomar o chá para receber o mês de agosto, no dia primeiro, para espantar as enfermidades desse mês conhecido como de “*mal aguero*” ou de má sorte. Realmente, é um mês muito seco, com o vento levantando muita terra por toda a cidade, província.

É no mês de agosto também que acontece uma das festas que mais atrai turistas em Santiago del Estero: *El cumpleaños de la Abuela Carabajal*. Todos os anos, na semana do dia 15, o bairro de Los Lagos, na cidade de La Banda, dá uma pausa na sua rotina para celebrar o aniversário daquela que chamam de a matriarca dessa família de tantos músicos talentosos. A entrada é gratuita, a festa acontece em todo o bairro. Os moradores expõem suas artes, artesanatos, comidas e bebidas como se fosse uma feira. Um palco central grande é montado no meio de uma das ruas e várias casas montam seus próprios palcos para artistas menos reconhecidos. E tudo enche, tudo é festa, todos bailam e todos cantam.

Fui sozinho. Tomei o ônibus 21 que leva a La Banda e, avisado de que o bairro era um pouco perigoso, em La Banda tomei um táxi até Los Lagos. Realmente a festa era imensa, acabei conhecendo muita gente e encontrando alguns amigos que havia conhecido em outras oportunidades. Sempre quis voltar, mas nunca mais consegui estar em um agosto em Santiago del Estero.

\*\*\*

Alguns dias eram menos produtivos, claro. Entretia-me com León e Mateo, filhos dos Ales. Tentava aprender alguma chacarera nova, arriscava-me com alguma composição, buscava que ela se adequasse às estruturas da dança, fosse simples ou doble. Assim foram passando os dias. Eu tentando não incomodar os Ales, não abusar da hospitalidade.

Levei umas cachacinhas feitas no Rio Grande do Sul para desfrutarmos em grupo. E o fizemos muito bem, com eles, com a Luciana e outros tantos amigos. Alguns deles foram muito importantes nessa minha chegada. A Vir, Juampi e Flor, os encontros tão divertidos no bairro St. Germain. A alegria de Pancho e da Mili. Mas a verdade é que eles todos tinham seus compromissos e eu andava meio vago, buscando os meus. Quando não conseguia me encontrar com eles, acabava me entediando. Óbvio! Não é tudo uma maravilha. Tem muito sofrimento escondido nessas histórias. Inseguranças, dúvidas, saudades, tédio, preocupações... Eu saía sozinho pela cidade, procurando o que fazer. Certa feita, encontrei o bar Bellas Alas, que oferecia recitais entre tantos outros eventos culturais. Acabei conhecendo um pessoal muito legal, entre eles um músico conhecido como Manik. Nossa convivência foi muito curta, mas rendeu uns bons assuntos. Participei de uma apresentação dele no Bellas Alas. Voltamos a nos encontrar na feira do livro de Santiago del Estero, onde tive a felicidade de me apresentar. Em 2015, precocemente, ele faleceu.

Devagarinho, eu ia abrindo portas por livre iniciativa. Uma das mais importantes e significativas foi a ESPEA, no mês de agosto. Fui diversas vezes conversar com os diretores para convencê-los a me aceitar como aluno ouvinte de algumas disciplinas. Eu tinha alguns objetivos com isso: ocupar parte do meu tempo ocioso, acrescentar às vivências algo de estudo formal e, claro, seguir conhecendo pessoas. Para minha grande alegria, foram muito atenciosos comigo e, como todos santiagueños, me perguntavam: *“mas o que tu veio fazer em Santiago del Estero?”* Sempre sorriam após minha resposta.

Fui prontamente apresentado a alguns professores. Horácio Laveise e Paulinho, sim, Paulinho, um brasileiro dando aula na ESPEA. Na primeira noite em que entrei na sala, Paulinho me apresentou a todos alunos, colegas meus agora, e me pediu que falasse um pouco. Conteí aquilo que tu leitor já sabes, que queria aprender chacarera. *“Então toca uma chacarera”*, disse Paulinho. Já me entregaram um violão e eu, meio nervoso, toquei La Pucha con el Hombre, música de Cuti Carabajal com uma letra maravilhosa de Pablo Raúl Trullenque.

- *“Sabes que ritmo es ese?”* - me perguntou Paulinho em espanhol. - *“Creo que es un escondido, cierto?”* E era mesmo. (Escondido é uma dança, que tem a mesma fórmula de compasso da chacarera, porém com outra estrutura). Fui calorosamente aplaudido, muito mais pelo meu empenho e interesse que pelo desempenho em si, mas já me servia muito aquele carinho.

A aula prosseguiu quase que normalmente, fizeram-me algumas perguntas e sempre sorriam, como se estivessem felizes por ter alguém tão interessado na cultura deles. Naquela mesma noite, na saída da escola, recebi um convite que foi especial na minha vida e que, sem eu ainda saber, seria uma fonte praticamente inesgotável de emoções, vivências e inspiração: Martin Medina, um colega, aproximou-se de mim e me disse que era professor das escolas rurais do Agrupamiento San Juan e Agrupamiento San Gregorio, composto por umas nove escolas no total, nos arredores de Loreto e Atamisqui. Perguntou-me se eu gostaria de conhecer o campo e, com um argumento preciso, disse que muito do que se escrevia nas letras de folklore tinha origem na área rural. Convidou-me, então, para um evento que ele chamou de *“Charla sobre los pueblos originários”* para alunos da escola de San Gregório (Atamisqui), onde artesãos locais iriam falar e expor trabalhos feitos a mão, desde comidas até tecidos, ponchos, peças de cerâmica. - *“Sería interesante que contase algo de Brasil, que viniste a hacer aquí en Santiago y tocar alguna cosita de aquí y de allá. ¿Que te parece?”* Com muito entusiasmo, aceitei o convite. Claro que tinha um tanto de nervosismo, afinal, não estava habituado a falar para muita gente e menos ainda em outro idioma. Fiquei feliz e me despedi de Martin, quando ele me disse - *“los changos suelen se*

*juntar allá en la esquina para guitarrear un poco después de las clases. Si quieres, puedes ir a compartir con nosotros.”*

Indo embora, bastante tímido, olhei para a esquina para ver se realmente estavam. Havia um grupo relativamente grande. Cheguei devagarinho, pedindo licença e, como em todo lugar em Santiago del Estero, fui bem recebido. Conversamos muito, eles pediam que eu tocasse e eu pedia para que eles tocassem. Eu ficava olhando atentamente a mão direita deles, como faziam aquele ritmo tão complexo com uma sonoridade tão interessante. Alguns faziam a base e outros, os *punteos*. Primeira voz, segunda voz e, às vezes, terceira também. Sem ensaio formal, apenas na convivência, que diga-se de passagem, era recente entre eles. Estavam no começo do curso. Da parte deles, também se admiravam quando eu tocava temas de Yupanqui e de Cafrune, e diziam que em Santiago não se dava tanta atenção para eles - por não serem de lá - mas que são grandes expoentes da música argentina. Por isso, estavam contentes e agradecidos com o que eu tocava. *“La verdad es que nos hace percibir lo grande que son ellos. Aquí, no sé porque, no valoramos tanto.”*

No dia do evento na Escola de San Gregório, fomos, além de Martín e eu, Facu, Pedro e Nico, todos colegas na ESPEA e músicos incríveis. No caminho eu perguntava: *“tá, mas o que vamos tocar?”* - *“Desde el Puente Carretero y algunas otras”* - respondiam eles. Eu, apavorado, dizia que nem havíamos ensaiado. *“No te preocupes, Marcos, los changos saben. Vos acompañes como puedes, no hay problema”*. Eu seguia apavorado, sem saber como iam tocar sem ensaiar. Depois de algum tempo, fui entender que eram clássicos que todos os santiagueños que tocam folklóre têm na ponta dos dedos e da língua.

Na estrada, Martín ia colocando músicas referentes aos lugares que íamos passando ou às paisagens. Algo que falasse do algarrobo ou do quebracho, por exemplo - duas árvores nativas muito conhecidas e presentes nas poesias - do salitral, de Loreto e Atamisqui. Recordo-me de escutar pela primeira vez uma música de Elpidio Herrera <sup>4</sup>chamada La Tentación, uma das chacareras sobre a salamanca e o pacto com o zupay - diabo - em troca de algum talento, mais conhecidas e interpretadas na província. Conta como seria o lugar onde se faz o pacto e de que forma, numa poesia muito interessante, importante expoente da cultura local.

Na escola de San Gregorio, em um salão grande, estavam os alunos do agrupamento sentados em cadeiras de plástico e alguns palestrantes, artistas e artesãos apresentando seus trabalhos e contando algumas curiosidades. Martín me apresentou para o diretor do agrupamento que foi muito gentil. Em seguida, chamaram-me para falar um pouco sobre quem eu era e o que estava fazendo ali. Logo que comecei a falar, surgiram sorrisos discretos e envergonhados. Entendi que eram pelo meu sotaque, muito estranho para aqueles ouvidos. Achei graça também. Conte sobre o Brasil, eu mesmo me adiantei e fiz piada sobre o 7x1 na copa do mundo, falei sobre Porto Alegre, sobre a música gaúcha e o que buscava em Santiago del Estero. Toquei também Fandango na Fronteira, música de Noel Guarany e Cenair Maicá, mas tive o desempenho comprometido por causa do nervosismo que me tremia os dedos, fazendo-os menos precisos. Não tenho certeza, mas acho que também toquei Brasil Pandeiro, dos Novos Baianos, para trazer um pouco dessa brasilidade mais conhecida mundo afora. Logo em seguida, meus colegas tocaram várias chacareras, com *guitarra, bombo e violín*, às quais uma ou outra consegui acompanhar. Ao final, aplausos, fotos e conversas com outros profes e diretores das escolas, que nos felicitavam por querer participar e levar um pouco da nossa vivência e arte para eles.

---

<sup>4</sup> Natural de Villa Atamisqui, é músico e inventor da Sachaguitarra Atamisqueña, famoso instrumento de cordas que se parece por vezes a um bandolim ou a um violino, dependendo da forma como é tocado.



O dia ainda estava longe de terminar e as experiências em Santiago recém começando. Caminhamos um pouco ao redor da escola para conhecer o local e, em seguida, a Martín lhe ocorreu a ideia de visitar um amigo no caminho de volta a Santiago capital. Ainda paramos na entrada de Atamisqui para sacar uma foto com a placa da *sachaguitarra atamisqueña*. Trata-se de um instrumento criado por Elpidio Herrera que imita por vezes um bandolim ou um violino, dependendo da técnica e da execução. [Nesse link, explico brevemente a origem e o nome.](#)

Era de tardezinha quando chegamos ao ranchinho de Mafu e Lila. Fica no Puesto de Juanes, uma localidade no sul de Loreto. Para nos receber, mesmo improvisado, havia tortilla e mate - que logo deu lugar à cerveja e ao vinho. Chamou-me muito a atenção aquele rancho humilde, bem distante da minha realidade em Porto Alegre. A criação de cabras, o pátio de terra e a casinha de barro. Mafu é um apreciador de música, desde o rock até o folclore, passando sabe-se lá por quais outros gêneros. Não toca nenhum instrumento. É grande entusiasta dos artistas locais loretanos, sempre tratando de divulgá-los e enaltecê-los nas suas redes sociais. Além disso, ótimo hospitaleiro. Era para ser uma visita rápida, para que a gente conhecesse mais do campo. Mas estávamos entre cinco músicos e uma família apreciadora de música. Era pura inocência achar que aquele encontro seria breve.

Depois de toda aquela apresentação e surpresa por um brasileiro estar no interior de Loreto, começamos a tocar. Da minha parte, toquei feliz alguns temas de Yupanqui e de Cafrune. Lila e Mafu aparentavam estar emocionados. De fato, escutavam muito esses

artistas que nomeei e era uma surpresa grande que um brasileiro estivesse no ranchinho deles tocando esses temas. *Los Hermanos, Canción para Doña Guillerma, Zambita de los Pobres*, sabe-se lá que outros faziam parte desse repertório. A verdade é que rendeu uma linda conversa e uma sede tremenda. Saímos para buscar umas cervejas e num piscar de olhos já estavam o bombo leguero e violino sendo acariciados pelos seus respectivos instrumentistas. Armou-se uma tremenda guitarreada, daquelas espontâneas, com muito entusiasmo e alegria. Eu afluava emoções, de todos os tipos, incrédulo de que vivia aquele momento, uma realidade que nem sabia que poderia existir dessa maneira.

Saímos do ranchinho do Mafu empolgados com aquela rica experiência e dispostos a estendê-la um tanto mais. Chegando em Santiago del Estero, aproximadamente 60 quilômetros depois de Loreto, resolvemos ligar para a Pitu, uma colega da ESPEA, para ver o que fazia - "*Vengan a mi casa*" - nos disse. Pitu sempre foi das maiores entusiastas das juntadas. Seguimos mais algum tempo com Pedro e Nico tocando guarachas no violão e teclado, de maneira improvisada e muito divertida. Martin, Facu, Pitu e eu, participando como conseguíamos. Sabe-se lá que horas findou-se esse largo dia. De fato, isso é o menos importante. Eu estava incrivelmente feliz e, meus dramas paralelos, completamente anestesiados por essa overdose de experiências. Recém conhecia essas pessoas maravilhosas com quem compartilharia tantas outras histórias.



\*Mafu mateando no seu ranchinho

Também com Martín, Pedro e Nico, visitamos outras escolas para mais charlas e experiências interculturais. Em uma delas, tivemos a grande sorte de sermos convidados para jogar uma partida rápida de futebol com os alunos, na cancha da escola. Lembro-me da bola murcha, o campo de terra, mas muitas risadas e suor debaixo daquele sol imenso. Não poderia ser diferente, fiz o gol decisivo da partida e deixo aqui a prova desse feito histórico. Terminamos a visita tocando umas quantas chacareras.



\*\*\*

As guitarreadas tornaram-se frequentes e não necessariamente aconteciam depois das aulas, muitas vezes, até durante elas. Para não deixar dúvida, sim, matávamos as aulas que meus colegas consideravam entediadas, para ir à esquina guitarrear e conversar. Na esquina, porque ali tinha um kiosko onde comprávamos algum amendoim e cervejas. Ficávamos ali até o último ônibus passar e, algumas vezes, estendíamos-nos umas horas mais na casa de Martín. Essas juntadas com os colegas da ESPEA foram outra fonte de muito aprendizado. Nelas, tinha a oportunidade de tocar junto com eles algumas chacareras, ensinavam-me punteos e também detalhes do rasguido, como fazer soar mais santiagueño. E o mais legal é que tudo era informal, divertido, animado, com muita risada e muita admiração de todos os lados.

Muitas coisas foram acontecendo ao mesmo tempo. Martín sugeriu que fossemos às escolas do agrupamiento San Juan. Pediu autorização aos diretores de cada uma das cinco escolas que formam o agrupamiento (San Juan, Crucecitas, Santa Bárbara, Lomitas e Sauce Solo) para que eu fosse visitar e compartilhar algumas experiências. Eu ficava muito feliz com os convites, afinal, era uma oportunidade única de conhecer o campo da província de Santiago del Estero, ou, em outras palavras, entender grande parte das poesias que enaltecem a cultura local. Cada uma das cinco escolas trouxe experiências incríveis. Quero compartilhar algumas das que mais me emocionaram e acabaram servindo de inspiração para a primeira composição baseada nessas vivências. Inevitavelmente, sou injusto com



tantas outras pessoas e lugares que também me brindaram momentos marcantes e que por qualquer motivo que seja, não viraram canções. Mas não se trata aqui de pagar uma dívida de gratidão, até porque não considero que minhas composições sejam do tamanho de tudo que as referidas experiências me proporcionaram. São apenas expressões que descrevem minimamente um pouco de tudo que eu sentia naquele momento.

#### IV

#### DAS VISITAS A ESCOLAS RURAIS E DA PRIMEIRA CHACARERA - UMA TRUNCA

Em um curto espaço de tempo, fomos às cinco escolas do Agrupamiento San Juan. Meu entusiasmo todo se resumia por ver a natureza tão presente nas letras e, sobretudo, ouvir das crianças histórias, lendas que conheciam, costumes, os pratos preferidos e o que mais tivessem para compartilhar. Eu não tinha me dado conta, mas, aos poucos, percebi que também poderia deixar algo de mim para eles. Não que eu achasse que eles deveriam aprender algo comigo. Nada disso! Eu que queria aprender com eles. Por sorte, essa troca foi natural, orgânica. Entendo que já era um fato relevante alguém de fora do país estar visitando uma escola rural, a 30 quilômetros por estradas de terra desde Loreto, que fica há 60 quilômetros da capital da província que, por sua vez, passa dos 1000 quilômetros de distância de Buenos Aires, a capital do país. Como para aumentar ainda a relevância da minha visita para eles, pode-se somar o fato de estarmos nos referindo a uma das províncias menos favorecidas economicamente da Argentina. Resumindo, estava eu, um forasteiro, em escolas rurais que podem chegar a 30 quilômetros de distância por uma estrada de terra, desde a rodovia - chamada de Ruta 9. Não é com frequência que isso acontece. Não é como caminhar pela Cidade Baixa ou Moinhos de Vento, topar com turistas e passar umas horas conversando com eles.

Por esse motivo, o pouco que eu contasse de minha vida, poderia ser interessante. Como foi a copa do mundo na minha cidade, onde a Argentina inclusive jogou. Como é Porto Alegre. Que músicas eu escuto, como eu as toco e canto. Meu sotaque, que sempre causava graça. Falar português para ver se entendiam. Tinha muita experiência interessante. E no final dos nossos encontros, sempre sacávamos fotos. Muitos alunos vinham me agradecer, e eu fazia questão de agradecê-los mais ainda.

Dessas escolas, destaco um dia em que visitamos Lomitas e Santa Bárbara. Vou narrar mais ou menos o trajeto desde Santiago para que tu, leitor, viaje conosco nessa história.

Naquela época, eu já morava na casa da Luciana, a mesma da livraria Utopia, que gentilmente me ofereceu um quarto livre na sua casa, no bairro Almirante Brown - ou Tala Pozo - pouco depois do arco da entrada de Santiago del Estero. Saí e caminhei uma quadra até a avenida Belgrano onde esperaria Martín me buscar. Entrei no seu carro que era meio antigo e não tinha ar-condicionado. Havia rádio. Fomos, de vidros abertos, ouvindo chacareras até a entrada de Loreto, 60 quilômetros ao sul. Ali, Martín deixou o carro e pegou uma moto que deixava na casa de uns conhecidos - "*Mucha tierra, Marcos. De aquí no podemos ir en auto*". Subimos os dois numa moto alta e preparada para a estrada de terra. Eu ia tenso, fazia o triplo da força necessária para me segurar e em 5 minutos já estava com as mãos petrificadas. Uma, segurando na moto, a outra, o violão no seu hard case.

A paisagem era muito interessante. Uma vegetação tímida, cactos e muita terra mesmo. - "*Aquí, cuando llueve, no se puede pasar*" - me dizia Martín - "*Es todo salitre.*" E de fato, há inúmeras histórias de gente que se acidentou andando de moto ou até mesmo a pé no salitre depois de chover. O chão vira um sabão e é muito difícil se manter em pé.

Da estrada principal de terra, passamos a uma secundária, depois terciária e eu só pensava que se me largassem ali, nunca mais conseguiria sair. Mas era muito divertido e eu sabia que estava indo no mais profundo da raiz da chacarera, os montes (campos) santiagueños. Aqui, vale uma leve descrição desse monte, ou campo. Não imagine, leitor gaúcho, os campos verdes intermináveis que costeiam as BR's ou RS's do estado. Embora Santiago del Estero tenha diferentes microclimas e a precipitação seja grande nos

meses de janeiro e fevereiro, no resto do ano é bastante seco e, para o sul, tende a ser todavia mais. Estamos falando de uma paisagem árida e confesso que menos convidativa a turistas desavisados ou mais tradicionais, aqueles que gostam de mares, montanhas, neve, cachoeiras. Aprendi a gostar dessa paisagem com o tempo, a valorizar aquilo que ela te dá, se adaptando àquelas condições mais ásperas. E de fato, cada dia enxergava mais beleza naquela paisagem. Enfim, de volta a história que eu narrava, seguíamos por esses senderos, picadas, ramificações da estrada - como queiras chamar - até que passamos por uma casa no meio do nada, sem vizinhança perto. Uma senhora viu que a gente passava e abanou, sabendo que naquela moto ia o maestro rural a caminho da escola de um de seus filhos. Retribuímos a saudação e seguimos. Pouco tempo depois, chegávamos a escola de Lomitas.

Assim como nas outras escolas que eu já havia visitado, fui recebido muito bem e com muita curiosidade pelos alunos que se surpreendiam quando ficavam sabendo minha nacionalidade, de onde eu vinha. Conversamos um tanto, pedi que me contassem o que gostavam de comer, quais árvores havia perto das suas casas, que lendas conheciam. Eu falava um pouco de Porto Alegre, tocava algumas canções que gostava, algumas gaúchas, outras para o lado do samba, e também algumas que conectavam de certa forma o Brasil à Argentina, como *Mi Pueblo, Tu Pueblo*, de Don Lucio Yanel, por exemplo.

A maioria dos alunos era - ou estava - bem tímida com minha presença. Por isso, muitas vezes, as respostas eram curtas e objetivas. Queriam participar, mas ao mesmo tempo tinham vergonha. Riam, como todos, do meu sotaque. Mas uma risada sempre simpática, nunca debochada. Em determinado momento, Martín chamou um dos alunos para fora da sala de aula e me pediu que esperasse um pouco, que já voltava. Fiquei sozinho com os outros dez alunos talvez, puxando assunto, contando da copa do mundo - porque muitos se animavam mais a falar - perguntando sobre os times de futebol que torciam. Aliás, uma alternativa bem criativa que encontrei, quando argentinos me perguntavam "*Boca o River?*", para não desapontar ninguém, respondia "*Atlético Chilca Juliana*". Trata-se de um time de futebol de Chilca Juliana, um pueblo, de menos de três mil habitantes no sul da província de Santiago del Estero.

Quando Martín voltou à sala, convidou-nos todos para que fôssemos caminhando à casa de Leo - com sua autorização, claro - um dos alunos, que morava ali perto. - "*Así caminas por el monte, Marcos*". Essa caminhada foi muito bonita e cheia de aprendizado. Os alunos me contavam sobre as plantas pelas quais passávamos. Eu achava algumas muito parecidas e, eles, com paciência, me mostravam: "*Olha! essa tem mais espinhos e mais finos, essa outra, menos e maiores*". - "*Cuidado com os espinhos*".

- "*E essa qual é?*" - eu perguntava.

- "*Poleo. Pode botar no mate para tomar.*" E assim fomos, conversando, caminhando e eu aprendendo muito. Enfim, chegamos àquela mesma casa pela qual havíamos passado na moto com Martín. Aquela senhora que nos saudou era a mãe de Leo. Ela sabia que andava um brasileiro por aqueles lados porque eu já havia visitado uma outra escola - essa para crianças do segundo grau - onde estudava uma de suas filhas. Por isso, havia chegado aos seus ouvidos que um brasileiro andava por lá. Mesmo sem saber se parariamos para saludar, preparou mate, *tortilla e chipaco*<sup>5</sup> para nos oferecer. A casa era muito simples, no meio do campo. Eu me lembrava de uma frase que já havia escutado algumas vezes e de diferentes pessoas pela província - "*La gente del campo puede no tener nada, pero te van a*

---

<sup>5</sup> Tortilla é uma massa feita com farinha de trigo, água, sal e graxa. Para o Chipaco, acrescenta-se o *chicharrón* ou torresmo.

*ofrecer todo lo que tienen*”. E era verdade. Como já havia acontecido em outros locais nos montes santiagueños, não me deixavam faltar nada.

Alguns poucos minutos depois, aproximou-se uma senhora de cabelos brancos que caminhava lentamente, com auxílio de uma bengala. Fomos apresentados e sentamos todos para conversar. Chamava-se Doña Evarista. Era muito lúcida, contava-me algumas histórias, às quais eu ouvia atentamente. Em determinado momento, disse-me que estava por completar cem anos de idade. *“Pero cien años de registrada. En esa época, aquí en el monte, se registraba la gente cuando ya teníamos unos 15, 16 años.”* Dentre tantas histórias, marcou-me a que contou sobre seu avô, retratado num quadro pendurado na parede, que, contrário aos motivos da Guerra do Paraguai, e convocado para lutar, fugiu caminhando. Andou muitos quilômetros, tomava qualquer líquido, inclusive de plantas que encontrava no caminho. Quando sentia a terra vibrar, sabia que vinham a cavalo procurando por desertores. Então, escondia-se no campo até que o solo parasse de vibrar. E seguia sua longa jornada de volta a casa. Eu me emocionava com aquelas histórias cheias de vida, de sentimento, de experiências tão diferentes das minhas, no meio do monte santiagueño e contado por uma lúcida senhora de seus cento e sabe-se lá quantos anos. Uma das netas dela, Divina, contava que ela gostava muito de chacareras. Estávamos já muito atrasados Martín e eu para visitar a segunda escola daquela tarde. Mas precisávamos registrar aquele momento tão único e eu precisava tocar uma chacarera para ela. Não poderia partir assim, ingrato. Meio apurados, juntamos as necessidades e tiramos a foto enquanto tocávamos Desde El Puente Carretero, acompanhado de palmas e cantores.



Nem Martín, acostumado à rotina do trabalho nas escolas rurais, imaginava que a experiência pudesse ser tão rica como foi. No entanto, ainda não era hora de parar e refletir sobre ela, pois precisávamos chegar a Santa Bárbara, mais longe ainda, seguindo a estrada de terra.

Andamos cerca de quinze quilômetros até avistar a escola. *“En esa escuela, Marcos, son cinco alumnos”*. Não uma turma com cinco alunos. Cinco alunos matriculados em toda a escola. A simplicidade era tanta, as paisagens, a humildade daquelas crianças e professores que, no caso de Martín por exemplo, andava, desde a capital, aproximadamente

90 quilômetros, sendo 30 em estrada de terra, para dar aula a cinco crianças. Reflita comigo aqui, caro leitor: tu farias isso? Não pense que o salário compensa. Segundo algumas publicações informais em redes sociais na época, Santiago del Estero estava entre as províncias que pior pagavam seus professores na Argentina. De qualquer forma, a maior riqueza dessa atividade é interior e imensurável. Aprende-se tanto sobre a vida, sobre valores, sobre respeito e tantas outras reflexões possíveis. O que eu ganhava com aquelas visitas era infinitamente maior do que eu tinha para oferecer.

Fizemos o encontro no pátio, debaixo de um quebracho, árvore que, de tão dura, inspira poemas de desamores ou de fortaleza:

*“Quién hubiera sospechado  
que en tu pecho se escondía  
un corazón de quebracho  
de piedra más bien diría.”*

*Peteco Carabajal*

*“Yo me parezco al quebracho:  
soy fuerte como sus fibras,  
que se vuelve piedra  
cuando el tiempo lo castiga.”*

*Napoleón Ábaldo*

Como fiz em outras escolas da região, contei sobre o meu mundo e sobre minhas buscas, meus caminhos e o que eu havia aprendido. Toquei algumas canções e escutei algumas histórias deles. Caminhamos um pouco ao redor da escola para que eu pudesse ver a natureza. Perguntei se já haviam visto algum Kakuy. Isso eu também perguntava por onde ia. Trata-se de uma ave de hábitos noturnos, com um canto que mais parece um lamento. É da cor de um galho de árvore e, por isso, é muito difícil de enxergá-lo. Inspirou a lenda do Hermano Kakuy que, em algum momento, contarei por aqui. É conhecida também como urutau e mãe-de-lua.

Pude escutar um dos alunos tocar no acordeon Añoranzas - uma das mais conhecidas chacareras doble - e um chamamé, que infelizmente não recordo o nome. Tomamos um mate, conversamos informalmente e nos despedimos, eu ainda distante de processar o tamanho daquele dia que ainda estava longe de terminar.





Voltamos os 30 quilômetro pela estrada de terra na moto, pegamos o carro e, de vidros abertos, pela Ruta 9, voltamos conversando e escutando chacareras. Ainda fomos ao profesorado (ESPEA) - onde sempre me perguntavam o motivo de meu cabelo estar tão bagunçado. Explicava com um sorriso enorme que voltava de Loreto com os vidros abertos. Ainda guitarreamos na esquina e só no dia seguinte eu pude parar e pensar naquilo tudo que havia vivido.

Dessas inefáveis emoções vivenciadas até então nas escolas rurais, me saiu a primeira chacarera composta em Santiago del Estero. É uma chacarera trunca e se chama Pa los Pagos de Loreto:

### **PA LOS PAGOS DE LORETO**

Letra e música de Marcos Saporiti

De Santiago hasta Loreto  
Me ha llevado un amigo  
Pa que contase a la gente  
Un poco de lo vivido

Yo he llevado un poquito  
De la cultura de mi pago  
Y he traído historias  
De los montes de Santiago

Los gritos del Almamula  
La salamanca, el Zupay  
Espantos y brujos del monte  
Y el Kakuy con su Turay

**Que lindo haber compartido  
Con tanta gente querida  
Por San Juan, Crucecitas  
Santa Bárbara y Lomitas**

Con mates y con tortilla  
Nos ha recibido Divina  
Doña Evarista contaba  
Historias de su larga vida

De su abuelo que a la fuerza  
A la guerra lo han llevado  
Y al estar en desacuerdo  
Un buen dia se ha escapado

Lo poquito que sé yo  
Alegre lo he compartido  
y mis humildes versiones  
Canto a ese pago querido

**Que lindo haber compartido  
Con tanta gente querida  
Por San Juan, Crucecitas  
Santa Bárbara y Lomitas**

uma ocasião um tanto curiosa e apenas um pouco embaraçosa, toquei essa chacarera em Sauce Solo, a quinta escola do Agrupamiento San Juan. Ela é a única que não aparece na letra, pois quando a compus, ainda não a tinha visitado. Logo que terminei de tocar, após os aplausos, alguns alunos disseram: “¡Faltó Sauce!” Martín deu uma risada e eu me desculpei e prometi que faria uma apenas para Sauce Solo. Estou em dívida.

V  
FIESTA DEL TANICU E OUTRAS INSPIRAÇÕES: NIDITO SANTIAGUEÑO

Em uma dessas tantas visitas às escolas rurais, escutei falar sobre Tanicu. Trata-se de uma representação da miséria ou da fortuna, dependendo do ponto de vista. A lenda/crença popular conta que, no primeiro domingo de outubro, esse ser pequenino e esfomeado passa pelas ruas de Salavina - cidade ao sul da província de Santiago del Estero - procurando comida e bebida. Dizem que se ele passa em alguma casa e não encontra, castiga aquela família com um ano de escassez. Ao contrário, se encontra com o que matar a fome e a sede, abençoa essa família com um ano de fartura. Por isso, no primeiro domingo de outubro, os moradores de Salavina montam mesas em frente às suas casas com comidas e bebidas típicas e em fartura. Empanadas, locros, tortilla, chipaco, tamales, mel e tantas outras variedades.

Umás semanas antes de adentrar outubro, um professor salavintero dessas escolas rurais me relembrou sobre o festival, que estava há poucos dias de acontecer. Fiquei muito entusiasmado e fui pesquisar como poderia chegar lá. O Festival del Tanicu, hoje em dia, acontece no segundo fim de semana de outubro em Salavina mesmo. Segundo escutei de frequentadores, além de guardar o primeiro domingo para os moradores e conservar a tradição mais próxima do que ela realmente é, conseguem atrair mais gente, já que o segundo fim de semana ou se aproxima de um feriado nacional, ou ao menos já é a data em que a maioria dos funcionários público recebe o salário. De fato, o festival atrai muita gente de fora da cidade, inclusive de províncias vizinhas.

Em Santiago capital, agitei a Luciana, o Pancho e a Mili meio de última hora. Pasmem: eu era o guia, a fonte de informação de como chegar em Salavina. Nenhum deles conhecia o caminho, nunca haviam ido ao festival. Óbvio que a aventura seria mais emocionante do que realmente precisava ser. O caminho mais fácil - hoje eu sei - é entrando desde a Ruta 9, em Atamisqui, estrada grande, boa de andar. Pois bem, eu achava que a entrada era depois. Andamos muito e nada de estrada alternativa. Muito mesmo. Quase chegamos a Ojo de Agua, última cidade ao sul da província. Decidimos dar meia volta e tornar a fazer o caminho já percorrido. Eu dizia - "*Tem que ter uma estrada por aquí*". Bem, realmente tinha. Depois de pedir informações para uns moradores daquele deserto salitral, nos informaram que o caminho era por Atamisqui, mas que havia outra estrada de terra que cortava caminho e há poucos quilômetros de onde a gente estava. Decidimos ir por essa. A aventura foi grande. A estrada era muito acidentada, cheia de buracos, ondulações e muita terra mesmo. Éramos um carro solitário no meio do monte santiagueño.

Confesso que foi tenso, mas também divertido. Em certo momento, ficamos apenas admirando a paisagem e escutando a natureza cantar. E logo depois, vinha outro trecho difícil e tornávamos a rir da aventura : -"*Por supuesto que no iba a terminar bien. Un brasileño guiandonos hasta Salavina*" - dizia Pancho e dava uma gargalhada.

Chegamos de noite, assistimos parte do festival da véspera - montado a poucos quilômetros do principal - guitarreamos e acampamos. Na manhã seguinte, nos dirigimos para o local do Festival, onde muita gente começava a chegar. Trata-se de uma festa grande, com longa duração. Começa à tarde e invade a madrugada, momento auge dos bailarinos de ocasião, já alegres e sorridentes. Lembro de algumas cenas bem marcantes: a primeira, à tarde, onde o forte sol já queimava, mesmo em outubro. No meio daquele calor, um único Algarrobo fazia sombra para muitos espectadores amontoados. Pode parecer pequena a importância ou relevância dessa imagem, mas é muito simbólica. Reforça a



importância dessa árvore nativa e ajuda a compreender o motivo de estar tão presente nas poesias santiagueñas.

Outra imagem que me lembro muito bem era daquela terra toda sacudida pelos pés de famintos bailarinos populares. Era impressionante. Certas vezes, quando a empolgação dos sapateados e sarandeios era maior, tornava-se difícil de ver o parceiro de dança, que desaparecia atrás da nuvem avermelhada a menos de 2 metros de distância.

Lembro de como nós todos ficamos felizes com aquela experiência. Pancho, Mili e Luciana classificavam como um dos melhores e mais divertidos que já haviam ido. Todos eles partiram na madrugada, eu resolvi ficar mais um pouco. *“Depois vejo como voltar”* - pensei. E a volta foi realmente outra aventura. Eu e outras duas pessoas, uma delas com filho pequeno, conseguimos carona numa van dessas grandes - tipo lotação - que estava expondo alguns trabalhos no festival. Fazia muito calor, não preciso lembrar. Pois bem, quis o destino que furasse o pneu no meio da estrada de terra. Para nossa sorte, passava a caminhonete daquele mesmo professor que me havia comentado sobre o Tanicu e me reconheceu. Levou-nos, eu e um dos familiares que estava na van, até Salavina onde conseguimos um borracheiro que de moto foi até o local que ela estava estacionada. Mas agora, para o nosso azar, não conseguimos em momento algum carona para voltar até a van. O borracheiro disse que não poderia nos levar porque não entraríamos na moto os três, claro. Caminhamos debaixo daquele sol que ardia em pleno final de manhã, início da tarde. Paramos em algumas casas para pedir água. Não havia celular que pegasse sinal. Depois de uns, sei lá, 12 quilômetros caminhando, chegamos. Isso mesmo. Demoramos algo como três horas para chegar de volta. E os viajantes nos esperando, com pneu consertado e com o humor prejudicado pela nossa tardança.

\*\*\*

Nessa parte da história das minhas andanças, entendo que já posso falar sobre Nidito Santiagueño, uma chacarera trunca que eu compus em meados de 2015. Ela nasceu na esquina do kiosko, perto do professorado, quando conversávamos entre alguns amigos e tomávamos umas cervejas. A Pitu, uma das amigas, depois de tantas histórias que compartilhávamos e de perceber tanto apreço meu pelo folclore santiagueño, perguntou-me:

- *“Marcos, no sé si crees en estas cosas, pero ¿has pensado alguna vez que en una vida pasada has vivido aquí, o quizás algún ancestro tuyo?”* - Sou meio cético para esses assuntos, mas respondi que poderia ser e realmente fiquei meio instigado com aquela pergunta. Por causa dela, nasceu o refrão dessa chacarera trunca. E por tantas histórias mais, de sentir-me meio santiagueño, já parte daquela cultura, nasceram as outras estrofes que fazem referência a algum costume, crença ou lenda daquela região. Tanicu apareceu nessa letra, por exemplo, junto com o chá de arruda e El Cumpleaños de la Abuela Carabajal - que acontece todos os anos por volta do dia 15 de agosto:

## NIDITO SANTIAGUEÑO

Letra e música de Marcos Saporiti

En Santiago no he nacido  
Y eso se nota en mi acento  
Pero yo canto a ese pago  
Como el coyuyo contento

Voy quedando quemadito  
Por ese inmenso brasero  
Tengo el color como Ceibo  
Cuando lo hacen leguero

Voy adentrando los montes  
Caminando por senderos  
Duermo bajo el algarrobo  
En plena siesta de enero

**Tal vez mis antepasados  
En Santiago hicieron nido  
Porque yo siento ese pago  
Palpitando adentro mío**

Con tecito de ruda macho  
El mes de agosto recibo  
El 15 ando a Los Lagos  
Y al 20 ya me despido

En mi casa no hay miseria  
Yo le he ofertao a Tanicu  
El primer domingo de octubre  
Asadito, empanada y vino

Son costumbres populares  
De a poco voy aprendiendo  
Para cantar con respeto  
A Santiago del Estero

**Tal vez mis antepasados  
En Santiago hicieron nido  
Porque yo siento ese pago  
Palpitando adentro mío**

VI  
A PRIMEIRA APRESENTAÇÃO EM SANTIAGO DEL ESTERO

As tantas amizades que eu fiz em Santiago del Estero não me davam muito tempo para ficar entediado. Eram cada vez mais sólidas e sempre havia um encontro com ou sem motivo principal. Nos momentos em casa, tratava de escutar versões diferentes de chacareras, encontrar uma que gostasse mais e aprendê-la. Tentava melhorar o rasguido do violão que, atento, eu observava nas guitarreadas. Nesse período, comecei a me preocupar com o dinheiro que me restava. Tinha feito um ótimo câmbio em Córdoba quando cheguei em julho e nunca fui bom gastador - salvo quando, já atrapalhado com um par de cervejas, sentia-me generoso e queria bancar as próximas rodadas. Mas esses momentos não eram muito recorrentes. Comecei a distribuir currículos, meio descrente de que conseguiria algo, e me preparar para apresentações musicais. Adaptei um repertório já bem familiar de música gaúcha e mesclei com algo “mais Brasil”. Não tardou muito para que conseguisse minha primeira apresentação. Na verdade, foi mais rápido do que eu imaginava.

Dentro da livraria Utopia, funcionava o Café de la Buri Buri. Alguma ou outra vez, havia ido a apresentações e me ocorreu que poderia ser um bom lugar para tocar. O ambiente cultural, o café e o silêncio me davam conforto para contar histórias intercalando-as com as canções. No meu caso, sabia que seria interessante contar um pouco do lugar onde eu vim. Entrei no café, revelei minhas intenções e fui surpreendido pela resposta: - *“Tenemos una fecha esa semana ¿Que te parece?”* - Claro que eu me assustei, não esperava que fosse tão breve, mas eu tinha os temas preparados e estava acostumado a tocar sozinho. O único desconforto era o nervosismo. Topei e comecei a divulgar.



Chegado o dia, preparei o violão, cabos, letras, cheguei cedo e...não havia ninguém! Apenas a Luciana, que recém saía do trabalho na livraria, e os funcionários da Buri Buri. Bueno, era cedo ainda, seguramente logo chegariam outros. Passaram aproximadamente quarenta minutos até que chegou Ale Carabajal, sozinho. Eu estava muito apreensivo e envergonhado pela falta de público. Já era hora de começar e havia duas pessoas no bar,

dois amigos. Tantas coisas se passaram na minha cabeça naquele momento. Resolvi esperar mais um tanto, mas não chegava absolutamente ninguém. Os garçons me olhavam com um pouco de pena e tentando achar palavras para que eu ficasse tranquilo, que essas coisas acontecem. Eu tinha o sorriso amarelo e o interior destruído pela sensação de fracasso. Estava prestes a guardar minhas coisas e ir embora sem tocar. Olhava para Ale e para a Lu que tentavam me confortar também.

Nos momentos de ansiedade que antecedem o dia da apresentação, imaginam-se diversas situações que podem vir a ocorrer. Em nenhum momento, sequer cogitei que não tocaria por falta de público. Não me ocorreu essa possibilidade. Parei sozinho na porta do bar, olhava para um lado e para o outro na última esperança de que chegasse alguém, mas também pensando que ainda pior seria chegar só mais uma pessoa e também presenciar aquele desastre. Naquela hora, já estaria encerrando a apresentação. Foi então que pensei que era o momento de voltar para a minha casa em Porto Alegre, repensar sobre a vida de músico, talvez buscar outra atividade. Aquilo não era para mim e se fazia notável naquela noite que ficaria marcada com tantas sensações ruins. Não entendia como que ninguém tinha ao menos curiosidade para me ver tocar e escutar algumas histórias. Por que estava acontecendo aquilo? Eu era tão ruim assim mesmo?

A verdade, caro leitor, é que o verbo “ficaria” na sentença “...*naquela noite que ficaria marcada com tantas sensações ruins*” conjugado como o foi, sugere uma condição. E naquela altura da noite, já pensando em encerrar sem nem haver plugado o violão, aconteceu um importante “senão” que transformou o sentimento de derrota em esperança, deu-me certo alívio e muito ânimo.

A noite ficaria certamente marcada como fracasso se não chegassem uns quinze amigos meus do professorado, todos juntos: - “*chango, estábamos rindiendo*”. Contaram-me que estavam em prova na ESPEA e por isso demoraram. Sorri uma mistura de nervosismo, constrangimento, mas também felicidade. Olhei para os atendentes do bar que me fizeram com um sorriso e determinação um sinal positivo, como quem diz, toca ficha, estamos juntos, mesmo já sendo hora de encerrar. Finalmente eu tocaria.

O lugar era pequeno. Agarrei imediatamente o violão e com ganas desferi os primeiros rasgidos e acordes. No repertório, músicas do cancionero gaúcho fronteiriço. Eu sempre explicava do que se tratavam as músicas em português, para que eles pudessem entender ao menos algum pouquinho. Sentia-me confortável, feliz e emocionado. Pela segunda ou terceira música, eu já estava muito seguro e confiante. Eles olhavam com admiração e sorrisos imensos, e eu, percebendo, tocava cada vez mais feliz, de alma leve. Toquei também alguns temas para que eles cantassem juntos, caso de À Primeira Vista, de Chico César, que foi gravada pelo argentino Pedro Aznar. Eles deram uma palhinha, claro, tocando chacareras até com violino. Foi uma noite emocionante de música e charla sobre culturas às vezes tão parecidas, outras vezes tão diferentes.

No fim das contas, não cobre entrada, não ganhei um centavo, mas ganhei muito mais do que qualquer dinheiro poderia me dar naquela noite. Tive a certeza de amizades sinceras e de que tinha escolhido fazer o que amo. Aquela noite, ao fim, estendeu-se até a madrugada já na casa da Lu, onde eu morava. Tremenda guitarreada armamos e sabe-se lá que horas encerramos. Eu fiz questão de contar para eles na mesma noite - e alguma outra vez, meses depois - sobre a importância da presença deles naquela apresentação. Que minutos antes deles chegarem eu só pensava em voltar ao meu país e buscar algo novo para trabalhar. Com segurança, eu digo que esta aventura recém narrada foi uma das mais

importantes e emocionantes que vivi. Sou eternamente grato a todos os que estavam presentes. Fizeram diferença na minha vida. Toda diferença!

## VII A PEREGRINAÇÃO A VILLA VIEJA: VIRGENCITA DE LORETO

A essa altura, já preocupado com o que me restava de dinheiro, resolvi gastar parte investindo num bombo leguero de qualidade. Eu sabia que bem ou mal, gostaria nas guitarreadas, fosse com cerveja, com assado ou empanadas. E sabia que, mesmo que chegasse ao ponto de não ter mais dinheiro, não teria que parar de frequentá-las. Para esses encontros, dá-se um jeito. Um amigo banca num dia, no outro, banco eu. Nunca foi problema. Junto com Martín Alcorta - excelente percussionista santiagueño - e com a Vir, fomos de carro até Villa Robles, uma localidade ao leste da capital, cruzando o Mishky Mayu (Rio Dulce). Após perguntar a algumas pessoas, encontramos o acesso à estrada de terra e chegamos ao rancho de Churo Castillo, luthier de bombos legueros. Fica no meio do campo, da natureza. Lá, Churo nos mostrou as árvores, parte do processo e o local onde tinha armazenado dezenas de bombos que esperavam compradores. Com Martín Alcorta, testamos vários até escolher o que mais gostamos. Trata-se de instrumentos de excelente qualidade, porém, menos famosos que o do Índio Froilan, por exemplo, e com um custo muito menor. São mais rústicos, sem arte gravada (desenhos), mas com uma sonoridade incrível. [Clique aqui para assistir ao vídeo no pátio do Churro Castillo](#) e [aqui para as fotos](#)

O corpo dos bombos-legueros são feitos de ceibo, uma madeira branda, fácil de cavar. Diferentemente da maioria dos bombos feitos no Brasil, que são uma chapa de madeira colada ou grampeada, lá usam o tronco inteiro cavando-o até deixá-lo oco. Assim, fica sem emendas. O aro é feito de quebracho, já citado anteriormente, árvore muito rígida, para que aguarde as batidas. O couro normalmente é de cabra, mas pode ser de outro animal. É importante falar que Santiago del Estero tem reflorestamento das árvores citadas, principalmente do ceibo. O bombo leguero me servia principalmente para internalizar o ritmo e aprender algumas variações e finalização de frases.

Com o dinheiro bem investido, agora eu ficava com pouco mais que nada. Saí para procurar mais lugares para tocar e fui muito bem recompensado. A livraria Utopia - Café de la Buri Buri - me abriu as portas para que me apresentasse quando bem entendesse nos finais de tarde. Nessa condição, eu colocava envelopes sobre as mesas, sugerindo uma contribuição espontânea. Alguns dias foram muito bons, outros, nem tanto. No geral, a experiência valia a pena. Eu conhecia muita gente e, na maioria dos casos, estavam muito atentos às minhas histórias e canções. Consegui me apresentar algumas vezes, entre outros conjuntos e artistas, na Casa del Folklorista, dirigida por um dos fundadores do grupo Los Tobas, Maneco Taboada. Fui muito bem recebido e, após tocar, escutei muitos elogios sobre a forma que tocava, o repertório e as histórias. Eram apresentações curtas, assim como a remuneração. Mas eu não era a atração principal, era apenas um convidado. Estava de bom tamanho.

O dinheiro que eu ganhava, raramente sobrava. Não poderia economizar deixando de ir a encontros com os amigos, guitarreadas madrugadoras. Era por esse motivo que estava lá, para viver essas experiências. Mas sabe-se que quando a situação financeira está apertada, outras questões e emoções começam a aflorar. Eu estava disposto a isso e justamente por esse motivo, continuei vivendo experiências incríveis. Toquei na feira do livro de Santiago del Estero, também toquei no Bellas Alas, e em alguns bares mais pela cidade.

Nessa época, eu já me juntava também com Yvan Herrera, colega na ESPEA e excelente músico de Loreto. Yvan é daqueles músicos diferenciados, que chama atenção por onde toca, com um ouvido apurado, voz suave, doce, e com ideias de harmonia muito interessantes. Certa feita, convidou-me para passar um fim de semana na sua casa em Loreto. Fui muito feliz, entusiasmado. Já havia passado pela cidade nas visitas com Martín Medina às escolas rurais da região, nada mais que isso. Com Yvan, fomos à casa de Pablito Villalba para tentar armar uma guitarreada. Chegamos como 23h30 acredito, fomos os primeiros. É, as coisas em Santiago del Estero costumam começar bem tarde. Em seguida, chegou Faby Mansilla, cantor loreetano. Claro que todos ficavam surpresos com a minha presença. Começamos a noite com pizza e conversa. Eu contava que queria aprender sobre lendas, costumes, crenças e muito mais. Faby começou a contar histórias, algumas que causavam medo, como a da salamanca ou do almanula, por exemplo. Lembro-me de Faby contando de caçadores que saíam a procurar vizcacha (tipo um coelho) e sempre que encontravam, erravam o tiro. Tentavam outra vez, mas tornavam a errar. E assim, entravam cada vez mais monte adentro atrás da vizcacha incrédulos com a falta de precisão. De repente, começavam a escutar uma música vinda de lugares aparentemente inabitados. “*Chango, es la salamanca*”. Ali, paravam e retornavam. Em outras palavras, a caça levava os caçadores para a salamanca e, aquele que tivesse coragem, poderia ofertar sua alma em troca de algum talento ou fortuna.

A essa história, seguiram tantas outras. Em resumo, ficamos até às 3h da madrugada conversando, até que começamos a alegrar o pátio dos Villalba com música, para que depois todos pudessem dormir sem pensar nas assombrações. Éramos vários, mais de dez, e amanhecemos no pátio com outra rodada de pizza e sabe-se lá quantas cervejas e fernet-colas mais.

No mesmo fim de semana, sentados no mesmo pátio com Pablito Villalba, Yvan e Gabi Sosa - também colega do professorado - no meio da tarde, tomando mate e comendo rosquete - tradicional doce loreetano - vimos uma multidão caminhando pela estrada. Perguntei o que era e me responderam que eram peregrinos caminhando a [Villa Vieja](#), ou Villa Loreto, 15 quilômetros de onde estávamos. Villa Vieja foi inundada por uma enchente terrível em 1908, que tem diferentes versões, inclusive políticas, mas que não serão abordadas aqui. Nessa inundação, resgatam a imagem da Virgem de Loreto, levada no século 18 desde Potosí até Villa Vieja. Como a água não baixava, o sacerdote local junto com outras nove famílias decidem caminhar até a Estação de trem de Loreto, onde hoje se encontra a cidade. Há um gato de Fortunato Juarez chamado [El Violín de Tatacu](#) que conta parte da história da inundação.

Olhamos uns aos outros como que concordando que deveríamos nos juntar aos peregrinos. “*Son 15 kilómetros*” advertiu Yvan. “*Bueno, vamos!*”. E así nomás, sem pensar muito, éramos quatro pessoas mais na peregrinação. Foi uma experiência muito interessante. Entre rezas e cantos, orações e chacareras, fomos até Villa Vieja. Chegamos cansados, recebemos a benção na capela e sentamos ao redor de uma fogueira, onde me contaram melhor toda a história de Villa Vieja. Eu, Yvan e Gabi ainda voltamos os mesmos quinze quilômetros caminhando. Brincamos que se não fosse o vento a favor no fim da caminhada, não teríamos conseguido chegar. Alguns peregrinos reclamavam na volta “*No vengo más*” e a gente ria dos desabafos daqueles exaustos caminhantes.

Alguns dias depois, refletindo as histórias, a caminhada, a experiência, saiu-me uma chacarera que mais tarde foi intitulada Virgencita de Loreto. A versão original está no disco

Canto y Camino. [Aqui](#), deixo uma versão feita na época da pandemia do Coronavírus, em novembro de 2020, com músicos loretanos, grandes e importantes amigos que tenho e que admiro, importantíssimos na minha caminhada.

### **VIRGENCITA DE LORETO**

Letra e música de Marcos Saporiti

Yo me he ido caminando  
Con la Virgen de Loreto  
A conocer la Villa Vieja  
Tradiciones de un pueblo

Peregrinos llenos de fé  
Rezando a su manera  
Y de tanto en tanto  
Entonando chacareras

Y después de mucho andar  
Un merecido descanso  
Pa comer un buen rosquete  
Y seguir peregrinando

**Dale alas a mi canto  
Alumbra mi pensamiento  
Pa que cante a tu pueblo,  
Virgencita de Loreto.**

Cansadito hemos llegado  
Buscando tu bendición  
Cada cual en su silencio  
Haciendo su oración

Yo tomaba un vino tinto  
Alrededor de una fogata  
Escuchando las historias  
Que la gente me contaba

El Rio Dulce se ha llenado  
Inundando Villa Loreto  
Hoy mis ojos se inundan  
De agua y sal por los recuerdos

**Dale alas a mi canto  
Alumbra mi pensamiento  
Pa que cante a tu pueblo,  
Virgencita de Loreto.**

Durante muito tempo, antes de gravar essa música, tocou nas rádios de Loreto, uma versão horrível. Encurto a história: Talvez fosse dezembro de 2016, festa da Virgem de Loreto. Um grupo de amigos que formavam os “Loretanos” ia tocar e me invitaram a cantar essa chacarera, ocasião melhor não havia. Aproveitava a festa admirando cada apresentação, mesmo que ansioso. Embora me oferecessem bebidas, hesitei quase sempre querendo me cuidar, mas ao mesmo tempo, sabia que não era lugar de fazer desfeitas. Fui bebendo devagarinho. Esperei eternamente e, movido pela ansiedade, a cada tanto eu perguntava se já sabia que horas iriam tocar. E nada! Pelas 3h da manhã eu cansei e julguei que não tocariam mais. Decidi me divertir. Pois bem, isso prova o quão pouco eu ainda sabia dos festivais. Às 5h30 da manhã, chamaram o grupo para tocar e eu já estava enxergando o dobro de pessoas e caminhando você imagina como. Bueno, mesmo assim, chamaram-me para cantar esse tema e tive um desempenho muito aquém - para ser gentil - do que eu poderia fazer. Para piorar, foi registrada. Isso não impediu os aplausos e muitos elogios após a apresentação. A música realmente representa a cidade e, por esse motivo, chamou a atenção de tantos loretanos. Como era a única versão disponível, foi essa que tocou no rádio até que saísse a oficial. Eu sentia uma vergonha cada vez que tocava. Um dia me encorajei e perguntei porque seguiam colocando nas rádios: - “*Es un registro lindo con Loretanos de la Fiesta de la Virgen.*”



VIII  
AQUELE QUE FALA SOBRE SAUDADE, FIM DO ANO E ANTECEDE ANDANÇAS EM OUTROS  
FESTIVAIS.

Aquele que presta atenção no repertório santiagueño percebe que a nostalgia, a saudade do pago é recorrente nas poesias. O santiagueño, justamente por estar numa província desfavorecida economicamente, sempre procurou trabalho em outras províncias, seja nas plantações em Santa Fé, Corrientes, Chaco ou tentando a sorte nas grandes cidades como Buenos Aires, por exemplo. Pois bem, se a saudade do pago era um tema frequente, por que não poderia sentir eu a falta dos meus e dedicar-lhes uma música?

Acostumado a tantos Natais junto com a imensa família, cheia de gente, de vozes, de conversas e risadas, passaria dessa vez sozinho, ou quase isso. Sentia uma nostalgia grande e uma vontade de estar em casa, com os meus. Eu sabia que aquele ciclo em Santiago estava querendo se encerrar. Nessa época, muitas vezes sozinho, lutando contra o calor e os mosquitos, compus uma zamba chamada Zamba de Natal, em português mesmo. Basicamente, resume essa mistura desses sentimentos citados. Deixo a letra e o vídeo que fiz quando recém a havia composto para que assistas, leitor, caso tenhas vontade.

**ZAMBA DE NATAL**

Letra e música de Marcos Saporiti

Já se aproxima o Natal  
E bem longe eu vou estar  
Ai, que saudade me dá  
Das festas passar na casa dos pais  
E poder abraçar meus irmãos  
Desejar alegria, paz e gratidão

Solito vou recordar  
A ceia na casa da vó  
Toda família cantando, o Pai Nosso rezando,  
Ah, vou recordar  
E pertinho da meia noite  
As crianças esperando um presente ganhar

**Mas quando essa noite chegar  
E a saudade apertar  
Vou lembrar que aqui sou feliz  
E feliz vou passar meu Natal**

A cada passo que se dá  
Algo é deixado pra trás  
São caminhos que eu escolhi, andar por aí  
Ser feliz, ser feliz  
Se o meu destino é cantar  
Vou cantar, vou cantar o que aprendi

E se Deus me permitir  
A minha cidade voltar  
Ai, vou matar a saudade e tomar uns mates  
Na casa dos pais  
E junto com os meus irmãos  
Vou cantar e tocar bombo e violão

**Mas quando essa noite chegar  
E a saudade apertar  
Vou lembrar que aqui sou feliz  
E feliz vou passar meu Natal**

Faço uma pequena pausa na minha história para brevemente contextualizar a zamba. Trata-se de um ritmo, dança, música argentina, com antecedentes provavelmente provindos do Peru. Assim como a chacarera, o gato e o escondido, por exemplo, tem estrutura pré-definida, ou seja, uma música com a levada de zamba, porém, fora da sua estrutura, deve ser chamada de aire de zamba e não simplesmente zamba. Ponha-se no lugar de bailarinos numa peña. Os músicos anunciam que vão tocar uma zamba. Os bailarinos preparam o pañuelo, posicionam-se e, de repente, está tudo fora da estrutura, os

passos se desencontram e ninguém sabe o que fazer. Ao anunciar que é um aire, os dançarinos já estão cientes de que terão que improvisar os passos. Não há surpresa ou quebra de expectativa.

Na zamba, há expressivas variações no andamento. Em Salta e Jujuy são mais alegres, rápidas. São chamadas de zamba carpera, pois se dançava nas tendas em período de carnaval. Em Santiago del Estero, são mais românticas e lentas.

Bueno, voltando à minha história, esse período de fim de ano foi um pouco penoso e tinha períodos maiores de ócio. Num desses dias, liguei para Chingolo Suarez, folclorista bandeño, perguntando se poderia fazer uma visita - "*Claro*" - me disse - "*Pero no vengas en la siesta que estamos todos dormindo y tampoco en el horario de Avenida Brasil...*" - novela brasileira que passava na época na Argentina - "*...porque la estaremos mirando.*" - Eu concordei achando muita graça daquilo. Chingolo também ria, embora afirmasse que era uma verdade e não gozação. Nessa época, mostrei a Chingolo a chacarera trunca que havia feito para as escolas rurais. Ele me ajudou a ajustar a poesia com detalhes importantes, suprimindo aquilo que não fazia falta e sugerindo o que julgava relevante. Assim passei aqueles vários dias, procurando peñas, indo aos domingos no Patio del Indio Froilán, ainda que sempre atormentado pelo pouco mais que nada que me restava de dinheiro.

Embora a noite de Natal - 24 para 25 - tenha sido quase solitária, no dia 25 celebrou-se a Navidad Sachera - ou Natal do Campo - no Parque Aguirre. Trata-se de uma festa ao estilo santiagueño, com chacareras, gatos, escondidos, zambas e outros, que adaptam, de forma muito respeitosa, a festa cristã às realidades locais. Um exemplo de uma letra maravilhosa sobre o tema é de Pablo Raúl Trullenque, poeta bandeño (nascido em La Banda), na chacarera "*Que hermoso sueño soñé*":

"María soñé que tu niño  
Que Jesus de Nazaré  
Había nacido en mi pago  
Que hermoso sueño soñé"

A poesia segue contando como teriam reagido nesse sonho os moradores de Santiago com a notícia do nascimento de Jesus e que presentes da região o levaram. É muito bonita e sempre a tocam em época de Natal. Bailamos muito com Pedro, Nico, Yvan, Pitu e sabe-se lá com que outros amigos. Pela primeira vez, tomei o famoso vinho com Fanta. Isso mesmo, simples como se sugere. Um vinho barato misturado com Fanta laranja. Mais famoso que esse é o *vinho con soda* (água com gás). Nunca fui grande apreciador de vinhos, mas esse último, diluído na água com gás e com muito gelo, caía muito bem no verão. Acredite!

Entre os artistas presentes nesses eventos, sempre estão Juan Carlos Carabajal, muito reconhecido por tantos poemas e músicas de valor imensurável; as Sachaguitarras Atamisqueñas, grupo fundado por Elpidio Herrera, falecido em 2019 e que hoje é liderado por seu filho, Manolo; a família Carabajal sempre está presente, seja com Peteco, Demi, Cuti e Roberto, Roxana... são tantos! Tratarei de abordá-los minimamente em momento mais apropriado.

O ano se encerrava sem eventos relevantes para contribuir com essa história toda e eu, ainda sedento por experiências, precisava de alguma aventura nova. Informe-me sobre

meu saldo financeiro no Brasil. Não queria mexer nessa pouca reserva por nada e isso tem explicação razoável, ao menos para mim: viver com o que tinha reservado me obrigaria a procurar maneiras de obter recursos, fosse tocando ou trabalhando em outra área. E, de certa forma, foi assim que aconteceu até aquele momento. Toquei em diversos lugares. Ganhei pouquíssimo, comi comida barata e bebi do mais simples. Não deu para fazer reserva alguma, mas me mantive ativo, lúcido, com os pés no chão e, sobretudo, proporcionou-me inefáveis experiências. Resolvi sacar o pouco que tinha guardado no Brasil e partir rumo aos famosos festivais de Córdoba. E por aí, caro leitor, começará o próximo capítulo.

## VIX JESÚS MARÍA Y COSQUÍN - AS AVENTURAS EM CÓRDOBA

Com uma chegada a Córdoba capital que não carece de muitos detalhes para o bem andar da história, vamos logo a Jesús María, cidade na mesma província e famosa pelo Festival de Doma y Folklore, que acontece todos os anos em janeiro. Estava em dúvida se de fato iria a Jesús María, mas em uma das madrugadas que antecederam minha ida, em meio a algumas guitarreadas e conselhos, decidi ir e passar uns dias. Diziam-me que mais legal que o próprio festival eram as carpas e peñas que armavam na cidade, em volta do Anfiteatro José Hernandez. Fui para conferir.

Jesús María foi uma experiência de muita intensidade e certo sacrifício. Quase não havia mais hospedagem disponível na cidade e o que havia era custoso demais para o que eu tinha. Pensei que depois resolveria de alguma forma e fui procurar o que fazer. Deparei-me logo com os tantos restaurantes armados sob lonas, alguns maiores, outros menores e prontamente fui pedir permissão para tocar em alguns deles. É assim que funciona ao redor do festival: os músicos pedem permissão para tocar, passam o chapéu e quase sempre o restaurante dá de comer e beber. Fome eu não passaria. Ofereci-me em diversos restaurantes e quase sempre ficavam muito contentes que eu vinha do Brasil e trazia comigo aquele repertório tão *gaucho* argentino e brasileiro. No primeiro, já apresentei-me com sucesso, ganhei algum troco e comi em fartura. Entendi que se fizesse isso todas as noites, passaria bem e nas que não fizesse teria mais dificuldades. Conheci muita gente, muitos músicos talentosos em situação bem parecida com a minha. Com alguns, a amizade foi intensa enquanto durou o festival. Na primeira noite, já cheia de acontecimentos, de apresentações e convivência, acabei nem me lembrando que não tinha lugar para dormir. Deitei-me ao lado das barracas de vários músicos, a céu aberto, abraçado no meu violão e dormi não mais que duas ou três horas até amanhecer.

As noites seguintes foram parecidas. Preocupava-me em encontrar onde tocar, sempre conseguia, sempre comia e bebia e sempre esquecia que não tinha onde dormir. Certa vez, em uma noite de guitarreada, fiz bastante dinheiro com a ajuda de dois músicos moradores de Jesús María que incentivavam todos a contribuir. Um deles, já altas horas da madrugada, perguntou-me onde eu dormiria. Eu disse que ainda não sabia, mas que logo iria ver. Querendo me ajudar, mas com medo de acolher um estranho, fez-me muitas perguntas até convencer-se de que poderia confiar em mim. Ofereceu-me sua casa para que eu pudesse descansar melhor aquela noite. Aceitei, muito grato e envergonhado.

No dia seguinte, voltei às peñas e segui dormindo ao lado das barracas. Se você está pensando em como fazíamos para tomar banho, caro leitor, fique tranquilo. Havia banheiros com duchas preparados para isso. Esse definitivamente não era um problema. Em uma dessas peñas, restaurantes, conheci o grupo Los Huayra Huaucke, de Las Termas del Rio Hondo, cidade turística para o norte da Capital de Santiago del Estero. A maneira como os conheci foi muito interessante: estava eu tocando em um desses restaurantes quando alguém se aproximou, agarrou outro violão, plugou e começou a me acompanhar com extrema habilidade e sensibilidade nas chacareras e zambas que eu tocava. Depois daquele breve recital, apresentamo-nos um ao outro, chamava-se Gabi Cano me disse. Elogiei muito a forma como ele tocava. Em seguida, conheci o restante do grupo e fiquei para assisti-los. Eram incríveis. Os dois Diegos e Cain completavam a formação. Gabi

Cano, além de fazer a segunda voz e tocar violão, ainda tocava violino. Lembro de vê-lo pela primeira vez com esse instrumento, pensei que Peteco Carabajal também o tocava e decidi que, assim como eles, aprenderia algo de violino. De fato, uns meses depois, estava tocando algumas chacareras com melodias bem básicas.

São muitas as histórias que vivi em Jesús María. Tantos lugares que toquei, com tanta gente. Lembro-me que, na última noite do festival, um amigo recente me chamou para tocar. Eu não tinha mais voz e meus dedos doíam de tantas apresentações. Pedi desculpas e disse que não conseguiria. *“Hay mucha gente, hermano, se puede hacer algo de plata. Es la última. Vamos!”* - acabou me convencendo. Subi no palco testando a voz para ver até onde eu poderia ir, estava preocupado em falhar, em fracassar depois de tantos momentos bonitos. Pensei *“só mais essa, me ajuda, voz!”* E determinado larguei a voz que, mesmo meio gasta e rouca, não falhou, aguentou firme até o fim. Nos dias seguintes, eu exibia meus dedos e minha afonia como um troféu dos mais valiosos que se poderia ter, fruto de muita vontade de tocar, e claro, da necessidade de conseguir dinheiro para os próximos capítulos que não imaginava eu quais e como seriam. Após nove noites, fui-me de Jesús María muito feliz com a experiência e sem sequer entrar no festival principal.

\*\*\*

Poucos dias depois, já começava o Festival de Cosquín, talvez o mais famoso e concorrido da Argentina. Fui, motivado pela semana bem sucedida em Jesús María, dessa vez com recomendação de dois lugares para ficar. Acabei me hospedando na Casa de Edith, uma pousada simples, mas que tinha tudo que eu precisava. Nas primeiras noites, dormi numa barraca no pátio. Logo, vagou um quarto onde fiquei.

Cosquín é muito diferente de Jesús María. Ao menos, a minha experiência assim foi. Justamente por ser mais concorrida, há mais competição entre os músicos e menos cooperação. Era proibido tocar nas ruas e eu tinha muita dificuldade para fazer algo de dinheiro. Mesmo com essas limitações importantes, ainda conseguia me divertir bastante. Da mesma forma que Jesús María, armam-se diversas peñas ao redor do festival. No entanto, são mais comerciais, com melhor estrutura e organização. Tive muita dificuldade para conseguir tocar, mas não desisti e segui procurando. Eis que um acontecimento gigantesco aconteceu nessa empreitada. Sem eu saber, conversava com um dos produtores de Peteco Carabajal - enorme referente do folclore argentino, filho de Carlos Carabajal, el Padre de la Chacarera. Em seguida, ele me pediu que eu lhe mostrasse algo diferente. *“Escuchá, aquí todos tocan chacarera y muy bien. Preparate algo distinto, una chacarera en portugués, no sé, algo nuevo y mostrame mañana”*. Fui imediatamente para a pousada e fiz uma versão em português da chacarera doble *“Para los Ojos más Bellos”*, composição de Juan Carlos Carabajal, que Peteco sempre tocava. Na noite seguinte, mostrei a ele como tinha ficado aquela versão e prontamente ele me disse: *“Hoy subes a tocar con Peteco”*. Apavorei-me, mas sabia que seria algo incrível. Aquela peña, que ficava logo atrás do cenário principal do festival, era a peña de Peteco, *“Las nueve noches - Peteco Solo y acompañado”*, ou algo parecido, referente à duração do festival. Ele tocava todas as noites com artistas que iam chegando, alguns conhecidos e outros, como eu, com

menos estrada. Controlei meu nervosismo e esperei ansioso pelo meu momento que foi precedido pelos dizeres *“ahora quiero invitar a un chango que en realidad no lo conozco, pero dicen que viene de Brasil a tocar chacareras en portugués”*. Subi, peguei o violão e me larguei a tocar. Muita gente, assistindo àquela ousada e curiosa apresentação, filmava. Ainda toquei *“El Violín de Tatacu”*, aquele gato que citei de Fortunato Juarez sobre a inundação de Villa Loreto. Fiquei feliz com tantos aplausos e carinho. Quem me acolheu muito bem também, foi um dos assistentes de palco de Peteco, chamava-se Pablito e faleceu em 2018 ou 19. Apresentou-me para muita gente, e sempre que me via, pedia-me para tocar *“El Violín de Tatacu”* outra vez e ficava olhando com muita atenção, surpresa e felicidade com aquele meu sotaque diferente. Fiz muitas amizades naquela noite. Voltei contente à pousada, sabe-se lá que horas.

Apesar dessas grandes alegrias e experiências tão incríveis, havia um fator determinante que contrastava com todos esses sentimentos. Outra vez, eu ficava sem dinheiro e, agora, ao contrário do que aconteceu em Jesús María, eu não conseguia tocar e muito menos ganhar alguma remuneração. Por isso, muito triste por ter que interromper aquela vivência, agradei a Edith, a dona da pousada, e disse, com lágrimas nos olhos, que não ficaria aquela noite, que tinha que ir, que voltaria a Santiago. Ainda havia umas cinco ou seis noites de festival. Voltei ao quarto para arrumar minhas coisas e, quando terminava, ela me chamou: - *“¿por qué te vas, Marcos?”* - Eu tinha criado muito carinho por aquele lugar, pelas pessoas que compartilhavam a pousada comigo e esse sentimento era recíproco. Segurando o choro respondi - *“no me alcanza la plata para quedarme más”*. Ela, que já suspeitava do motivo, me abraçou e disse: *“Hay lugar disponible en la pieza. Quédate, no hace falta que pagues nada.”* Bom, aí eu já não tinha força alguma para segurar as lágrimas que correram livres.

A verdade é que eu não tinha muitas formas de agradecer à altura da gentileza que outra vez alguém me fazia. Tentei ajudar sempre que sentia que poderia e julguei que aproveitar bem o festival seria a melhor forma de ser grato. Nisso eu era muito bom. Acabei fazendo amizade com parte da equipe de Peteco, com o pessoal que estava expondo na mesma peña roupas de marca própria - Manos Argentinas - entre tantos outros. Entrava de graça e só tinha o trabalho de desfrutar. Depois disso, quando terminava a peña de Peteco, rumávamos todos para El Pátio de la Pirincha, famoso por começar as festas quando acabavam as outras. Isso mesmo, começava pelas 4h, 5h da madrugada e cheguei a sair de lá passado meio-dia.

Ainda na peña de Peteco, encontrei os amigos da Huayra Huaucke - que conheci em Jesús María. Estavam em temporada de apresentação num teatro em Carlos Paz, destino turístico muito disputado no verão por argentinos. Como convidado deles, participei de uma apresentação na Peña del Violinero em Cosquín e, mais tarde, em um teatro em Carlos Paz. Prometi que em algum momento organizaria um evento em Porto Alegre para que eles viessem tocar. Ainda estou em dívida. Terminada a temporada dos amigos da Huayra em Carlos Paz, voltaram de carro a Santiago del Estero. Ofereceram-me carona e fui feliz, com tantas histórias para contar que jamais imaginei que viveria de maneira tão intensa.

\*\*\*

A minha primeira temporada em Santiago del Estero estava acabando. Para ser sincero, eu não tinha certeza disso ainda. Encontrei dois amigos - Lipe e Visca - de Porto Alegre, não por acaso. Eles estavam voltando de uma viagem de carro que fizeram até a Bolívia. Resolveram voltar a Porto Alegre por Santiago para me encontrar. Ainda aproveitamos bem o Festival de la Salamanca e o Pátio do Índio Froilán, além de uns cafés na livraria Utopia e outros passeios mais. Na véspera da volta deles, eu ainda estava incerto se ficaria em Santiago mais umas semanas. Resolvi voltar com eles de carro ciente de que a qualquer momento que desejasse poderia pegar um ônibus para outra temporada em Santiago.

Já dentro do carro, na saída de Santiago del Estero capital, pela Ruta 09, eles fizeram a maior maldade que poderiam ter feito comigo: colocaram para tocar "*Allá Donde Fui Feliz*" música de Peteco Carabajal que ficou muito conhecida na voz de Jacinto Piedra, grande referente do folclore santiagueño, falecido num acidente de carro quando voltava de uma apresentação em La Banda. É uma música que significa muito para mim, que eu gosto de tocar e que começa com essas simples palavras: "*Allá donde fui feliz / Sé que pronto he de volver / y vendrán recuerdos a mi encuentro / los buenos momentos los reviviré*".

De volta a Porto Alegre, era hora de tentar colocar em prática aquilo que aprendi e vivenciei em Santiago del Estero. Não sabia que tipo de reação teria com o público daqui. Aos poucos fui experimentando. Foi um ano importante, de muitos encontros e de solidificação de uma identidade artística. Com Querim Zanette, Juani Sunde e tantos outros, firmamos parcerias e compartilhamos momentos muito agradáveis. Apresentações em tantos lugares. Estância de São Pedro, Casa de Cultura Mario Quintana, Comitê Latino-Americano. Depois de um tempo semeando a chacarera em solo gaúcho, apareceram o Régis e o Chango Duarte, dois apaixonados pelo folclore argentino e pelo bombo leguero. E lembro-me bem, no mesmo dia que conhecemos o Régis, numa apresentação minha e do Querim no Comitê Latino-Americano, também conhecemos o Jair Umann e a Laura Bauermann, grandes entusiastas da dança popular de diversas culturas ao redor do mundo. Chamou-me a atenção, pois foram os primeiros a dançarem de maneira espontânea uma chacarera em uma apresentação nossa. Óbvio que depois do espetáculo fomos conversar com eles para saber mais. Jair coordenava o grupo de extensão Brincantes do Paralelo 30, ligado à UFRGS. Identificamo-nos com projetos e ideias. Através deles, ministrei uma oficina de chacarera na ESEFID (Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança) em 2015, justamente para os Brincantes. A partir daquela mesma noite, tornei-me um integrante do Paralelo 30. Gosto muito de dança, mas sou péssimo e tímido. Ficava muito acanhado e me soltava um pouco mais quando tratávamos das danças argentinas. Com o Paralelo 30, apresentamo-nos junto com o Querim no Vale 12 e 30. Uma festa tremenda em plena UFRGS, como o nome sugere, no campo do Vale ao meio dia e meia. Quase todas as apresentações que eu fazia com o Querim, parte do grupo do Paralelo 30 aparecia para dançar e alegrar a festa. Essa parceria teve inúmeros capítulos memoráveis.

\*\*\*

Através do Régis, um grande apreciador do folclore argentino, fomos ao Encontro Costeiro de Taquari, em 2015. Trata-se de uma confraternização que começa numa quinta-feira - para aqueles que podem chegar mais cedo - e estende-se até o domingo de manhã. Na sexta de noite começam as apresentações musicais com tema livre e, já passado da meia noite - ao menos naquela ocasião - liberam uma frase, um tema, que deve servir de inspiração para uma composição a ser apresentada no sábado à noite. Ou seja, temos algo como 15 horas para compor letra e música. Há um mutirão entre poetas e músicos e, nesse período, são apresentadas mais de 30 canções. Um verdadeiro berço de fomento à cultura local, lugar de confraternização e muito aprendizado. Nessa oportunidade, o tema foi "MINHA TERRA TEM DE TUDO". Acabei compondo uma zamba, com participação do Querim, que decidi gravar e que encerra o disco Canto y Camino. Chama-se Fortunas da Vida.



Em outro desses encontros, agora em Ijuí, compomos um gato, gênero um tanto desconhecido no Rio Grande do Sul. Queríamos chamar a atenção mesmo. O gato tem a mesma fórmula de compasso e andamento que a chacarera, mas uma estrutura mais curta, que dura por volta de um minuto e meio. O tema da ocasião era “A RAZÃO DO MEU CANTO” e, de novo com Querim, compus um tema que nos agradou muito, que termina com os versos “*Essa é a razão do meu canto / tão só andar os caminhos.*” E adivinhe, leitor, assim se chamava a música: “Canto e Caminho.” Quando fui gravá-la, um ano depois em Loreto, optamos por modificar um pouco a letra e fazer um duo em português e espanhol com Yvan Herrera.

Bem, nessa música, buscamos uma maneira de hermanar as culturas santiagueñas e gaúchas. De trazer algo novo, de fora, mas com calma e respeito para não impactar ou chocar tanto. Trata-se da alegria de tocar e bailar, de acompanhar com palmas, de compartilhar um mate, seja doce ou amargo, de tomar vinho com soda ou cachaça com fanta, de guitarrear. E, claro, disso tudo e mais um tanto tratava meu canto e meu caminho.

### CANTO Y CAMINO

Letra e música de Marcos Saporiti e Querim Zanette

Cantando esse gatito  
Vou andejando lonjuras  
Yo traigo en mi rasguido  
La marca de una cultura  
E em minha voz, paisano,  
Pra todos males, a cura

Voy cantando chacareras,  
Gatos, zambas y escondidos  
Que lindo fica meu pago  
Se mais feliz, mais bonito

De a poquito van llegando  
Musiqueros, bailarinos

Meta zarandear las chinas  
Meta zapatear los changos  
Quem a bailar não se anima  
Com palmas vai acompanhando

E tu ainda me perguntas  
Qual a razão do meu canto.

Cantando este gatito  
Voy adentrando otros pagos  
E assim, bem despacito  
Pra não causar tanto estrago  
Hermanando o Rio Grande  
À província de Santiago

Compartiendo las costumbres  
El mate dulce o amargo  
Um trago de samba com Fanta  
Talvez um tinto sodeado

Isso para mim me basta  
Guitarrear só por gusto

Y se te agrada mi canto  
Ya me doy por bien servido  
Com minha guitarra nos braços  
Vou compondo o meu destino

Esa es la razón de mi canto  
Tan solo andar los caminos

\*\*\*

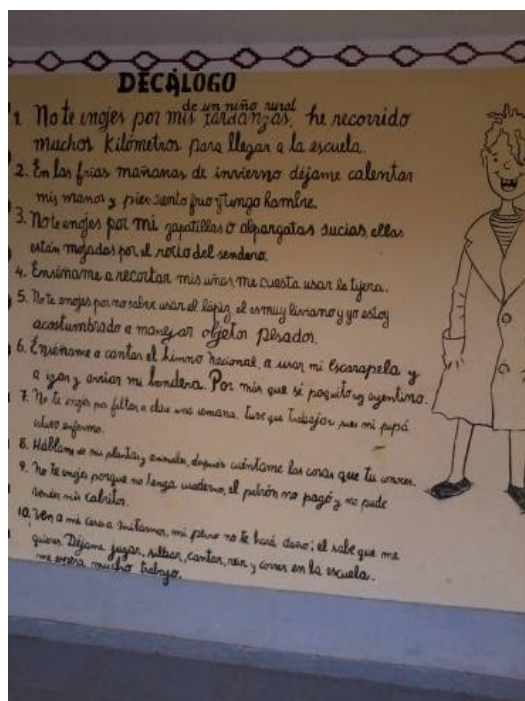
Em algum momento em 2015, apareceu nas minhas redes sociais Chango Duarte. A princípio pouco conversamos, mas depois criamos uma parceria muito legal, apesar de esporádica. Chango é uma enciclopédia do folclore argentino e gaúcho, fundador de um MTG em Brasília, onde morou muitos anos. Conhece tudo de Santiago del Estero sem

nunca haver pisado naquela província. Além disso, escreve letras maravilhosas. E - quase ia me esquecendo do principal - é bombisto. Por esses motivos, aproximamo-nos e começamos a nos apresentar junto com Querim. Em 2019 - depois de lançado o Canto y Camino - tive a oportunidade e felicidade de musicar uma letra muito bonita de Chango, cheia de significados e sentimentos de alguém que, como diz ele mesmo seguido de uma risada, nasceu no lugar errado. Gravei também no período de isolamento social, em 2021, uma versão no meu homestudio. Chama-se [La del Brasileño](#) e é uma chacarera doble.

Ainda em 2015 em Porto Alegre, compus algumas canções que vieram a integrar o Canto y Camino e que não necessariamente têm uma história específica que as inspirou. Pode ser uma mistura de sentimentos e reflexões. “Lá pra fora” é uma chacarera doble e trunca bem lenta que fala sobre períodos da infância com a família em uma fazenda no Alegrete, oeste do Rio Grande do Sul. “De Tristezas y Alegrías” nasceu como chacarera e se tornou uma milonga. Escrevi sentado à porta de um bar onde trabalhava controlando a entrada de clientes, num dia sem movimento, na parte de trás de uma comanda. Foi na mesma semana em que, junto com alguns amigos, visitamos uma simulação do Médicos Sem Fronteiras no Parque Farroupilha, ou a famosa Redenção, uma experiência forte e que abalou a mim e a meus amigos.

Alguns meses depois, nasceu a letra de Zamba de tu Silencio que já tinha parte da harmonia construída, sobre desamores. “De Recuerdos” um chamamé, é a mais fictícia de todas. Começou a nascer lá em 2013 ou 2014 quando aprendia os ritmos gaúchos com Marcello Caminha. Propus-me a fazer uma composição para cada ritmo aprendido, mas acabei escrevendo apenas para o chamamé. Embora eu estivesse meio perdido na faculdade, sempre aproveitava algumas ideias das disciplinas que me causavam naquela época maior interesse, como harmonia, por exemplo. E foi depois de algumas dessas aulas que terminei de compor “De Recuerdos”, aplicando conceitos que havia aprendido em aula e abrindo o caminho para uma parte de maior contraste harmônico na música. A letra foi fruto das minhas pesquisas acadêmicas e pessoais sobre a região fronteira somada a alguma imaginação.

A música que dou maior destaque nascida nesse período, é “*Canción de Pedrito*”, que abre o álbum Canto y Camino. São três as inspirações para essa canção, que lembra o ritmo de um carnavalito ou huayno. A primeira é a caminhada em torno das escolas rurais, as plantas nativas, as aves e as crianças, alunos. A segunda, é o livro Shunko, leitura básica nas escolas da região, que basicamente trata de um professor da cidade que vai dar aula no campo, onde muitos falam o idioma quíchua santiagueño, herança inca. O professor depara-se com costumes muito diferentes dos seus, ensina matérias básicas, mas sobretudo, aprende com os alunos seus costumes e suas crenças. A terceira fonte de inspiração, e talvez a mais importante delas, é uma parede pintada na escola de Taquetuyoj, já em departamento de Atamisqui, a qual me chamou muita atenção quando visitei e recordo que fiquei bastante tempo lendo o que estava pintado e refletindo sobre aqueles dizeres. Trata-se do “*Decálogo del niño rural*”. Recordo que me emocionou bastante a simplicidade das palavras e dos mandamentos:



- 1 – No te enojas por mis tardanzas. He recorrido muchos kilómetros para llegar a la escuela.
- 2 – En las frías mañanas de invierno déjame calentar mis manos y pies: siento frío y tengo hambre.
- 3 – No te enojas por mi zapatillas o alpargatas sucias, ellas están mojadas por el rocío del sendero.
- 4 – Enseñame a recortar mis uñas, me cuesta usar la tijera.
- 5 – No te enojas por no saber usar el lápiz, él es muy liviano y yo estoy acostumbrado a manejar objetos pesados.
- 6 – Enséñame a cantar el himno nacional, a usar la escarapela y a izar y arriar la bandera. Por más que sé poquito, soy argentino.
- 7 – No te enojas por faltar a clase una semana. Tuve que trabajar pues mi papá estuvo enfermo.
- 8 – Háblame de mis plantas y animales, después cuéntame las cosas que tu conoces.
- 9 – No te enojas porque no tengo cuaderno, el patrón no pagó y no pude vender mis cabritos.
- 10 – Ven a mi casa y visítanos, mi perro no te hará daño; él sabe que me quieres. Déjame jugar, silbar, cantar, reír y correr en la escuela. Me espera mucho trabajo

Eu queria compor algo que não fosse chacarera ou zamba. Queria algum outro ritmo para contrastar um pouco com os tantos outros que já havia composto. Arrisquei alguns acordes e ritmos ainda mais nordestinos. No começo, a letra foi saindo naturalmente junto com a harmonia. Depois, reli várias vezes o decálogo, além de trechos de Shunko. Segue o resultado:

### CANCIÓN DE PEDRITO

Letra y música de Marcos Saporiti

Va, Pedrito, va silbando  
 Por senderos salitrosos  
 Va llevando a su hermanito  
 Por la mano, que buenito!  
 Va silbando melodías populares

Con alpargatas que el tiempo  
 Castigó junto al rocío  
 Poco importa todavía  
 Les protege día a día  
 A sus pies rumbo a la escuelita rural

Va a cantar junto al maestro  
 Las costumbres de su pueblo  
 Va a izar a la bandera  
 Y a jugar con compañeros

Cuéntame, cuenta Pedrito  
 De tus plantas y animales  
 Los perfumes y colores  
 Como canta sus amores  
 Cada ave que dibuja el paisaje

“Discúlpame, maestro

Esos días voy a faltar  
 Se ha puesto enfermito mi papá.  
 Las cabras tienen hambre,  
 Las tengo que cuidar  
 Vuelvo así que terminar”.

“Pedrito llega a la escuela con la difícil misión de manejar un liviano lápiz. Está tan acostumbrado con objetos pesados del día a día, que le cuesta la tarea. Dejen que ría, que juegue, que cante. Que aflore valores que, por ahí, hace mucho nosotros nos hemos olvidado”

Va a sobar el pan nuestro  
 Cultivar los alimentos  
 Va a trepar al algarrobo  
 Compartir conocimiento

Va a cantar junto al maestro  
 Las costumbres de su pueblo  
 Va a izar a la bandera  
 Y a jugar con compañeros

\*\*\*

Ainda em 2015, tive experiências de riquezas ímpares. Em julho, saímos entre cinco amigos em uma Kombi rumo à Argentina. Ficamos uns dias em Rosário, outros em Córdoba, fomos a Santiago del Estero, onde me detenho para um breve relato. Entre outras atividades que fizemos, levei meus amigos no domingo ao Patio del Indio Froilán para que tivessem uma experiência mais próxima de como seria um verdadeiro domingo santiagueño. Bueno, tomamos umas cervejas, comemos empanadas ou pizzas e, claro, bailamos todos durante um longo período. Assim como eu, na minha primeira noite em Santiago de Estero, empurrei-os para dançar, pouco me importava se sabiam como era a dança. O importante é entrar na roda, daí em diante, alguém vai ditando os passos, sem classe prévia, até que mais habituado aos movimentos, o corpo naturalmente vai se soltando. No dia seguinte, um dos meus amigos me contou que aquela tinha sido talvez a experiência cultural mais significativa que já tinha vivido. Tentou explicar-me o porquê. Talvez por estar de fato dentro de uma identidade viva de uma região muito rica culturalmente. Fiquei muito feliz que tenham gostado tanto.

Na mesma semana, fomos com Martín Medina à escola de Taqueyo, essa no departamento de Termas del Rio Hondo, ao norte da capital, onde conversamos, tomamos mate cocido com os alunos e professores, tocamos algumas músicas e escutamos outras histórias. Na volta a Porto Alegre, ainda paramos no Cerro Colorado por uma ou duas noites, lugar onde Atahualpa Yupanqui construiu sua casa, que hoje é um museu e ponto turístico no norte da província de Córdoba. Embora tenham sido experiências muito ricas, detenho-me em aprofundá-las já que não diretamente inspiraram alguma das canções do disco Canto y Camino, tema central da obra presente.

Em 2016, segui com as apresentações, estudos, ensaios e projetos com tantos parceiros. Querim sempre esteve presente neles. Chango Duarte, a Companhia de Danza La Marrupeña - Brasil e também o grupo de Brincantes do Paralelo 30. Com esse último, eu me reunia todas às terças-feiras para compartilhar saberes diferentes, conversar, brincar e também dançar, ou tentar. Tantos outros parceiros que passaram por um período menor, mas que ajudaram a construir essa história do folclore argentino aqui em Porto Alegre. Fernando Leider com seu violino, Antonio Olivar que é uma referência para mim no repertório sul-americano hispano-hablante, apesar das pouquíssimas vezes em que estivemos juntos. Graças a todos esses parceiros, mantivemos animadas apresentações e um lindo fomento da cultura da chacarera em Porto Alegre.

Paralelo a esses encontros e apresentações, ia ajustando letras, composições e arranjos. Comecei a gravar em casa algumas demos e entender qual nível de gravação eu poderia chegar na época, com os equipamentos e conhecimentos que tinha. Certo dia, chamei dois colegas da faculdade, os amigos Diogo Brochmann e Ricardo Di Carli para uma audição dos temas que eu havia gravado, seguido por uma boa pizza. Após escutar com atenção umas cinco ou seis músicas, fizeram comentários e quase que em uníssono questionaram: “*por que tu não grava lá na Argentina?*” Não que eu nunca tivesse pensando na possibilidade. Claro que tinha, mas sempre me pareceu muito ousado, beirando o impossível. E a naturalidade com que eles sugeriram me fez refletir e pensar que, sim, era ousado, mas longe de ser impossível. O que me faltava era coragem e alguém que me empurrasse para essa aventura. Fiquei dias pensando na ideia até que resolvi que iria. Precisava me planejar minimamente. Voltei a trabalhar em bares e eventos, fiz várias apresentações publicitando o projeto de arrecadar dinheiro para ir à Argentina gravar, e funcionou. Sempre tinha gente presente nos eventos em que eu tocava. Também toquei em feiras como a do Brique da Redenção, a de sábado no Largo Zumbi dos Palmares, nas feiras do bairro Menino Deus e no Centro Histórico. Economizei bem, juntei minhas economias e no dia 25 de outubro de 2016 eu partia novamente a Santiago del Estero.

Antes dessa data, conversei com Yvan Herrera, perguntei se gostaria e poderia me ajudar nas gravações, se me indicaria um estúdio e alguns músicos para participarem. Tentei antecipar algumas etapas à distância enviando esqueletos das músicas e pedindo ideias de arranjo, mas definitivamente não funcionou. O melhor era eu ir logo e começar o processo lá. Pensei em ficar três semanas intensas no estúdio. Já tinha as canções organizadas. Eram entre oito e dez. Yvan conversou com aquele que até então para mim era “*el chango del estúdio*”. Contou minhas pretensões, mostrou alguns temas, mas que só seriam considerados de fato quando eu estivesse em Loreto. Bueno, peguei o ônibus e me fui. No trajeto, eu, acostumado a esses largos percursos, cometi um erro enorme. Fazia certo calor e meio apressado, esqueci-me de um agasalho. O resumo é que fui até Uruguaiana congelando no ônibus, encolhido no meu assento, abraçando as pernas, com os braços para dentro da camiseta de manga curta, tentando tapar todas as saídas do ar-condicionado. Na fronteira, para fazer os trâmites de entrada na Argentina, pedi que por favor me baixassem a mochila que estava no bagageiro do ônibus para que eu pudesse pegar um agasalho. E a partir de então, a viagem passou a ser mais tranquila. O grande problema era que a exposição ao ar gelado já tinha sido suficiente para me causar alguns problemas. Quando cheguei em Santiago, tinha a garganta um pouco incômoda e um ouvido completamente tapado, algo que nunca tinha acontecido. Não tinha dor no corpo nem sintomas de gripe que me causassem indisposição.

Fiquei hospedado na casa que Yvan y Facu alugavam em frente a Plaza Sarmiento. Tinha um banheiro pequeno, uma cozinha e uma sala/quarto onde dormíamos os três, eu num colchão no chão, pois não havia lugar para outra cama. Isso nunca foi um problema. Divertíamos-nos juntos e compartilhávamos momentos com música, conversas e encontros. Lembro-me de passear pelas ruas de Santiago del Estero com um imenso sorriso, relembando os bons momentos vividos em 2014/15, tudo que conheci, as pessoas que cruzei, os aprendizados, as danças, as festas, os personagens populares que perambulavam pelo centro apresentando suas artes por alguma contribuição espontânea. Enquanto caminhava, percebia que esses sentimentos eram fortes o suficiente para inspirar alguma canção nova e alegre, e também diferente do que eu já havia proposto com as outras músicas. Pensei que o álbum não estaria completo caso faltasse uma guaracha santiagueña. Sentia a necessidade também de contar que Santiago del Estero não era só chacarera, há inúmeras outras formas de cultura local e uma delas é a guaracha. Trata-se de um ritmo muito popular e animado, que nasceu no interior, nos pueblos e aos poucos foi entrando nas cidades. Mistura vários ritmos que se encontram num só. Tem algo da cumbia, do quarteto cordobés, do chamamé. De toda essa salada de ritmos, somada a um sabor tropical e santiagueño, nasce a guaracha.

Bueno, voltei do meu passeio, sentei-me na salinha do nosso apartamento e comecei a escrever alguns versos observado por Yvan Herrera que me ajudou com algumas palavras mais precisas. Martin Medina também me aconselhou a trocar o nome dos times de futebol que eu havia posto na letra para outros que fizessem mais sentido pela rivalidade. Desse passeio, do clima de alegria por estar de volta a Santiago disposto a novas aventuras e experiências, nasceu No Solo es Chacarera, uma guaracha santiagueña composta por um brasileiro encantado pela vida simples de Santiago del Estero.

:

### **NO SOLO ES CHACARERA**

Letra e música de Marcos Saporiti

Que dicha es otra vez poder sentir el calor de Santiago  
Volver a ver amigos que un buen día la vida me ha brindado  
Todo es fiesta en mi corazón  
El ritmo de la guaracha bien traduce esa emoción

Que lindo es saber si ganó Mitre o si ganó el Ferro  
Si es gato o escondido, zarandeo o se me toca el zapateo  
Sigue la farra hasta el amanecer  
Fernet con coca pa macharse ha de ser

### **Hoy vivo todo lo que un día era nostalgia Guitarra copla, patio y tierra, vino y magia**

Se vuelve el centro en fiesta cuando toca Coo el Guarachero  
Con su güiro en las manos va cantando la guaracha del estero  
Y el caminante ya no puede disimular  
Sus pies delatan esas ganas por bailar

Subir al 21 con destino a la Ciudad de La Banda  
Allá donde he gozado los pecados de la Salamanca  
Dejo mi alma en este socavón  
Llevo el embrujo de Santiago salitre y sol

### **Hoy vivo todo lo que un día era nostalgia Guitarra, copla, patio y tierra, vino y magia**

**Santiago no solo es chacarera  
También es tierra de la noche guarachera**

\*\*\*

Em poucos dias, fui com Yvan a Loreto, conhecer o humilde estúdio onde gravaria e, claro, aquele que encabeçaria o processo de gravação, Matias Ledesma. Pegamos um ônibus e andamos 60 quilômetros para o sul. Depois caminhamos mais umas oito a dez

quadras até chegar no estúdio de Mati. Yvan nos apresentou, conversamos um pouco e mostrei alguns esqueletos das canções que já havia gravado em minha casa em Porto Alegre. Trocamos algumas ideias, eles sugeriram ainda de maneira informal instrumentações e músicos que poderiam participar e terminamos aquele dia entre novos amigos, jogando videogame e compartilhando alguma comida e bebida. Em poucos dias já começaria a gravar.

Eu não tinha muita experiência com estúdio e gravações. Tudo que tinha feito, era sozinho no meu quarto. Obviamente, fiquei um tanto nervoso, mas fomos avançando com paciência. Quando estava em Santiago capital, tentava criar arranjos para algumas músicas que tinham nada mais que letra, harmonia e melodia. Mas quase sempre, definíamos no estúdio, junto com Mati e Yvan. Tive muitos problemas com a voz guia no começo. Meu ouvido, apesar dos remédios que tomava, não dava nenhum sinal de que melhoraria e minha voz estava completamente imprópria para o canto. Já haviam passado quase duas semanas que eu havia chegado e minha ideia inicial era conseguir gravar, ao menos a minha parte, entre três e quatro semanas e deixar eles tranquilos para tomar decisões sem que eu precisasse estar lá. No entanto, as gravações demoraram a andar. Não havíamos organizado um bom cronograma e eu não tinha condições de executar as canções. Junto com o problema do ouvido e da demora em fazer andar o processo de gravação, começava a aparecer a questão financeira. Não havia me programado para ficar muito tempo, então, em algum momento não muito distante, sabia que começaria a me faltar. E claro, aconteceu mesmo.

\*\*\*

Entre os momentos no estúdio em Loreto e em casa em Santiago, sobrava-me tempo para, junto com Martin Medina, visitarmos outras escolas rurais. Fomos à La Pública, localidade perto da escola de Santa Bárbara onde funcionava o ensino de uma maneira um pouco diferente. Como a escola era longe e a distância desanimava alguns alunos, os professores e diretores optaram por fazer uma semana de aula na escola e a outra em La Pública, onde moravam todos os estudantes. Dessa maneira, conseguiram manter todo mundo matriculado durante o período letivo. Lá, junto com Nico, Facu e Pedro, guitarreamos um pouco, conversamos e compartilhamos um delicioso almoço que os pais dos alunos prepararam. Dançamos um par de chacareras e tomamos o caminho de volta a Santiago.

Visitamos também Sauce Solo, uma das escolas do agrupamiento San Juan e eu, ainda de ouvido tapado, conversei com os alunos, cantei e escutei histórias. Martin lembrou que perto da casa de um dos estudantes havia uma árvore de chañar. Contou-lhe que eu estava ruim do ouvido e da garganta e perguntou se poderiam pegar um pedacinho da casca da árvore. Prontamente ele nos convidou para que fôssemos com ele até sua casa, que lá sua mãe mesmo prepararia o chá. Bueno, assim funciona: fazem um chá a partir da casca do chañar, uma árvore frutífera. Dizem que atua muito bem contra males relacionados à respiração, gripe, garganta, nariz. Claro que eu aceitei. Receberam-me muito bem, foram muito amáveis. Sentei-me numa cadeirinha no pátio onde um peru me rondava como que cuidando e marcando território. Na brasa do carvão, esquentaram a água e prepararam o chá, que estava delicioso.



De fato, a garganta apresentou sinais de melhora. Já havia testado tantas outras alternativas. Dormir com cebola perto do rosto e também inspirar vapor de água pura ou com cebola. Mas o ouvido direito seguia completamente tapado. Resolvi ir ao hospital consultar, já estava preocupado com o sintoma que não passava e com as gravações que



não andavam. Receitaram-me um remédio que em poucos dias começou a mostrar-se eficaz, meu ouvido foi se destapando e minha felicidade voltando.

\*\*\*

Era meio de dezembro quando saltei uma poça de água e escorreguei na terra logo depois dela, que mais parecia sabão. Caí relativamente bem e não senti desconforto algum. No dia seguinte, quando acordei, meu polegar esquerdo estava inchado e eu tinha muita dificuldade para fazer movimentos ou qualquer tipo de força. Bom, trata-se de um dedo importante para tocar violão, serve como apoio para os outros e, sem ele, estava outra vez inapto a gravar. Ali, quase me desesperei e muito chateado resolvi que não gravaria mais, que tudo tinha sido péssima ideia e que teria que voltar com esse fracasso. Fui conversar com Mati e decidimos esperar alguns dias, ir tentando nesse tempo pensar em outros arranjos e contatar os músicos que poderiam fazer parte do processo. E logo vimos que foi a melhor escolha. Meu dedo em menos de uma semana já se movimentava quase que normalmente, sem dor alguma que me impedisse de tocar. Retomamos o projeto.

Uns dias antes do Natal, Yvan e outros músicos loretanos organizaram uma peña na cidade de Loreto. Fui, ajudei a organizar o local, as bebidas, o palco e outras coisas menores. Em nenhum momento, ninguém comentou comigo sobre fazer alguma participação na peña. Eu tinha músicas que achava que seriam interessantes de apresentar, e a presença de um brasileiro poderia entreter o público, nem que fosse por duas ou três músicas, mas nunca me chegou o convite. Na noite da peña, outros músicos perguntavam se eu iria tocar e, tentando esconder minha decepção, dizia que não. Fiquei muito chateado e imaginando alguns porquês. E naquele momento, eu pensava que, se eu não tinha sido convidado nem sequer a fazer uma breve participação, provavelmente era porque não me achavam bom o suficiente para fazer parte daquela peña, que não estava à altura da festa que ofereciam. Como já havia acontecido na Fiesta de La Virgen de Loreto, umas semanas antes, já ciente de que não iria tocar, resolvi afogar a angústia com um par de cervejas e Fernet-Cola. Nada que destoasse do clima da festa, mas fui firme. Dessa vez, não toquei mesmo.

Dia 25 de dezembro, fiquei sozinho onde morávamos os três. Peguei meu violão, sentei-me num banquinho na praça e, motivado por esse evento da peña e por tantos revezes que me aconteciam desde que eu havia chegado, comecei a tararear uma melodia. Pensava nas gravações que não andavam, no ouvido ruim, no dedo machucado e no dinheiro que me começava a ser pouco. Refletia que Santiago del Estero era a salamanca em si, onde se aprende muito rápido, mas à custa da alma, ou, traduzindo para aquela realidade, da felicidade e dos prazeres, da possibilidade de desfrutar de uma habilidade que se conquistou. Sentei-me, brinquei com alguns acordes e arpejos e logo me saía a seguinte estrofe, pensando que, para tantos insucessos, só poderia ter vendido minha alma em alguma ocasião que pensei que valeria a pena. - “Será que só *de pensar em vendê-la já pode concretizar o pacto?*” - refletia eu:

*Andando de peña en peña  
Con mi alma salamaquera  
Soy viajero caminante  
arpegiando mis penas*

Percebi rapidamente que a estrofe tinha muito potencial, baixei a cabeça e num misto de lágrimas pelos sentimentos que transbordavam e entusiasmo por aquilo que recém queria nascer, escrevi a letra que considero a mais madura do álbum. “*El que se ríe es el diablo*” é uma chacarera simple e faz referência à lenda da salamanca, àquele que vende sua alma em troca de talento e, por isso, não desfruta de seus êxitos e conquistas. Tentei aproximar ou trazer para a minha realidade a ideia da lenda, eu que buscava algo muito especial, mas para isso deveria pagar um alto preço. Deixo uma versão gravada em março de 2020 durante o período de isolamento social causado pela pandemia do Coronavírus:

### **EL QUE SE RÍE ES EL DIABLO**

Letra e música de Marcos Saporiti

*Andando de peña en peña  
Con mi alma salamanquera  
Soy viajero, caminante  
Arpegiando mis penas*

*Perdidas mis ilusiones  
Ya no encuentran un camino  
Perdido soy forastero  
Que arde en la siesta solito*

*Es cierto me han avisado  
Que todo tiene su precio  
Pobrecita de mi alma  
Que ahora sufre en silencio*

***Soy alma endiablada  
Arrepentida del trato  
De que me sirven aplausos  
Si el que se ríe es el diablo***

*Sabían ser mis caminos  
Verdes orillas de ríos  
Hoy son desiertas acequias  
Donde no juegan los niños*

*El que anda en los salitrales  
Sabe el calor que le espera  
El que anda salamanqueando  
Debe saber de las penas*

*Amargos son los sabores  
Que sabían ser dulcecitos  
Te apuñala por la espalda  
Quien te decía mi amigo*

***Soy alma endiablada  
Arrepentida del trato  
De que me sirven aplausos  
Si el que se ríe es el diablo***

Ao terminar a melodia e harmonia, comecei a ensaiar os punteos, ou solos que antecedem cada estrofe. Depois de pronto, mandei num grupo de Whatsapp de alguns amigos de Santiago del Estero, entre eles Yvan e Facu, que me respondeu “, Chango, *me saco el sombrero*”. Realmente, senti que tinha uma das melhores letras do álbum.

Eu ainda estava morando em Santiago capital e as viagens a Loreto começaram a pesar no bolso. Yvan e Facu decidiram entregar o apartamento no dia primeiro de janeiro e eu pedi ajuda a conhecidos para encontrar um quarto em Loreto, ficar perto do estúdio e ver se as gravações enfim andariam. No dia 30 de dezembro, participamos de uma festa em Loreto. Voltei dia 31 para a casa onde morava com Facu e Yvan. Eles já haviam tirado todos seus pertences de lá, a casa estaria vazia, não fossem minhas coisas. Dormi sozinho, ou melhor, tentei dormir porque nem ventilador havia mais. O calor era insuportável. Lembro que tentei amenizar com três ou quatro banhos frios naquela madrugada para ver se conseguia pegar no sono um pouco que fosse. No dia seguinte, preparei meus pertences e parti rumo a Loreto, onde visitaria um quatinho para ver se me servia.

XI  
LORETO AMADO, SIEMPRE TE CANTARÉ

No dia primeiro de janeiro de 2017, fui de vez para Loreto. Demorei a achar o lugar e, à primeira vista, me assustei. Claro, passava por um longuíssimo terreno baldio, não havia outras casas próximas, apenas campo e era um tanto afastada do centro. Aluguei mesmo assim, pensando que era suficiente por algumas noites. Tratava-se de um quartinho com uma cozinha, sem banheiro - era externo - bem afastado do centro de Loreto. Muitas histórias aconteceram nessa casa, algumas bem engraçadas. Costumava botar uma mesinha para fora, no pátio, e tomar meu mate ali em frente de casa. Deixava a porta aberta, afinal, estava bem próximo. Certa vez, ao entrar, me deparei com uma galinha no meu quarto que, por sua vez, viu-se encurralada e sem saída, o que para ela foi motivo de pânico. Tentei abrir espaço para ela passar, mas ela demorou a entender, deu algumas batidas de asas e gritos até que conseguisse sair. Claro que deixou sua marca - defecou - antes de partir.

Fui me acostumando com o lugar. Naquele calor de janeiro, estar afastado do centro era bem relevante, a temperatura era um pouco mais baixa. Ir para baixo do chuveiro, no entanto, era sempre um desafio grande. A água aquecia na caixa d'água e vinha quase que a temperatura de água para o mate direto no corpo. O banho precisava ser programado para a manhã ou bem à noite.

Sempre que voltava do estúdio de Mati, passava por uma quadra muito grande, talvez proporcional ao que seriam três quadras, com rua de terra, meio esburacada e campo dos dois lados, sem nenhum poste de luz. Era totalmente escuro. Eu ia de bicicleta com uma pequena lanterninha que Matias Gramajo tinha me presenteado justamente para a ocasião. Conheci esse músico enquanto gravava no estúdio de Mati. Era muito comum cruzar por alguém que estava gravando, ou alguém entrar enquanto eu gravava. Ficavam atrás do vidro escutando e, depois das sessões, sempre conversávamos. Bom, esse trajeto era sempre meio tenso. Qualquer coisa poderia sair do meio do mato e eu só veria quando estivesse muito próximo de mim, pois a lanterna, ainda que ajudasse muito, era daquelas bem pequeninas, do tamanho do dedo mínimo.

Certa vez, ouvi barulhos bem estranhos numa madrugada, querendo amanhecer. Despertei-me assustado e voltei a me assustar quando os gritos tornaram a acontecer. E estavam mais próximos e a história era semelhante a algumas assustadoras que eu já havia escutado por aqueles lados. No fim das contas, quando despertei-me por completo, percebi que era um galo que, por qualquer motivo, inventou de cantar diferente aquele amanhecer, de um jeito meio estranho e assustador, mais gritado que cantado. Voltei a dormir tranquilo assim que o identifiquei.

Fiz grandíssimas amizades com esses músicos loretanos e, claro, com Mati Ledesma. Não era uma relação mais de músico e engenheiro de som, ou como queiras chamar. De fato, eu ia nos momentos de ócio ao seu estúdio tomar uns mates sempre dulces, comer rosquete de tarde, pizza ou lomito, à noite. Encontrava alguns outros músicos que estavam gravando. E quando terminavam o trabalho, jogávamos videogame enquanto escutávamos alguma música ou resultado da gravação. Todas as semanas nos juntávamos com um grupo grande de músicos loretanos para jogar futebol. Sempre

disputados, mas ao mesmo tempo sabendo que do outro lado havia um músico que dependia de seus dedos, mãos, punhos, braços, corpo inteiro intacto.

As gravações estavam andando meio desordenadamente. Ainda não sabíamos quem iria gravar o quê nem quando, e isso me assustava um pouco. Reservei a casa por um mês, achando que no final de janeiro já teria encerrado essa etapa. Logo vi que não seria assim. Corri ao centro de Santiago del Estero com meu amplificador portátil e meu violão para tocar na rua e conseguir algum dinheiro mais para me manter. Fiz isso várias vezes, algumas eram bem penosas, afinal, viajava 60 quilômetros para ir e mais 60 para voltar, por um par de moedas que ganharia. Mesmo assim, valia a pena.

Em janeiro ainda, fui convidado pela Mili Piantini - que já havia conhecido através de Yvan em Santiago e que mora em Loreto - para um aniversário de um amigo da família em Loreto. Ele, o aniversariante, não me conhecia, nem eu a ele. Mesmo assim, receberam-me muito bem, não me deixaram faltar nada e me pediram que tocasse um par de canções. Havia muitos músicos se apresentando. Tocavam chacareras, zambas, vidalas e tantos gêneros mais. Meio borrachos, começaram a se jogar água, a bailar de pés descalços na terra molhada. Era um verdadeiro domingo bem santiagueño acontecendo de forma muito espontânea. Não me pouparam da farra. Voltei para o meu quatinho louco de vontade de escrever sobre o que havia vivido. Custou-me algum esforço, mas acabei compondo “*El Patio de los Gallo*”, um gato - gênero de música e dança - sobre o aniversário de Sergio Gallo que, quando escutou, ficou muito feliz e agradecido. Acabei ficando muito amigo de toda a família Piantini e de seus amigos também.

Comentei com Mati Ledesma que queria fazer um arranjo um pouco mais moderno. Acabamos optando por bateria, baixo e guitarras elétricas. Aqui deixo a letra e o resultado da gravação:

### **EL PATIO DE LOS GALLO**

Letra e música de Marcos Saporiti

*Que hermoso Domingo  
Loretano yo he pasao  
No ha faltado vino,  
Ni amigos, ni asao  
Gatos, chacareras  
¿Que otra cosa habré bailao?*

*Tantos bailarines  
Cuantos musiqueros  
Autóctonos talentos  
De matices bien sacheros*

*Un patio de tierra  
Pies descalzos a bailar*

*Se veía contento  
El cumpleaños  
Te brindaba todo lo que había,  
Lo mejor*

***Ay, familia Gallo  
Tu patio se alegró***

*En el escenario  
Los cantores entonaban  
A pleno pulmón  
Una vidala, una vidala  
Y Pachin Ibañez  
Punteaba chacareras*

*Don Chenko Navarro  
Tanto que bailaba  
La gente atenta  
Lo miraba, lo alababa*

*Luego con el agua  
Comenzaron a jugar*

*Unos se enojaban  
Otros se reían  
Cuando por la espalda  
El agua fría sorprendía*

***¡Achalay! Que fiesta  
Sergio Gallo nos brindó***

Dessa maneira, as gravações, que já estavam atrasadas, ainda ganhavam mais músicas que eu ia compondo nesse caminho. E eram temas que eu julgava que deveriam entrar para o disco. Nessa época, minha rotina era tomar mate de manhã; duas a três vezes por semana, ir a Santiago tocar na rua; visitar Mati e encontrar outros músicos para conversar, tomar mate dulce, jogar futebol e tentar gravar algo. Enturmei-me com alguns outros músicos como Faby Mansilla, Luis Quiroga, Chupa Maldonado, Chino Córdoba, Marito Ruiz e Marito Cória, além de tantos outros que embora não fossem tão próximos, sempre cruzávamos, fosse num assado, numa guitarreada ou para jogar futebol.

Chegando próximo do final do mês, decidi renovar o aluguel do quartinho por mais um, mas descobri que o proprietário já o havia reservado para outra pessoa, já que eu tinha dito que ficaria só até o fim de janeiro. Assim, tive que correr para arranjar outro lugar. Consegui, mas esse, no entanto, era bem complicado. Eu ficava num quarto muito quente no andar de cima, onde havia um fogão e nada mais, nem pia. Se quisesse cozinhar uma massa, por exemplo, tinha que descer, encher uma panela com água e subir. Depois, descer as escadas com a panela cheia de água fervida. Era sempre uma aventura. Decidi ficar mesmo assim, pensando que não seria mais de três semanas. E a cada três semanas, sem ter o disco totalmente gravado, eu ia renovando por mais duas e outras duas e acabei ficando nesse local totalmente desconfortável e difícil de morar por mais de dois meses. Foi nesse penoso quarto que compus a última canção que entrou no disco, uma vanera que chamei de *“Volviendo al Pago”*. O desconforto e as vicissitudes me causavam grande nostalgia e vontade de estar em minha casa, em Porto Alegre. Foi uma época bem difícil, banho frio em dias amenos e banhos quentes - por causa da caixa d'água - em dias de tremendo calor.

Nesse sentimentalismo todo que estava, saiu-me uma estrofe que quis musicar com um ritmo brasileiro e encontrei perfeito par na vanera. Já em tom de despedida, chorava de saudades que sentia por Porto Alegre e por antecipação das que sabia que sentiria por Loreto. Deixo a gravação com a participação de Marito Cória no acordeón, Juanjo Barraza na bateria e vozes dos músicos loretanos Chino, Chupa, Faby, Luis e Mati.

## VOLVIENDO AL PAGO

Letra e música de Marcos Saporiti

*Hermano mío, avise el viejo  
Que ya estoy volviendo al pago  
Voy llevando Algarrobas  
Que en Loreto yo he juntado  
Y también arroje de chañar  
Para Santiago añorar*

*Hermano mío, dile a mami  
Si no es mucha molestia  
Que prepare feijoada  
Como extraño sus recetas  
Que se ponga alegre nuestro hogar  
Que invite a toda la familia*

***Ya no soy tan peregrino  
Se termina mi camino  
Y la vuelta hay que pegar  
Ya no soy tan peregrino  
Porto Alegre es mi destino  
Muy prontito he de llegar***

***Volveré a mi Santiago  
Prontito he de volver  
Cantaré, Loreto amado,  
Siempre te cantaré***

*Hermano mío, ponga el agua  
Vamos a tomar un amargo  
Llevo yerba argentina  
De esas que vienen sin palo  
Ya se me hace largo el caminar  
Tengo tantas cosas pa contar*

*Hermano mío, bien lo sabes  
Cuánto quiero a Santiago  
Si me ves medio añoroso  
Y con los ojos mojados  
Por buenos amigos puede ser  
O por la chinita que allá dejé.*

***Ya no soy tan peregrino  
Se termina mi camino  
Y la vuelta hay que pegar  
Ya no soy tan peregrino  
Porto Alegre es mi destino  
Muy prontito he de llegar***

***Volveré a mi Santiago  
Prontito he de volver  
Cantaré, Loreto amado,  
Siempre te cantaré***

Essa foi a última música a ser gravada, quase quando me despedia de Loreto. Outras experiências ainda muito ricas que não necessariamente ou diretamente viraram músicas, foram os festivais em que andei pelo interior de Santiago del Estero. Foram muitos. Todas as pequenas cidades celebram seus aniversários com festas relativamente grandes e sempre com participação do público vindo dos pueblos vizinhos. Fui nas Trincheras de Brea Pozo, Trincheras de Salavina, fui no Festival de Atoj Pozo, de Chilca Juliana, de Loreto, de Nueva Francia (ano novo), festa de Medellín, La Banda, Los Lagos, Festival del Tanicu - também em Salavina - Barrancas Coloradas, [Juanillo \(clique para assistir ao vídeo\)](#)... são tantos que eventualmente pode me faltar algum. Mas tenho lindos recuerdos dessas festas todas que pude ir como espectador, desfrutar do momento, bailar chacareras, gatos e escondidos e me divertir com tantos outros amigos. É certo que, por vezes, foram justamente essas festas que atrasaram a gravação das vozes. Elas acabavam muito tarde e no dia seguinte eu estava sem condições de cantar. Mas era por um motivo que eu julgava nobre e ainda hoje considero que fiz a escolha certa.

Fiquei até o início de abril em Loreto, no mesmo desconfortável lugar, sofrendo e me divertindo ao mesmo tempo, terminando os arranjos junto com Mati e a gravação das últimas músicas compostas. No final, foram mais de dez músicos que participaram do cd. Alguns, de renome regional e nacional, outros, pequenos e pouco reconhecidos, mas de enorme talento e, mais do que isso, meu amigos do dia a dia, com quem eu me juntava mesmo não havendo nenhum motivo maior que simplesmente se ver e tomar um mate dulce, comer um lomito ou uma boa pizza, ou quem sabe, jogar futebol, fosse no videogame, fosse na quadra sintética.

As histórias são intermináveis. Há tantas outras que para o intuito desse trabalho são menos relevantes, mas que em outras momentos poderiam enriquecer o assunto causando admiração, surpresa, novidade ou graça. O grilo que não parava de cantar dentro do estúdio, o ano novo em Arraga e Nueva Francia, o senhor que dizia haver feito o pacto com o diabo, mas que foi salvo pela família, a minha tentativa de voltar caminhando de alguns festivais pela estrada de terra, a tuna<sup>6</sup> cheia de espinhos que tentei comer e que me causou uns seis dias de incômodo com os dedos repletos de espinhos. São muitas, muitas mesmo.

Santiago ainda me brindou experiências que me constroem pessoalmente e profissionalmente. Tantas festas, tantas guitarreadas, encontros em pátios de terra, festas das escolas rurais, festivais no interior, almoços, jantas, cafés da tarde com tanta gente diferente, viagens, lugares, passeios, o quíchua santiagueño, emoções de todos os tipos. Penso que, em Santiago, recupero um pouco de humildade que eventualmente posso perder vivendo numa grande cidade como Porto Alegre, devido ao ritmo de capital, uma metrópole. É lá que experimento uma vida mais próxima do ser ao invés do ter. De comparar música, tristezas e alegrias. Onde mergulho e me conecto mais intensamente com meu interior, com meus sentimentos. Não sei, é diferente. Difícil dizer se a longo prazo teria o mesmo efeito. Penso que visitar Loreto de tanto em tanto pode significar um reencontro com o mais verdadeiro eu persona, eu músico. É sincronizar o coração com o ritmo do bombo leguero, esquecer do que não é tão essencial assim para viver, desfrutar e penar.

---

<sup>6</sup> Fruta com muitos espinhos que causam dor e coceira. Encontra-se nas cores vermelha e amarela. Necessário cuidado para colher e descascar.

Em abril de 2017, um dia antes de voltar, [gravamos o refrão de “Volviendo al Pago”, entre vários músicos e cantores loretanos](#). Um dos momentos mais emocionantes de toda a gravação do disco. Não foram poucos. Conheci músicos incríveis que, sabe-se lá porquê, resolveram me ajudar e participar das gravações. Santiago tem disso. Os grandes referentes do folclore estão frequentando os mesmos lugares que os “cidadãos comuns”. E quando te conhecem, querem te receber da melhor maneira possível. Convidam às suas casas, te esperam com o que de melhor tem. Visitei Manolo Herrera em Atamisqui, filho do criador da Sachaguitarra Atamisqueña. Visitei Marcelo Mitre<sup>7</sup>, um dos meus grandes referentes. Ficamos horas conversando, guitarreando e, por fim, comendo algo. Quantas vezes cruzei por Demi Carabajal, por Juan Saavedra. Joguei futebol com Santiago Suarez, visitei Chingolo Suarez. Eduardo Ramirez participou da gravação de Canto y Camino em três temas com seu bandoneon que já acompanhou grandes artistas por toda a Argentina. Marito Cória também, com seu acordeón. Nunca imaginei que as Sachaguitarras Atamisqueñas fariam parte do Canto y Camino e lá está ela, a X-10, na chacarera Convite Salamanquero, faixa sete do cd. Aqui deixo um breve vídeo do momento da gravação: [Sachaguitarra Atamisqueña - Convite Salamanquero](#).

Voltei a Porto Alegre faminto por folclore e com a difícil missão de dar vida ao cd. Enquanto esperava as faixas serem mixadas e masterizadas, trabalhei duro na arte, da maneira como eu estava apto a fazer. Interrompi o processo por 25 dias, quando fui ao Vietnã pela primeira vez com um bom amigo de viagens. Cruzamos de norte a sul, mas não vem ao caso agora. Na volta, registrei-me na União Brasileira de Compositores (UBC), criei a campanha de financiamento coletivo - que foi bem sucedida - registrei todas as faixas, gerei ISRC, encontrei a DiscPress, que fez a prensagem do cd, negocie valores, descontos, condições. Descobri como fazer a distribuição digital e desde dezembro de 2017, através da OneRpm, o Canto y Camino está em várias plataformas digitais.

Com a Cia de Danza La Marrupeña, ministrei cursos de chacarera. Toquei em diversos bares e também no Teatro Renascença, junto com a Marrupeña. Retornei ao grupo de extensão da UFRGS Brincantes do Paralelo 30 onde sempre fui bem recebido e ao qual sou muito grato. Mas, das grandes emoções vividas em 2017, não posso deixar passar o Domingo Santiagueño, que era um dos grandes sonhos que tinha na vida e que pude realizar com tremendo êxito. Trata-se de um evento beneficente - com entrada através da doação de um quilo de alimento - simulando um verdadeiro pátio santiagueño, com comidas típicas, algumas bebidas e claro muita chacarera. Lembro-me de ver muitas pessoas chegando, o pátio se enchendo e eu pensando “eu consegui, nós conseguimos”. Ajudaram-me muito nesse processo a Alessandra Souza, produtora e integrante do Paralelo 30, além da Carol Silva, proprietária do Moa Déli, local onde foi realizado o evento, no bairro Menino Deus em Porto Alegre. Lembro-me de abrir as apresentações sozinho com meu violão, como bom anfitrião, para receber o público. Entre uma música e outra, tentava falar, agradecer a presença e o apoio de todos envolvidos, mas o nó na garganta não me deixava. Seguimos com os shows. Alana e Querim se apresentaram e, como um bom pátio

---

<sup>7</sup> Compositor moderno e não tão reconhecido como outros. Muitos conhecem seus temas, mas nem imaginam que foi ele que os escreveu ou compôs.



santiagueño, havia diversas participações espontâneas, às vezes minhas, outras vezes do Chango Duarte. O evento ainda contou com a presença e apresentação de Marcelo Caminha, grande referente do violão gaúcho. Martin Weiler, Rafael David, entre tantos músicos mais. Eu estava nas nuvens, sentia-me completamente realizado, o mais feliz dos seres na face da terra. Aqui deixo o vídeo produzido no dia, assista, caro leitor. - [Un Domingo Santiagueño Brasil](#).

Em dezembro de 2017, chegaram cinco caixas cheias de cd ao meu apartamento. Era o Canto y Camino nascido no seu formato físico. Mil cópias de um disco com muita vivência, histórias e experiências. O primeiro, aquele que sofre com as consequências da falta de experiência profissional, mas que transborda de tanto sentimento e vida. Aquele que registra, conta, marca um período da minha vida que foi único e incomparável.

Distribuí as recompensas da campanha de financiamento coletivo, vendi alguns cd's, divulguei no programa Cantos do Sul da Terra, da Rádio Cultura FM e marquei algumas apresentações. Uma delas, onde seria uma conversa sobre o disco, seguida de uma guitarreada, teve a presença de uma pessoa. Isso mesmo: UMA ÚNICA pessoa. Um amigo apenas foi ver a apresentação. Está bem, falta algum pequeno detalhe nessa história. A apresentação estava marcada para uma data, num bar, em um espaço aberto e chovia muito no dia. Tivemos que transferir para a semana seguinte. Era verão, pouca gente fica em Porto Alegre. Mas mesmo assim, apenas um amigo foi assistir. Obviamente, agradei a presença, não teve apresentação e como havia me comprometido, paguei simbolicamente Querim, que havia vindo de Taquari para participar.

Em fevereiro de 2018, voltei a Loreto para apresentar Canto y Camino. Consegui um bom lugar na Parrilla Don Máximo, que tem um lindo pátio a céu aberto. Ensaiei duas ou três vezes com os músicos, alguns que haviam participado da gravação. Fui à rádio Loreto Manta para fazer a divulgação, parceiros dessa caminhada. Foi uma noite muito bonita. Com muitos músicos convidados. Claro que, para dar um tom trágico à história, na noite anterior da apresentação eu dormi muito pouco. E nem era pelo nervosismo. Tive alguma reação a algo que tomei ou comi e a madrugada passou comigo de olhos abertos. Estava muito cansado no dia, com tantas coisas para resolver ainda e com a voz péssima. Mesmo assim, o pátio estava cheio, alegre, com bailarinos e músicos incríveis.

Voltei a Porto Alegre no final de fevereiro, ainda muito entusiasmado com tudo aquilo que vivia. De certa forma, consegui dar sequência àquele sonho que sonhava acordado. Junto com a Cia de Danza La Marrupeña, armamos vários eventos para arrecadar dinheiro para empreender um projeto grande: participar dos 45 anos da Cia de Danza La Marrupeña - Argentina, em Santa Isabel, província de Santa Fé. Contextualizando brevemente, a Cia de Danza La Marrupeña nasceu em Santa Isabel através da fundadora Nilda Sunde. Juani, um de seus filhos, veio morar em Porto Alegre por volta de 2013 e estendeu a atuação da Marrupeña, que agora fazia-se presente em solo brasileiro, sempre sobre os alicerces e ensinamentos da cia argentina.

Pois bem, essa companhia estava completando 45 anos de existência e fomos convidados a participar de três eventos: a festa na primeira noite em Santa Isabel, uma apresentação em um festival em Villa Cañas na noite seguinte e, na última noite, uma peça mais informal, também na cidade de Santa Isabel. Foram eventos muito bonitos, com muita música, dança, novas amizades e descontração. Chamamos a atenção de muita gente,

pois ninguém imaginava que brasileiros poderiam performar tão bem o folclore argentino. Foram três noites realmente incríveis.

Outra vez, de volta a Porto Alegre, tentei dar continuidade aos projetos. Apesar de algumas apresentações bem sucedidas, elas eram esporádicas, pouco frequentes e, com raras exceções, sem retorno financeiro satisfatório. Ao mesmo tempo, ia trilhando meu caminho na faculdade, olhando meus colegas tocarem com desenvoltura e confiança e, eu, sempre travado naquilo que sabia fazer e nada mais. Comecei a sentir-me mal com o que poderia oferecer como músico, com minhas limitações. De fato, durante a faculdade, voltei minhas curiosidades e fome de aprendizado para a cultura de Santiago del Estero, para as crenças, costumes, lendas e, claro, a música deles. Mas, se não fosse esse o repertório, estava lascado! Claro que aprendi muito de música, apliquei conhecimentos e ideias que via na faculdade nas minhas composições. Mas era muito pouco para um músico profissional. Comecei a me desencontrar artística e profissionalmente, sem saber para onde correr, principalmente a partir de 2019.

Desde então, voltei a trabalhar em bares em Porto Alegre, atendendo aos clientes. Em 2020, no começo da pandemia, comecei a ler o livro “O Caminho do Artista”, de Julia Cameron. Quase ao mesmo tempo, lembro-me de ler alguns contos - que havia escrito lá em 2010 - para a minha namorada, a Aninha. Ela se divertiu muito e me disse: - “*Sapo, tu tens que escrever mais. Posso mandar para minha mãe? Ela vai gostar!*” Voltei a escrever e cheguei a fazer um conto por dia como forma de prática de criação e escrita. Eventualmente, escrevo algo novo. Comecei também, naquele período, a desenhar com giz de cera e, em seguida, a pintar com aquarela, algo que nunca tinha tentado antes. Pensei que aquele era um bom momento para me afastar momentaneamente da música, deixar respirar, ter novas ideias ou simplesmente ressuscitar a paixão por aquilo que já fazia. E assim o fiz. Deixei de tocar, não pegava meus instrumentos e ouvia pouco música. A faculdade voltou a funcionar com Ensino Remoto Emergencial, ou seja, não presencial. Voltei a pegar a guitarra e sofrer sem saber o que fazer com ela nas mãos. Ao mesmo tempo, tinha que pensar no meu projeto de trabalho de conclusão de curso. Uma das minhas ideias era justamente pegar os rostos que havia desenhado com giz de cera e com aquarela, criar personagens e contar uma história através de música. Realmente achei que era uma ideia muito boa, que me traria a obrigação de sentar e escrever, de compor. Enxergava nesses desenhos e pinturas uma forma de me reconectar com a música. Acabei não levando adiante esse trabalho, mas ele está guardado para algum momento no futuro. Ainda quero realizar esse projeto.

Durante o processo de desenvolvimento do trabalho de conclusão de curso, junto com a orientadora, a Carol Abreu, e a banca, formada por Jair Umann e Ana Fridman, consegui enxergar o potencial e a relevância de todas essas histórias que aqui relatei, a profundidade das minhas experiências e como elas foram fonte de inspiração para um disco que tem suas imperfeições técnicas, mas uma infinidade de histórias e sentimentos inefáveis. O Marcos Saporiti artista é assim, perde-se, encontra-se, tem momentos péssimos e outros que é simplesmente incapaz de explicar a felicidade que transborda. Não sei exatamente por onde andarei agora, quais serão meus próximos caminhos e para que aventuras eles me levarão. Estou perdido, mas também seguro de que logo vou me reencontrar. E aí, bom... Aí terei que relatar outra vez minhas experiências, em caso de que algum ser meio perdido como eu possa achar alguma inspiração nessas palavras sem

tamanho pretensão. Obrigado, caro leitor, despeço-me de tua companhia e te desejo um bom dia - ou boa noite, se lês antes de dormir. Até logo.

ANEXO:

## ESPECIFICAÇÕES TÉCNICAS DA CHACARERA E GÊNEROS PRIMOS.

Breve Introdução:

Não é minha pretensão que, após ler o conteúdo que segue, tu saias, caro leitor, sabendo tocar chacarera ou dominando suas estruturas. Não que não possa. Se ler, reler, tentar fazer, escutar e aplicar, conseguirás, mas acredito que o caminho é um pouco mais árduo e menos divertido. O melhor é vivenciar, mas tampouco sugiro que tu faças as mesmas aventuras que eu fiz. Não precisa tanto. Participar de peñas em Porto Alegre já é um grande caminho, tocar e dançar. De qualquer maneira, assim como há diferentes formas de saberes, há algumas - ou várias - formas de aprendizado. Esse anexo serve minimamente para ilustrar algumas características básicas da chacarera para aqueles que apreciam uma explicação mais formal. Tampouco se trata de um curso. É apenas uma maneira que encontrei de tentar criar um material de apoio para quem prefira começar por aí. Espero que seja útil.

Anexei também um pequeno vídeo que criei para mostrar as noções básicas da polirritmia característica da chacarera e uma rápida amostra da forma trunca e não trunca. Aqui deixo o link que pode ser visto antes, durante ou depois da leitura. [CHACARERA - RASGUIDO E BOMBO LEGUERO](#).

\*\*\*

Fórmula de compasso: Polirritmia: 3/4 e 6/8.

Considerando o bombo leguero como coração da chacarera, todos os instrumentos tendem a imitá-lo ritmicamente. Pensa-se em 3/4 para o grave (sendo o primeiro tempo mudo), a pele do bombo, e em 6/8 para o agudo, o aro do bombo leguero, marcando principalmente o 1 e o 4. No violão, o rasguido segue a mesma ideia.

A chacarera divide-se entre simple, doble e ainda pode ter as variações trunca e aire. Essas classificações estão ligadas diretamente à estrutura. Enquanto a simple tem oito compassos por estrofe, a doble tem doze. Os punteos antes de cada estrofe permanecem com o mesmo número de compassos em qualquer uma das duas, podendo ser de 06 ou de 08 compassos. Tudo que acontece antes do punteo da introdução, não está contido na estrutura básica da chacarera, podendo dessa forma, começar diretamente com o rasguido ou se alongar um pouco mais. Explico-as mais precisamente a seguir:

CHACARERA SIMPLE:

[DESDE EL PUENTE CARRETERO](#) (Carlos Carabajal / Peteco Carabajal)

PRIMERA

**\*Introdução: 8 compassos<sup>8</sup>**

Se pasas por mi provincia  
Com tu familia, viajero  
Verás que lindo es el río  
Desde el Puente Carretero

**\*Punteo: 8 compassos**

Es cuna de mil recuerdos  
De amores y de nostalgias  
Corazón entrelazado  
Entre Santiago y La Banda

**\*Punteo: 8 compassos**

Será el Puente Carretero  
Que vá cortando el camino  
Para llegar a los brazos  
Donde me espera un cariño

**Encontrarás en mi tierra  
Cantores de Salamanca  
Para que nunca te olvides  
Aroma Santiago manta**

SEGUNDA

**\*Introdução: 8 compassos**

Por nada olvides, viajero  
Lo que sienten mis paisanos  
Seguro te han de querer  
Como se quiera a un hermano

**\*Punteo: 8 compassos**

Y cuando llega la noche  
Te pasas mirando el río  
seguro que algún dorado  
se besa con el rocío.

**\*Punteo: 8 compassos**

Coplitas que van naciendo  
De mi corazón travieso  
Hace cosquilla en el alma  
Cuando se agranda el silencio.

**Encontrarás en mi tierra  
Cantores de Salamanca  
Para que nunca te olvides  
Aroma Santiago manta**

---

<sup>8</sup> \*Os punteos sempre se mantém com o mesmo número de compassos da introdução, sendo base para os bailarinos saberem em quantos compassos se faz a "vuelta entera". No caso de Desde el Puente Carretero, a introdução tem 08 compassos. Em outras chacareras, pode aparecer com 06, logo, os punteos devem seguir com 06 compassos cada.

Cada verso contém dois compassos que equivalem a um movimento específico da dança e, conseqüentemente, cada estrofe, oito compassos. Todas as estrofes são anteceditas por um punteo que pode ser de 06 ou de 08 compassos, com exceção do refrão - última estrofe de cada parte - que conecta-se diretamente à terceira estrofe. A segunda parte se repete com os mesmos movimentos da dança, porém os bailarinos começam com os lugares invertidos, ou seja, como terminaram a primeira parte. O refrão não necessariamente precisa repetir a mesma letra.

## CHACARERA DOBLE

[ENTRE A MI PAGO SIN GOLPEAR](#) (Raúl Pablo Trullenque / Carlos Carabajal)

### PRIMEIRA

#### **Introdução: 8 compassos**

Fue mucho mi penar  
Andando lejos del pago,  
Tanto correr  
Pa' llegar a ningún lado.  
Y estaba en donde nació  
Lo que buscaba por ahí.

#### **Punteo: 8 compassos**

Es oro la amistad  
Que no se compra ni vende;  
Sólo se dá  
Cuando en el pecho se siente  
No es algo que se ha de usar  
Cuando te sirva y nada más.

#### **Punteo: 8 compassos**

Así es como se dan  
En la amistad mis paisanos.  
Sus manos son  
Pan, cacho y mate cebado,  
Y la flor de la humildad  
Suele su rancho perfumar.

**La vida me han prestao  
Y tengo que devolverla.  
Cuando el Creador  
Me llame para la entrega,  
Que mis huesos, piel y sal  
Abonen mi suelo natal.**

### SEGUNDA:

#### **Introdução: 8 compassos**

La luna es un terrón  
Que alumbra con luz prestada.  
Sólo al cantor  
Que canta coplas del alma  
Le estalla en el corazón  
El sol que trepa por su voz.

#### **Punteo: 8 compassos**

Cantor para cantar  
Si nada dicen tus versos;  
Ay, para qué  
Vas a callar el silencio  
Si es el silencio un cantor  
Lleno de duendes en la voz

#### **Punteo: 8 compassos**

Mi pueblo es un cantor  
Que canta la chacarera,  
No ha de cantar  
Lo que muy dentro no sienta  
Cuando lo quiera escuchar  
Entre a mi pago sin golpear

**La vida me han prestao  
Y tengo que devolverla.  
Cuando el Creador  
Me llame para la entrega,  
Que mis huesos, piel y sal  
Abonen mi suelo natal.**

Da mesma forma que a simple, cada verso contém dois compassos que equivalem a um movimento específico da dança, mas, ao invés de quatro versos por estrofe, na doble temos 6, resultando em doze compassos por estrofe. A estrutura também se repete como a

simple, todas as estrofes são antecidas por um punteo que pode ser de 06 ou de 08 compassos, com exceção do refrão - última estrofe de cada parte - que conecta-se diretamente à terceira estrofe. A segunda parte se repete com os mesmos movimentos da dança, porém os bailarinos começam com os lugares invertidos, ou seja, como terminaram a primeira parte.

#### CHACARERA TRUNCA:

A forma “trunca” pode aparecer em qualquer uma das duas estruturas, tanto na simple quanto na doble. A grande diferença é que as frases precisam terminar no terceiro tempo ao invés do primeiro. Na prática, é comum sentir a melodia da trunca em 3/4 e da não trunca em 6/8, mas isso é um tanto pessoal e não uma regra. A trunca, na maioria das vezes, começa o rasguido no primeiro grau, seja maior ou menor. A não trunca, seja doble ou simple, normalmente começa na dominante. De novo, não é uma regra. Também é muito comum terem as vueltas - punteos - em 6 compassos, mas não raras vezes podem aparecer em 08.

É um tanto normal sentir-se meio perdido na trunca. Ela acaba antes, tem acentuação no terceiro tempo e por vezes nos deixa meio sem chão, já que, de certa forma, esconde o tempo 1 de cada compasso. Mas, aos poucos, o ouvido e o corpo vão se acostumando com essas particularidades.

#### CHACARERA DEL PATIO (Pablo Raúl Trullenque / Carlos Carabajal)

##### PRIMERA:

###### **Introdução: 6 compassos**

Pintado de sol y luna  
Techaditos de estrellas  
Lindos son en mi pago  
Esos patios de tierra.

###### **Punteo: 6 compassos**

Patio cara de viejo  
Donde tendía mi mama  
El pan que en la batea  
Lavando lo ganaba.

###### **Punteo: 6 compassos**

Y pa' los carnavales  
Con cuetes y chacareras  
Embarrando chinitas  
Armábamos trincheras.

**Chacarera de tierra  
Luna color de chango  
Sol lleno de coyuyos  
Son patios de Santiago.**

##### SEGUNDA:

###### **Introdução: 6 compassos**

Siestas chamuscadoras  
De hombres, bichos y plantas  
En patios arbolados  
Se hacen agua y tinaja.

###### **Punteo: 6 compassos**

Si habré bebido estrellas  
Que a mi vaso bajaban  
En las noches de amigos  
Patio, copla y guitarra.

###### **Punteo: 6 compassos**

Tucus tucus alumbran  
Las noches de concierto  
De grillos trovadores  
En los patios desiertos.

**Chacarera de tierra  
Luna color de chango  
Sol lleno de coyuyos  
Son patios de Santiago.**

O aire de chacarera é livre de estrutura, mantém-se apenas a ideia da polirritmia 3/4 e 6/8. É menos comum que qualquer uma das outras formas. Nesse caso, os bailarinos improvisam a dança, baseando-se na maioria das vezes em passos característicos da chacarera, sentindo o momento de cada. Cito uma das que mais soam nas peñas em Santiago del Estero para que você, leitor, possa escutar e sentir. De Jacinto Piedra, ícone do folclore santiagueño, chama-se "[Te voy a contar un sueño](#)".

Outras danças muito comuns nas peñas e festivais por toda a província de Santiago del Estero são o gato, o escondido e a zamba.

O gato é uma dança rápida, curta e de caráter alegre, embora a letra nem sempre tenha essa característica. Dura por volta dos 90, 100 segundos. A fórmula de compasso é igual a da chacarera, mas a estrutura é bem diferente. Normalmente, o violão faz um discreto rasguido antes de começar a música, informando os bailarinos que se trata de um gato. O problema é que no escondido isso também acontece. Então, é sempre prudente que os músicos avisem que gênero estão tocando, evitando confusão entre os bailarinos. Os passos são os mesmos da chacarera, porém em ordem distinta.

GATO:

[EL CAMPO TE ESTÁ ESPERANDO](#) (Peteco Carabajal)

PRIMERA:

**Introdução: 8 compassos**

Cuando recibas la carta  
Que aquí te escribo  
Cuando recibas la carta  
Que aquí te escribo  
Espero que vengas pronto  
Por todo lo que te digo

El campo te está esperando  
Hay que trabajar la tierra  
Con surcos llenos de alfalfa  
Con lluvias que riega

Se vuelve una fantasía  
Todo lo cierto

El cielo un poncho celeste  
La noche cristal y estrellas  
Que cubre con su silencio  
La naturaleza

**El campo te está esperando  
La vida ha abierto sus puertas**

SEGUNDA:

**Introdução: 8 compassos**

Siguiendo con mi relato  
Sobre los días  
Siguiendo con mi relato  
Sobre los días  
Te cuento que aquí en el campo  
La vida es una poesía

Es cosa de abrir el suelo  
El suelo que está dormido  
Verás que pronto florecen  
Espigas de trigo

Y ya para despedirme  
Quiero decirte

Que traigas una esperanza  
Aquí encontrarás abrigo  
Si siembras de amor la tierra  
Te enseña un camino

**El campo te está esperando  
Venite pronto conmigo**

Da mesma forma que as chacareras, cada verso contém 2 compassos. Sendo assim, temos na primeira estrofe 12 compassos; na segunda, 8; na terceira, 4; na quarta, 8 e na quinta, 4. Existe ainda o gato cuyano - da região do Cuyo - que tem estrutura parecida,



com poucas diferenças. Não entrarei em detalhes por não haver vivenciado com tanta intensidade quanto as outras danças, já que não é característico de Santiago del Estero.

O Escondido, por sua vez, é um pouco mais longo que o gato, intercala momentos em que o par dança junto, ou um de cada vez enquanto o outro se “esconde”. Também é muito comum dançarem entre quatro pessoas, iniciando a dança formando um quadrado. Baila-se ou se interage com a pessoa da outra diagonal.

ESCONDIDO:

[EL COYUYO Y LA TORTUGA](#) (Pablo Raúl Trullenque / Peteco Carabajal)

PRIMERA:

**Introdução: 8 compassos**

Yo tengo una flor en coplas  
Para prenderte en el alma.  
Yo tengo una flor en coplas  
Para prenderte en el alma.  
Se que otro será tu dueño,  
Y sé también que no lo amas.  
Se que otro será tu dueño,  
Y sé también que no lo amas.

Y que tu tata te prohibió,  
De un trovero enamorarte  
Y, con las alas mojadas,  
Cobarde!, vuelo no alzaste.

Yo se que te han elegido  
Cazal y jaula dorada.  
Yo se que te han elegido  
Cazal y jaula dorada.

Podrás casarte sin amor,  
Sembrar en tu vientre el llanto,  
Sin luz del sol la cosecha,  
Dará frutos muy amargos.

Se vive una sola vida  
Caminando hacia la muerte.  
Se vive una sola vida  
Caminando hacia la muerte.

**Amo el coyuyo trovador,  
Pasa el verano cantando,  
¡Pobrecita la tortuga!  
Vivir triste tantos años.**

SEGUNDA:

**Introdução: 8 compassos**

Cuando el vino del olvido  
Busque la macha en mi pecho.  
Cuando el vino del olvido  
Busque la macha en mi pecho.  
Voy a cantarle a la aurora  
Para que escuches mis versos.  
Voy a cantarle a la aurora  
Para que escuches mis versos.

Y cuando mires atrás,  
Desde la flor de tu ocaso,  
Verás que es tarde y es lejos,  
Que no regresan los años

De tu corazón desierto  
No brotarán ilusiones.  
De tu corazón desierto  
No brotarán ilusiones.

Y el día del juicio final,  
Podré decir que te amado,  
Vos no podrás decir nada,  
Ahogada en angustia y llanto.

Se vive una sola vida  
Caminando hacia la muerte.  
Se vive una sola vida  
Caminando hacia la muerte.

**Amo el coyuyo trovador,  
Pasa el verano cantando,  
¡Pobrecita la tortuga!  
Vivir triste tantos años.**

Outra vez, cada verso tem 2 compassos. Tanto no gato como no escondido, alguns desses compassos podem ser preenchidos apenas por instrumentos respondendo às

frases - sem a voz. Nesse caso de El Coyuyo y La Tortuga, há versões em que um coro responde a mesma frase ou então, algum instrumento como violino, violão, acordeon...

A Zamba é outro dos gêneros muito dançados em Santiago del Estero. Na verdade, trata-se de um dos gêneros mais dançados na Argentina, comum a várias regiões, desde o norte até as que costeiam o Chile. A diferença quase sempre está no andamento. As do norte - Salta e Jujuy, por exemplo - eram muito bailadas em momentos festivos, como o carnaval, debaixo das tendas que armavam. Por isso, toda a zamba com andamento mais rápido é chamada de carpera (referência à carpa, tenda). Em Santiago del Estero, normalmente são mais românticas e lentas. A estrutura em si é a mesma e, embora tenha passos pré-definidos, seguramente é mais livre nos movimentos que os outros gêneros citados, com pequenas variações de lugar para lugar, de bailarinos para bailarinos. Também mistura o 3/4 com o 6/8. Deixo aqui uma zamba das mais conhecidas em Santiago del Estero para ilustrar a estrutura:

ZAMBA:

PERFUME DE CARNAVAL (Peteco Carabajal)

PRIMEIRA:

Me voy solo con mi suerte  
La llevaré en mi recuerdo,  
Bajo un añoso algarrobo  
Cortaba el aire un pañuelo,  
Bailando una vieja zamba  
Yo le entregaba mis sueños.

El sol quemaba en la tarde  
Siluetas que parecían,  
Fantasmas amarillentos  
Llenos de tierra y de vida,  
Y yo rendido a tus ojos  
Sintiendo que me querías.

**Ay, perfume de carnaval  
Ya nunca me he de olvidar,  
Su piel llevaba el aroma  
De flor y tierra mojada,  
Bellos recuerdos que siempre  
Los guardo dentro del alma.**

SEGUNDA:

Hay tiempos donde han quedado  
Donde he perdido mis sueños,  
Quién sabe si ella se acuerda  
De un viejo mes de febrero,  
Y de aquel baile en el campo  
Y de mi amor verdadero.

No quise decirle nada  
La amé en silencio esa tarde,  
Y sobre sus trenzas negras  
Dejé mi copla sentida,  
Me fui llevando sus ojos  
Un miércoles de cenizas.

**Ay, perfume de carnaval  
Ya nunca me he de olvidar,  
Su piel llevaba el aroma  
De flor y tierra mojada,  
Bellos recuerdos que siempre  
Los guardo dentro del alma**

Assim como na chacarera doble, no gato e no escondido, muitas vezes repete-se os versos dentro das estrofes. Na zamba, normalmente, quando acontece, a repetição está nos últimos dois versos de cada estrofe. Nesse caso, alguns optam por não cantar a repetição e fazer a resposta com algum instrumento, mas sempre mantendo a estrutura. Também há a nomenclatura aire de zamba, quando essa mantém características da zamba, porém foge da estrutura formal.

### INTRODUÇÃO

São muitas as lendas, crenças e costumes espalhadas por toda a província de Santiago del Estero, localizada no norte da Argentina. É preciso fazer um exercício de afastar-nos do ritmo agitado da maioria das capitais no século XXI e imaginarmos a vida humilde no interior santiagueño. As grandes distâncias entre uma casa e outra, o difícil acesso às escolas rurais, o imenso calor, a sesta, o cuidado para não desperdiçar água, o solo seco e aparentemente pouco fértil. Mas também há alegria em receber uma visita, tomar um mate dulce ou amargo acompanhado com tortilla, poder guitarrear e bailar por largas horas ao som do bombo leguero, do violão, do violino, do bandoneon...

Acredito que, dessa maneira, seja mais fácil ter a dimensão dessas histórias para poder melhor compreendê-las e desfrutá-las, sentir a mensagem de cada uma. Mas cuidado, porque é fácil voltar ao nosso ritmo e rotina acelerados e pensar que são apenas historinhas, às vezes bobas.

Escolhi as que acredito serem mais representativas dos lugares por onde andei e que por consequência, podem aparecer com mais frequência nas letras que canto. Deixei outras de fora, com o pequeno cuidado de listar nas últimas páginas, caso haja interesse em pesquisar.

Esse fragmento todo foi retirado do livreto que foi criado com a intenção de ser distribuído entre os apoiadores da campanha de financiamento coletivo do disco Canto y Camino no site do Catarse, em 2017. Após essa fase, decidi incorporá-lo como material complementar, sendo vendido junto com o cd por um preço quase que simbólico. O texto sofreu leves revisões desde a versão referida.

Todas as histórias aqui apresentadas fizeram parte da minha vivência e andança por Santiago del Estero. Foram escutadas de diversas pessoas, de diferentes lugares e com algumas versões um pouco distintas. Usei também os livros Cuentos y Leyendas Santiagueñas – costumes, creencias y mitos, de Chingolo Suarez; El país de la chacarera, de Walter Soles, além do site <http://www.folkloredelnorte.com.ar> para algumas dúvidas pontuais. Recomendo todos.

Sem mais, agradeço o interesse e espero que gostem. Ah! Não te esqueças, leitor, de levar tua imaginação para esse ambiente descrito acima. Fará toda a diferença. Un abrazo de chacarera! Marcos Saporiti

\*\*\*

### A SALAMANCA

Em Santiago del Estero é muito comum escutar expressões como músico ou bailarino “salamanquero”. Tal expressão é usada quando se quer dizer que determinado artista tem um talento raro, é virtuoso em algum instrumento ou sabe dançar com extrema habilidade. Diz-se salamanquero pois a única maneira possível para executar com tanta perfeição tais habilidades seria através do encontro e acordo com Zupay, o diabo: vende-se a própria alma em troca de alguma habilidade refinada, algum talento raro. Lembro-me de

ver alguns violinistas, guitarreros, tocando virtuosamente seus instrumentos e logo em seguida escutar: “Ese es salamanquero!”

A Salamanca, segundo relatos de santiagueños, ocorre campo adentro, em lugares inabitados e em regiões próximas a algum rio na província de Santiago del Estero. O convite é feito através da música. Escuta-se, vindo desses lugares onde ninguém habita, alguma música convidativa, às vezes um bombo leguero, como que invitando para uma festa. Atraído pela música, o convidado chega até o local onde logo se depara com belíssimos corpos sugerindo a luxúria, bebidas e tudo que for necessário para gozar os prazeres da vida.

Para entrar na festa pagã, o convidado tem que provar desde o início estar disposto a negar qualquer relação com a religião. Nega-se a Cristo e a Virgem Maria através de cuspes e outros insultos. É mais recorrente a figura do homem como pactuante.

A caverna é o próximo obstáculo. Lá dentro está o Zupay e, para chegar até ele, é preciso entrar, vencer medos e desafios. Vozes, sussurros, mãos que te empurram e puxam, animais peçonhentos, são exemplos de obstáculos. Vencendo-os, encontra-se o diabo e o pedido é feito e concedido em troca de sua alma.

Aconteceu em algumas guitarreadas em Loreto – quando eu chegava cedo e ainda éramos poucos – de contarem naturalmente histórias sobre a salamanca. Muitas vezes escutei sobre caçadores que, atrás de viscacha, entravam monte adentro tentando acertar sua caça e sempre erravam. Assim, perseguindo o bicho, avançavam cada vez mais por lugares inóspitos. De repente escutavam uma música vinda de uma provável festa. Alguns entendiam o recado e, aí nomás, voltavam. Era a salamanca fazendo seu convite.

Há outros relatos de forasteiros que, ao perguntar sobre a salamanca, notaram as pessoas do lugar muito sérias e pouco dispostas a falar. Não tratam como uma lenda, mas como uma realidade local que tem envolvimento com o diabo e logo com questões de arrependimento. “*Estás seguro que quieres que te cuente sobre la salamanca?*” Alguns se retiram do lugar quando questionados. Tem-se muito respeito sobre esse tema.

São muitas as histórias sobre salamanqueros, mas foi só em fevereiro de 2017 que escutei da boca de um suposto pactuante uma tentativa de relato. Foi em Chilca Juliana, província de Santiago del Estero. Ele aparentava estar próximo dos 70 anos de idade. Dizia ter estado na salamanca e que sua família o havia salvo, libertado sua alma. Infelizmente não consegui entender muitos detalhes, pois, além de estarmos no meio de um festival, o relato era lento, em baixíssimo volume e com dicção claramente prejudicada pelas tantas garrafas de vinho já vazias sobre a mesa. Acreditar ou não é outra questão. Mas foi uma experiência bastante interessante.

A relação do talento e negociação com o diabo não é exclusiva de Santiago del Estero. Na verdade, é um trato bem comum na arte – acredito que sobretudo na música. Está presente no blues quando o pactuante encontra o diabo numa encruzilhada e, também, no violino de Paganini, na Europa, no final do século XVIII. No Rio Grande do Sul, a lenda da Salamanca do Jarau tem grandes semelhanças com a de Santiago del Estero.

A faixa número 08 do Canto y Camino foi inspirada nesses vários relatos que escutei ou li sobre a salamanca. Chama-se Convite Salamanquero e é uma chacarera simples. Deixo a letra e o link para audição.

## CONVITE SALAMANQUERO

Letra e música de Marcos Saporiti

Se escuta vindo do campo  
O som de um bombo leguero  
Como quem invita a ser  
Mais um salamanquero

Guitarra, bombo e sacha  
Fartura, tantos prazeres  
Há vinho pra todo gosto  
Não te faltarão mulheres

Faz parte do ritual  
Tuas crenças tens que negar  
A Cristo crucificado  
E a Virgem insultarás

Lá dentro te espera o Zupay  
Se chegas o encontrarás  
Fazei os teus pedidos  
Com tua alma pagarás

No caminho vais escutar  
Sussurros, vozes, espinhos  
Muitas mãos te irão tocar  
Mas ninguém encontrarás

Alma forte, coração sereno  
Assim vencerá teus medos  
A salamanca te espera  
Governa teus pensamentos

Guitarrero, bailarino  
Fortuna, sabedoria  
Peças ao Zupay  
Que te darás ao mesmo dia

Agora tu és salamanquero  
Bailarino e guitarrero  
Tua fortuna brilhará  
Pobre tua alma irá penar

\*\*\*

### A TELESITA

Telésfora Castillo, popularmente conhecida como Telesita, era uma jovem órfã, com possível retardo mental, que habitava em Santiago del Estero na segunda metade do século XIX. Segundo contam, andava vestida sempre maltrapilha, descalça. Viajava largas distâncias pedindo pouso, abrigo, comida. Sua paixão era a dança. Atraída pela música e pelo bombo leguero, que anunciavam alguma festa, aproximava-se e bailava até amanhecer, de maneira cativante. Naturalmente roubava a cena, tornava-se a alma dos bailes.

Dizem que, em uma noite fria, ela cansada se aproxima de uma fogueira no meio do monte santiagueño e dorme. O local se incendia e Telesita, percebendo a irreversível situação, decide bailar até morrer queimada.

Há inúmeras versões sobre a vida e morte de Telesita. Essa é apenas uma delas.

Até hoje se realizam Telesiadas, rezabailes para cumprir promessas feitas em nome de Telesita. Os promessantes oferecem uma festa, bailam sete meias chacareras. A cada meia chacarera dançada, se toma um trago de uma bebida forte – aloja<sup>9</sup>, possivelmente. Quando terminadas as sete meias chacareras, queima-se um boneco (representação da Telesita) e se segue o baile com muita chacarera, gatos, zambas, escondidos, chamamés, guarachas, até a exaustão. É comum a fartura de comidas e bebidas.

Telesita é conhecida como a santa de los perdidos. Normalmente os rezabailes em nome dela tem a intenção de encontrar um animal ou tropa perdida, algum familiar ou amigo

---

<sup>9</sup> Bebida alcoólica fermentada a partir da fruta algarroba.

desaparecido. O nome de Telesita aparece em inúmeras canções. “Digo la Telesita” e “La Telesita” são algumas delas.

\*\*\*

## EL ALMAMULA

Os muitos relatos que escutei contam de um grito estremeedor, de gelar a alma. Uma mistura de um grito aterrorizante de uma mulher com o de um porco sendo sacrificado. Me lembro de escutar a história de um conhecido que contava sobre sua experiência com o que, segundo ele, era el almamula.

Certa madrugada vinham por uma estrada rural no interior de Santiago del Estero três amigos, quando um dos pneus do carro furou. Desceram uns poucos minutos para trocá-lo. Já quando terminavam, foram surpreendidos por um grito vindo de longe. *“Olhei para meus amigos perguntando se haviam escutado. Não sabíamos o que era”*. Poucos minutos depois, voltaram a escutar o grito, dessa vez, mais perto, mais amedrontador. *“nos olhamos de novo, desconfiados, mas não tínhamos nos dado conta até então.”* Outra vez escutaram o grito, ainda mais perto. *“Estava se aproximando. O grito era assim como contam, aterrorizante, de arrepiar, de gelar a alma. Ficamos de fato estremeidos com o grito. Nos olhamos assustados, petrificados. Entramos no carro imediatamente e seguimos viagem. Era el almamula, chango! Era el almamula”*.

Trata-se de um animal parecido a uma mula, que corre arrastando correntes e cospe fogo e fumaça pelos olhos, narinas e pela boca. Dizem que costuma aparecer em noites que precedem uma mudança climática. Almamula, segundo contam, é o resultado de uma relação incestuosa, onde um dos dois se transforma nesse animal.

Há também narrativas sobre pessoas que enfrentaram el almamula com punhais ou armas de fogo. Costumam dizer que, no dia seguinte, encontram-se manchas de sangue pelo caminho por onde teria fugido o animal ou até mesmo a aparição de um dos incestuosos com algum ferimento de difícil, incompleta ou superficial explicação.

Em 2017, no período em que estava gravando o disco Canto y Camino em Loreto, eu morava em um quarto em uma casa longe do centro da cidade, rodeado de campo, árvores nativas e muitos animais. Era afastado de outras residências e muito escuro. Lembro de acordar, certa feita, com um grito que vinha de longe. Era um grito feio. Acordava de um sono profundo, estava bastante dormido ainda, naquele estágio em que não se sabe que horas são, onde está e nem direito quem se é. Ouvi outra vez o grito e, tal qual o relato, agora mais perto. Ouvi pela terceira vez e comecei a arrepiar todos os pelos do corpo. Acordei de vez! Na quarta vez que escuto, já bem desperto, reconheço o cantar de um galo. Era um cantar feio, quase irreconhecível. Não faço ideia do que aconteceu com esse galo para cantar de maneira tão rara. O fato é que, diferente dos outros relatos, esse animal era apenas um galo.

Na chacarera *“Pa los pagos del Loreto”*, faixa 02 do Canto y Camino, cito essa lenda, a da salamanca e a que segue - kakuy - na mesma estrofe:

*“Los gritos del almamula  
La salamanca, el zupay  
Espantos y brujos del monte  
Y el Kakuy con su Turay”*

\*\*\*

## KAKUY

A lenda do Kakuy também tem relação com o incesto, ainda que muitas vezes seja contada de forma mais lúdica e adequada para as crianças. Trata-se do casal de irmãos Kakuy e Turay que ficaram órfãos ainda pequenos. Cresceram no meio do monte santiagueño, longe de qualquer vilarejo habitado, expostos a todos os riscos que oferecia o lugar. Segundo contam, Kakuy, o homem, desde pequeno se ocupava da caça, da plantação do maíz, buscava mel e água fresca. Turay, a irmã, cuidava dos afazeres do lar enquanto ele estava fora.

O irmão se tornava cada vez mais amável e solícito, enfrentando o que precisasse para levar sempre o melhor que pudesse para a casa. A melhor caça, a água mais fresca e cristalina, algarrobas doces, mistol<sup>10</sup>, mel, tuna... Kakuy trazia tudo que podia e já não media esforços para encontrar do melhor. Turay notava que o irmão a tratava cada vez mais caprichosamente e já a observava com desejo. Começou a se blindar e silenciosamente a se defender. A relação foi piorando. Kakuy voltava depois de largo dia de trabalho trazendo tudo que podia, mas já não encontrava nada em casa. A carne estava apodrecida, não tinha doce de algarroba, o mel havia acabado, assim como o mistol e até mesmo a água fresca. Tudo de propósito como forma de defesa de Turay, para ver se lhe afastava o interesse por ela.

Um dia, cansado da forma como estava sendo tratado e recebido pela irmã, sem ter sua cordialidade e anseios correspondidos, contou para Turay que havia encontrado uma árvore milenária, bastante longe. Procurou as melhores palavras para descrever a qualidade do mel lá avistado. Conseguiu convencer Turay a acompanhá-lo.

Saíram na manhã seguinte, bem cedinho. Kakuy, muito conhecedor do monte, foi guiando. Apesar de calados, todo o esforço de Kakuy para convencer Turay a fazia crer que seu irmão estava mais amável e atencioso. Caminharam por horas até chegar na árvore milenária. Era imensa. Kakuy apontou para o topo da árvore dizendo que lá estava o mel mais puro que alguém poderia encontrar. Turay, que nunca havia afastado tanto seus pés da terra, começou a subir, com ajuda de seu irmão. Quando chegou no último galho, Kakuy começou a descer, quebrando todos os galhos que poderiam servir de apoio para sua irmã. Sem olhar para trás, foi-se até se perder na paisagem. Turay, com gritos de lamento, chamava Kakuy, buscava por seu irmão. As horas foram passando, a noite chegando e ela sozinha no topo da árvore, sem nenhum sinal de Kakuy. Já tonta, atordoada pela condição que se encontrava, percebeu, como num soco, uma mudança em seu corpo, agora repleto de penas, sua boca como um bico e, ao invés de braços, asas. Um grito parou a noite. Triste, do mais profundo lamento como quem implorava pelo retorno do Hermano Kakuy, que nunca mais apareceu. Ela se transformou na ave de triste canto, noturna, camuflada nos galhos, imperceptível e por isso, quase impossível de encontrar.

Essa ave é conhecida em Santiago del Estero como Kakuy. Também chamada de Urutau e em alguns lugares do Brasil como mãe-da-lua. Tem o canto triste e hábitos noturnos. De dia, camufla-se nos galhos das árvores sendo muito difícil encontrá-la.

Há muitas músicas que falam do Kakuy. A que teve maior repercussão se chama Hermano Kakuy, é uma chacarera simples, escrita por Juan Carlos Carabajal e que ficou conhecida nas vozes de Jacinto Piedra e Peteco Carabajal.

\*\*\*

---

<sup>10</sup> Fruta avermelhada pequena e doce. Junta-se do chão as já maduras.

## TANICU

No primeiro domingo de outubro, é comum encontrar os moradores de Salavina com mesas fartas, abundância de comida e bebida. Isso porque, segundo a crença, é o dia em que Tanicu passa por Salavina.

Ele é a representação da miséria, da escassez. Também chamado de deus da carestia, protetor quando há oferenda e castigador quando não prestam a devida homenagem. Contam que, se Tanicu entra em uma casa onde não tenha comida, nela fica e permanece até outubro do ano seguinte, trazendo miséria e escassez. Já, quem oferece com fartura, a esses não lhe faltará alimento durante todo o ano.

Alguns dizem que a figura do Tanicu é de um homem magro e baixo, aparentemente faminto. Também dizem que vem montado em algum animal como uma cabra que se aproxima das casas ao escutar o som do moinho moendo o milho. Se alimenta dos grãos que caem ao redor desse moinho. Contam que ele fica desgostoso quando batem o moinho vazio sem grãos, já que não encontra alimento. É a festa da abundância e da alegria. Cozinha-se o suficiente para sobrar. Receitas populares, características do local como o locro, a chanfaina<sup>11</sup>, empanadas, tortillas salavineras. É de costume também a música e a dança.

Hoje em dia, o festival do Tanicu em Salavina é organizado no segundo fim de semana de outubro. Os motivos são para preservar o primeiro domingo como festa apenas local, mas também por questões comerciais, quando as pessoas já receberam seus salários e podem viajar a Salavina para festejar. La Fiesta de Tanicu cresceu muito nos últimos anos, sendo uma das festas que mais atrai turistas de toda a província de Santiago del Estero, de Córdoba, de Santa Fé, de Tucumán. Toca-se chacareras, chamamés, guarachas. Há muita terra e é comum ver, durante a tarde, as pessoas acomodadas nas sombras dos Algarrobos. Costuma durar até o amanhecer de Domingo. Na chacarera “*Nidito Santiagueño*” cito a crença acima:

*“En mi casa no hay miséria  
Yo le he oferta'o a Tanicu  
El primer domingo de octubre  
Asadito, empanada y vino”*

\*\*\*

## PRIMEIRO DE AGOSTO E O CHÁ DE ARRUDA

O mês de agosto traz consigo certo receio referentes a doenças, pestes e enfermidades. É um mês onde muita gente adocece, vem a óbito. Acredita-se que tomar o chá de arruda – preparado preferencialmente a partir das plantas machos (folhas maiores) – assegura um ano a mais de vida. Por isso, há o costume de receber o mês de agosto tomando um bom *té de ruda macho*. De fato, escuta-se muito das abuelitas que “quem supera o mês de agosto, ganha mais um ano de vida”.

---

<sup>11</sup> Prato típico de origem humilde feito a partir dos menudos, vísceras do cabrito, fervidas, picadas e fritas.



A arruda, quando colocada em frente à porta de casa, é usada para afastar o mau-olhado, evitar o gualicho, quase sempre fruto da inveja alheia.

Primeiro de agosto também é conhecido por marcar o fim do período de seca. Em algumas regiões da Argentina e América Latina, é dia de celebrar a pachamama (madre tierra). Abre-se a terra para fazer oferendas e se pede licença para plantar. Também na chacarera Nidito Santiagueño o *té de ruda* em agosto:

*“Con tecito de ruda macho  
El mes de agosto recibo  
El 15 ando a Los Lagos  
Y al 20 ya me despido”*

\*\*\*

#### LA MUERTE DEL ANGELITO

Essa poderia ter sido uma das experiências mais marcantes em toda a estadia em Santiago del Estero. Por sorte, não precisei presenciar, apenas escutar. É considerado angelito a criança que morre muito pequena, sem cometer pecados, pura. É uma tradição muito antiga que vai se perdendo aos poucos, sobretudo por falta de rezadeiras, as protagonistas do velório.

Quando morre um angelito, não se deve chorar, mas sim celebrar. Dizem que o choro pode molhar suas asinhas impedindo-o de voar até o céu. Prepara-se todo o lugar onde é realizado o velório com lençóis brancos ou azul-claros, enfeitando com estrelas douradas ou prateadas. Uma mesa cumpre o papel de capela, adornada com velas e flores. Nela, põe-se o cadáver do angelito com um par de asas de papel para que possa voar.

Durante a noite, há comida e bebida, além de muita música e danças folclóricas. A cada tanto, entram as rezadeiras, quase sempre senhoras já com bastante idade, com voz gasta e afinação imperfeita, cantando alabanzas, bagualas bastante sentidas.

Ao amanhecer, canta-se o Triságio, hino em louvor à Santíssima Trindade. Os pais e padrinhos bailam muitas chacareras, com giros e vueltas para ajudar o vento a levar o angelito até o céu. Caso contrário, nas noites de frio, ele sente-se abandonado e pode vir a chorar perto do rancho dos familiares, pedindo abrigo.

Há muita festa, apesar da dor, afinal, o angelito cuidará de toda a família. A ele serão dirigidas as preces dos familiares que agora terão alguém que interceda junto a Deus.

\*\*\*

#### FESTAS POPULARES

Em toda a província de Santiago del Estero é comum encontrar festas populares que começam já nos primeiros dias de janeiro se estendendo até os últimos dias de dezembro.

O ano começa com o tradicional Festival de la Chacarera, na capital Santiago del Estero. Os meses de janeiro e fevereiro são bastante agitados. Cada pueblo tem seu aniversário muito bem comemorado, seu santo para oferecer rezabales, regado a chacareras, chamamés e guarachas.

Conheci algumas dessas festas. As Trincheras de Salavina e também o Tanicu, na mesma cidade. As Trincheras de Brea Pozo, o festival de Atoj Pozo, aniversário de Chilca Juliana, a Salamanca em La Banda, o Festival Loretano, a festa da Virgem de Loreto, a festa de Juanillo e também de Medellín. Enfim, são inúmeros festivais durante todo o ano.

Em agosto se comemora o aniversário da Abuela Carabajal, família de muitos músicos referentes e importantes no folclore santiagueño. É realizado em agosto em Los Lagos, humilde bairro na cidade de La Banda. Também há importantes comemorações no mês de julho como a Marcha de Los Bombos, aniversário da Sachaguitarra, em Atamisqui, o aniversário de Santiago del Estero dia 25...

Também têm destaque os festivais de Ojo de Agua, Sumampa e Mailín. São santos populares o San Gil, San Esteban, Gauchito Gil, Telesita, Virgen de Loreto, Mama Antula...

\*\*\*

#### COMIDAS E BEBIDAS Y OTRAS COSITAS MÁS

- **ALGARROBA** (BLANCA OU NEGRA) – Fruto bastante doce da árvore algarrobo – verão.
- **AÑAPA** – Sobremesa feita a partir da algarroba
- **ARROPE** – Tem a espessura de mel. Pode ser feita de chañar, algarroba, mistol, tuna. Alguns casos, servem para fins medicinais.
- **GUISO** – Comida muito popular. Como um carreteiro, bastante condimentado. Pode ser feito com massa ao invés de arroz.
- **MATE DULCE** – Mesmo que chimarrão, porém com açúcar ou adoçante, pode-se acrescentar poleo, cedrón e outros yuyos.
- **MAZAMORRA** – Como uma canjica. Comida humilde, rica em nutrientes, de origem inca.
- **PATAY** – Doce feito a partir da algarroba.
- **QUEBRACHO** - Árvore de madeira muito dura. Foi muito usada para os dormentes dos trilhos de trem e para móveis. Também se usa para fabricar o aro do bomboletero
- **ROSQUETE** – Doce loreetano feito com farinha, anis, graxa de vaca ou manteiga e uma espécie de glacê. Tem forma de rosca, como um donuts.
- **TUNA** – Vermelha e amarela. Fruta com muitos espinhos finos que causam dor e coceira. Necessário cuidado para colher e descascar.
- **VINO SODEADO** – Vinho misturado com água com gás e gelo. Também costumam tomar com Fanta ou Sprite.

\*\*\*

## MÚSICAS COM TEMAS DE LENDAS E CRENÇAS

- **ALMA DE REZA-BAILE** - (chacarera simples) Agustín e Carlos Carabajal
- **CHACARERA DEL CRESPÍN** - Santiago Suarez
- **DIGO LA MAZAMORRA** - (Canción) Antonio Esteban Aguero e Peteco Carabajal
- **DIGO LA TELESITA** - (Chacarera doble) Marcelo Mitre
- **ESCONDIDO DE LA ALABANZA** - (escondido) Carlos Carabajal e Hnos Simón
- **HERMANO KAKUY** - (chacarera simples) Juan Carlos Carabajal e Jacinto Piedra
- **LATENTACIÓN** - (chacarera simples) Elpidio Herrera
- **TELESITA** - (chacarera simples) Agustín Carabajal e Andrés Chazarreta
- **TRADICIONES SANTIAGUEÑAS** - (chacarera doble) Pablo Raúl Trullenque e Carlos Carabajal

\*\*\*

## ALGUNS ARTISTAS RECONHECIDOS E REFERENTES MEUS:

**Carlos Carabajal:** Natural de La Banda, é conhecido como El Padre de la chacarera. Folklore tradicional, na sua grande maioria com violão, bombo leguero e violino. Certas vezes , também usa bandoneón.

**Roxana, Demi e Peteco Carabajal:** Todos filhos de Carlos Carabajal. Acrescentaram violino elétrico, bateria, baixo e guitarra elétrica. Trouxeram modernidade mantendo raízes.

**Los Manseros Santiagueños:** Grupo antigo muito tradicional e respeitado na província.

**El Vislumbre del Esteko** - Liderado por Santiago Suarez, filho do folklorista Chingolo Suarez, é um grupo jovem que atrai uma legião de seguidores fanáticos. Usam guitarra elétrica, uma estética vocal que se aproxima ao rock e fazem shows com muita energia. Agregaram o ritmo da guaracha no repertório, também incorporando elementos do rock.

**Orellana-Lucca** - Um dos duos que mais atrai público para os festivais. Trazem muita energia, modernidade e mantêm raízes.

**Duo Coplanacu** - Duo que trabalha muito o contraponto vocal, inspirados pelo Duo Salteño. Aproximam-se mais de uma estética tradicional à moderna.

**Nestor Garnica** - Violinista responsável por trazer muita virtuosidade ao repertório santiagueño. Quase sempre é atração nos festivais.

**Horacio Banegas** - Fez muitas misturas rítmicas, acrescentou distorção e guitarras nas chacareras e também trouxe muitos seguidores jovens aos festivais. Toca com os filhos Jana (guitarra e voz) e Mono (baixo e voz) .

**Duo Suarez Palomo** - Duo antigo, bem santiagueño e tradicional. Dizem que é a cara de Santiago del Estero. Muita energia, alegria, diversão e piadas no palco. Muita chacarera, gatos, zambas e escondidos. Os dois são falecidos.

**Juan Carlos Carabajal** - Compositor de grandes sucessos espalhados pelo cancionero santiagueño.

**Don Sixto Palavecino** - Importante violinista de Salavina. Responsável por incorporar o idioma quíchua santiagueño nas letras. Criador do Alero Quíchua, um programa de rádio transmitido no mesmo idioma, quando falá-lo ainda era quase proibido, ou motivo de vergonha.

**Chingolo Suarez** - Natural de La Banda, é folklorista, maestro rural e compositor de grandes temas do cancionero santiagueño.

Acrescento também aqueles já citados no decorrer da história: **Jacinto Piedra, Rally Barrionuevo, Elpidio Herrera, Marcelo Mitre.**

\*\*\*

#### BIBLIOGRAFIA:

- **El País de la chacarera** - Walter Soles. - 1ª ed. - Santiago del Estero: Lucrecia Editorial, 2011.
- **Cuentos y Leyendas Santiagueñas - Costumes, Creencias y Mitos** - Chingolo Suarez. - 1ª ed. - Santiago del Estero: Marcos Vizoso, 2004.
- **Geografía Ecológica y Económica de Santiago del Estero** - Néstor René Ledesma. - 1ª ed. - Córdoba: Encuentro Grupo Editor, 2012
- **Juan de los Caminos** - Juan Carlos Carabajal. - 1ª ed. - Santiago del Estero, el autor, 2014.
- **La Pucha con el Hombre** - Pablo Raúl Trullenque. - 1ª ed. - Santiago del Estero: Lucrecia Editorial, 2014.
- **Este Largo Camino - Memórias** - Atahualpa Yupanqui. - 1ª ed. - Buenos Aires: Cántaro, 2008.
- **Investigación Artística en Música - problemas, métodos, experiencias y modelos** - Rubén López-Cano e Úrsula San Cristóbal Opazo. - 1ª ed. - Barcelona, 2014
- **O Caminho do Artista** - Julia Cameron. - Rio de Janeiro: Sextante, 2017.

#### Sites consultados:

<https://cantoycamino.wordpress.com/>

<https://www.folkloredelnorte.com.ar/canfoarg.htm>

<http://www.aleroquichua.org.ar/sitio/index.php>

<https://www.facebook.com/marcos.saporiti.9/>

<https://www.instagram.com/marcossaporiti/>

<https://www.youtube.com/user/Thefs08340>

<http://www.nuevodiarioweb.com.ar/noticias/2017/08/01/104937-te-de-ruda-una-costumbre-que-se-mantiene-intacta-con-los-anos>